



LAURA VILLELA

Por Acaso
era Amor



PERIGOSAS NACIONAIS

Por Acaso Era Amor

1 Edição

Laura Villela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Copyright © 2019 Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas, e acontecimentos reais é mera coincidência. Qualquer outra obra semelhante, como essa será considerado plágio, como previsto em lei. Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009 Todos os direitos reservados. É proibido armazenamento e/ou reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento do autor. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

PERIGOSAS ACHERON

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Catorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis.](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Epílogo](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Prólogo

Eu não deveria ter me importado com o comentário. Nada que é dito por uma mulher depois de três canecas de cerveja preta em seguida deve ser levado em consideração. Por esse motivo, eu realmente não deveria ter me importado. Mas, de alguma forma indo contra todo o meu raciocínio lógico eu me importei.

- Você é realmente virgem? – perguntou novamente Samanta dessa vez muito mais alto. Eu poderia jurar que a mesa ao nosso lado tinha ouvido aquela pergunta estúpida. Por um breve momento me imaginei pegando aquela caneca de cerveja e derramando pelo seu cabelo liso artificial borrando sua maquiagem noturna, apenas para me sentir melhor, mas não fiz nenhuma dessas coisas, simplesmente olhei para o meu sem graça suco de laranja mexendo com o canudo como se minha vida dependesse daquilo.

- Realmente eu não vejo nenhuma importância nisso – respondi tentando desviar o assunto pelo que deveria ser a milésima vez – não é realmente

PERIGOSAS NACIONAIS

grande coisa. Eu sou virgem ok? E daí, não é como se tivesse ganhando um troféu de pureza ou algo do tipo. Não vou cair nessa pressão mundial de ter de fazer algo forçado por uma maioria.

Para meu espanto Samanta não respondeu imediatamente ela simplesmente tomou mais um gole de sua bebida com tanta graça que nem ao menos ficou com bigode de espuma. Eu desejei que ela se engasgasse.

- Essa foi a típica resposta de uma feminista que ainda não conheceu os prazeres de um homem – respondeu a mulher a minha frente sorrindo como se conhecesse um segredo do universo que ainda não havia sido revelado para mim – Ou seja, tecnicamente você ainda não é uma ‘mulher’

Samanta enfatizou a palavra ‘mulher’, achei aquilo completamente infantil da parte dela, mas de alguma forma me senti na obrigação de continuar aquela estúpida discussão.

- Eu não tenho nada de diferente de você – respondi dessa vez um pouco mais rápido, isso sempre acontecia quando eu estava irritada – Um útero, duas trompas, óvulos.

- Na escala evolutiva eu provavelmente devo estar uns mil anos a sua frente Liz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dessa vez eu tive de morder a língua para não responder, se ela estava mil anos a minha frente, porque sempre me pedia ajuda desesperada para estudar para as provas no final dos semestres? E não ia nem mencionar o fato de que eu nem fazia o mesmo curso que ela.

Emburrada empurrei meu suco para longe, o canudo havia sido tão espremido que provavelmente nenhum líquido iria mais sair ali. De repente eu estava completamente arrependida de ter aceitado o convite de Brenda para sair aquela noite. Tentei não me martirizar listando mentalmente as milhares de coisas legais que podia estar fazendo em casa naquele momento, enquanto olhava pra minha amiga que me ignorava completamente. Brenda parecia estar hipnotizada por alguém que estava sentado no balcão apenas alguns metros a distância, muito lentamente ela bebeu sua vodca. O fato dela conseguir ingerir tanto álcool e ainda permanecer sobria era um dos grandes mistérios da ciência.

- Parece que nossa pequena separação fez muito bem ao David – disse Brenda de repente, como se nós estivéssemos realmente conversando sobre aquilo já algum tempo.

PERIGOSAS ACHERON

Samanta virou levemente seu corpo olhando para trás, ela estava sorrindo quando respondeu:

- Ouvi dizer que ele estava fazendo um trabalho de campo em outra universidade talvez isso explique o bronzeado, e se você for ficar com ele poderia conseguir o nome e o telefone do loiro ao seu lado não?

Brenda riu bebeu mais um pouco balançando o cabelo, ao longe eu pude ver David com o olhar fixo em minha companheira de quarto. Duas semanas atrás ela havia terminado com ele para ficar com algum calouro, mas a brincadeira parecia ter acabado pra Brenda. Analisando a situação eu desejei não saber tanto da vida sexual da minha amiga. Era extremamente embaraçoso. Embora provavelmente somente eu me sentisse dessa forma.

- Liz, você se importa se levar meu carro embora? – perguntou Brenda, como se tivesse acabado de me enxergar ali pela primeira vez.

Dei de ombros, aquele era o tipo de favor que eu vivia fazendo a Brenda e realmente não me importava, agora ao menos eu tinha a desculpa perfeita para ir embora dali.

- Isso mesmo Liz, crianças devem dormir cedo.

Não tenho a menor ideia do motivo, mas Samanta riu escandalosamente do seu próprio comentário.

- Sobre o que foi isso? – perguntou Brenda. Ótimo agora eu iria ser dissecada como um rato de laboratório.

- Sua colega estava me contando que ainda é virgem. Apenas achei divertido afinal ela tem a mesma idade que a nossa, e bem eu não sei quanto a vocês, mas eu já completei alguns aniversários desde que era virgem.

Brenda riu como se eu fosse a piada mais engraçada do mundo. Realmente não conseguia entender o que era tão engraçado, nem o fato delas darem tanta importância a minha virgindade. Não era como se eu carregasse uma placa na testa pelo amor de Deus.

- Bem você pode estranhar – comentou Brenda – mas em se tratando dela não é algo tão difícil de entender. A única coisa com que a Liz se importa são seus cálculos, e fórmulas.

- Deveríamos arranjar alguém para ela sabe? Eu realmente me sinto na obrigação quando vejo uma companheira feminina nessa situação nessa idade.

- Não acho que seja uma boa ideia – respondeu

Brenda – ela só se interessa por pessoas com QI acima de 120, e provavelmente a gente só ia encontrar caras com esse perfil no laboratório de física, e bem eu aposto que nesse ponto eles estão tão interessados em perder a virgindade quanto ela.

Dessa vez a risada das duas realmente fez coro. Respirei fundo, toda aquela conversa era tão estúpida. Por que eu deveria dar atenção a duas mulheres que só pensavam em sexo? Eu conhecia Brenda desde sempre, sabia como era seus modos operandi em relação ao sexo oposto, e Samanta era só uma colega que algumas vezes pedia alguns favores. Não é como se a opinião de ambas significasse algo para mim.

Eu sabia muito bem que elas podiam rir da minha inexperiência naquele assunto, mas não era aquilo que iria me definir como uma verdadeira mulher. Eu sabia o valor das minhas notas, eu tinha algumas medalhas penduradas na parede do meu quarto para provar isso. Eu iria me formar com uma menção honrosa e sabia que Samanta ia ter de pedir misericórdia para passar aquele semestre. Só de pensar dessa forma eu já deveria me sentir melhor... Mas, a verdade é que não me sentia. Dessa vez as risadas realmente me incomodaram.

PERIGOSAS NACIONAIS

Acho que foi por isso que eu não percebi quando David e seu amigo sem nome se aproximaram da nossa mesa com sorrisos largos. Eles trocaram algumas palavras com Brenda e sua colega e logo eu estava sozinha sentada na mesa. Eu realmente tentei não me importar. Tentei analisar a situação com meu pensamento lógico. Repeti mentalmente as palavras que sempre usava para resolver meus problemas. Analisar, Quantificar, Resolver, Excluir.

Repeti isso varias vezes, mas não conseguia excluir aquela conversa e as risadas da minha mente. A verdade era que mesmo depois de permanecer alguns minutos sentada sozinha naquele bar eu só conseguia me focar no fato de que David e seu amigo não olharam nenhuma vez em minha direção. Era como se eu fosse invisível, como se eu não estivesse sentada naquele lugar...

Ou pior.

Era como se Samanta pela primeira vez na vida estivesse certa. E aquilo foi o suficiente para que uma ideia surgisse em minha mente.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Um

Era um bom plano.

Na verdade, era um ótimo plano, e quanto mais eu olhava para o esquema que havia passado boa parte da madrugada construindo eu tinha certeza que iria dar certo.

Por ser um hábito que eu sempre repetia corrigindo meus trabalhos da faculdade, olhei para as três páginas posicionadas corretamente sobre minha escrivaninha, procurando nas frases bem distribuídas erros ortográficos. O computador fazia um papel fantástico corrigindo a maioria deles, mas mesmo assim sempre ficava com a impressão de que algo havia me escapado. Eu simplesmente detestava aquela impressão.

Li o texto mais uma vez enquanto meus dedos buscaram a caneca branca a minha frente. O café há muito tempo havia esfriado, tornando-se algo negro sem gosto e insípido que fazia com que eu perdesse totalmente a vontade de tomá-lo. Eu precisava de outra xícara de café antes de realmente começar o dia oficialmente e talvez uma opinião a respeito das PERIGOSAS ACHERON

folhas que carregava cuidadosamente na mão esquerda. Embora estivesse claro que qualquer pessoa concordaria com meu plano. Era prático, envolvia poucas pessoas, e a longo e curto prazo resolveria completamente todos meus problemas. Definitivamente aquelas eram as características de um bom plano.

Abri a porta do meu quarto, passando pelo corredor estreito olhei de relance para o quarto de Brenda, a porta estava entreaberta, mas a cama continuava arrumada o que significava que ela não havia passado a noite em casa mais uma vez. Não podia dizer que estava surpresa com aquilo.

Na minúscula cozinha deixei as folhas cuidadosamente sobre a mesa que eu fizera questão de limpar na noite anterior. Enquanto abria os armários em busca de café, ouvi a porta da frente ser fechada com um pequeno baque e logo em seguida um gemido prolongado que parecia mais com um de um animal ferido.

Instantes depois Brenda surgiu cambaleante em frente ao batente da cozinha, uma massa de cachos descabelados coroavam sua cabeça, seu rosto estava levemente inchado, e o delineador havia escorrido formando um pequeno rastro negro

contra sua pele. Nesse estado cheirando a cerveja, e Chanel ela deveria parecer um desastre, mas com profundos olhos verdes e um corpo deslumbrante, ela se encontrava com uma aparência melhor do que a minha que calçava pantufas de coelhos e calças de lã.

- Café – gemeu Brenda segurando a cabeça com as mãos como se essa pudesse sair rolando do seu pescoço a qualquer momento – Por favor, me diga que tem café em casa. Minha primeira aula é daqui 40 minutos e não vou sobreviver até lá sem isso.

- Mais três minutos – eu respondi colocando o pó na cafeteira elétrica. Era muito cedo, e eu conhecia Brenda há muito tempo pra realmente me importar com seu melodrama barato.

- Você é uma santa Liz, eu já disse isso alguma vez para você? Realmente uma santa, eu deveria escrever uma carta para o Vaticano eles deveriam canoniza-la, ou qualquer outra coisa que eles façam com os santos.

- Não sou católica Brenda, e você também não é, acredito que isso seja algo destinado apenas aos católicos - respondi de maneira sarcástica, deixando que o aroma de café fresco invadisse toda a cozinha. Já me sentia bem e acordada olhando

lentamente o líquido negro e fumegante escorrendo para a pequena cafeteira de vidro.

- Ah que seja – Brenda balançou os ombros como se realmente não ligasse para isso e largou-se desajeitadamente sobre a cadeira da pequena mesa redonda – Meu Deus minha cabeça vai partir ao meio.

- Não, ela não vai biologicamente é impossível que uma cefaléia produza tal efeito – respondi ironicamente – Eu realmente não entendo porque exagera tanto sempre que vai para alguma festa.

- Desse jeito eu vou ter que revogar sua canonização Liz – respondeu minha companheira de quarto lançando-me um olhar torto. -Você parece a minha mãe falando desse jeito.

Ignorei completamente o comentário e enchi até a borda duas xícaras com café fumegante e entreguei a Brenda sentando a sua frente na mesa.

- Você realmente parece bem arrasada dessa vez. – comentei tomando um gole de café o observando estado da minha colega.

- Oh Deus eu realmente me sinto arrasada, eu juro que nunca mais vou tomar tequila, durante o resto da porcaria dos meus dias na Terra.

- Aposto que você deve ter tomado muito mais

do que tequila. Bem julgando a dor de cabeça que você diz que está sentindo.

- É verdade – gemeu Brenda, tomando um longo gole de café, fazendo uma careta, um rubor vermelho subiu por seu pescoço e seus olhos ficaram lacrimejantes.

Realmente não conseguia entendê-la, e há muito tempo tinha abandonado minhas tentativas. Nunca havia ficado bêbada em toda minha vida, e realmente não conseguia compreender como alguém podia querer se colocar naquela situação de livre e espontânea vontade, e embora Brenda jurasse quase todas as manhãs desde o primeiro ano da faculdade que não voltaria mais a fazer isso, ela vivia quebrando sua promessa frequentemente quase todas as noites. Era realmente incompreensível.

- Pelo menos eu consegui ver o professor Steven bêbado - comentou Brenda sorrindo imensamente para sua xícara de café – Você acreditaria se eu contasse que ele dançou a Macarena sem camisa? Espero que alguém tenha gravado e coloque no youtube. Esse tipo de coisa deve ser guardado para a posteridade.

- O professor Steven, do laboratório de Ciências

PERIGOSAS NACIONAIS

avançadas? – perguntei incrédula tentando imaginar o delicado senhor de cabelos grisalhos sem camisa dançando a Macarena e falhando miseravelmente.

- Ele mesmo, eu aposto que nesse momento ele deve ter a mesma opinião que a minha a respeito de dores de cabeça que podem partir nosso cérebro ao meio.

Piscando rapidamente numa tentativa de fazer o meu cérebro voltar a funcionar novamente bebi meu café queimando a ponta da minha língua.

- Mas e você? – perguntou Brenda levantando-se e servindo sua segunda xícara de café da manhã. Ela funcionava a café e salgadinho, como conseguia permanecer magra daquele jeito era um mistério, minha teoria era de que ela tinha um metabolismo acelerado. A sorte realmente pertencia a poucos. – Me surpreenda e me conte que saiu para se divertir uma vez.

- Não tenho tempo pra festas Brenda. Não nos últimos três meses de faculdade. Você sabe que eu ainda estou escrevendo minha tese para ser aceita na pós-graduação.

- Eu disse que era para você me contar uma novidade – Brenda sorriu perversamente enquanto voltava a se sentar na minha frente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Certo – eu resmunguei enquanto empurrava meu minucioso plano imprimido até sua frente – Dessa vez eu não trabalhei só na minha tese. Também montei algumas metas, e queria sua opinião.

- Elizabeth Jane montando metas aposto que elas envolvem a conquista do Nobel da física antes dos quarenta.

Eu preferi não responder. Brenda sorriu pegou meus planos nas mãos e começou a lê-lo tomou um imenso gole de café e logo em seguida engasgou-se profundamente derrubando a xícara na mesa.

- Mas que merda é essa? – perguntou quase gritando enquanto secava as mãos vermelhas em sua blusa.

- O que? O que foi? – respondi horrorizada, enquanto observava as manchas cor de madeira nas minhas folhas que haviam sido brancas um minuto atrás.

- Você... Você não pode ta falando serio Liz, isso... Isso seria muita maluquice até mesmo pra alguém como você.

- Por quê? – respondi mal humorada – você nem ao menos acabou de ler ele por completo. É completamente aceitável.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Aceitável? – O rosto de Brenda parecia realmente assustado, ela não parecia estar tirando sarro de mim como normalmente fazia – Oh bom Deus isso só vai fazer minha cabeça doer ainda mais. Ok, Liz venha aqui precisamos conversar...

- O que tem de errado com meu plano? – perguntei interrompendo Brenda tentando realmente entender enquanto corria os olhos pelo texto agora com imensas manchas de café.

- Ta tudo errado basicamente. está tudo absolutamente errado. Isso não é o tipo de coisa que uma garota faz sabe? Talvez para um homem não fosse tão estranho... Mas, definitivamente uma garota não faz isso.

Olhei torto para ela enquanto tentava limpar do meu trabalho as manchas com um guardanapo de papel. Parecia estar ficando pior.

- O que foi? Não me olha desse jeito! Numa escala de zero a dez, você é um sete. Com maquiagem oito e meio com certeza. Você não tem que ficar desesperada e colocar algo como isso em prática, a única coisa que precisa fazer é sair mais, conhecer alguns caras.

- Isso não tem nada a ver comigo, e seu ranking ilógico de beleza. Eu não tenho tempo para ficar

PERIGOSAS ACHERON

conhecendo pessoas.

- Isso tem tudo a ver com você Liz! Afinal você é a única pessoa dentro dessa sala que montou um dossiê para perder a virgindade com um garoto de programa!

Houve um minuto de silêncio bastante embaraçoso entre nós duas, enquanto nos olhávamos. Eu nunca havia sido muito boa para sustentar olhares então simplesmente desviei o meu e comecei a limpar a bagunça com café que Brenda havia feito. Na dúvida eu preferia continuar me movendo.

- Qual o problema com isso? – refiz minha pergunta enquanto lavava nossas canecas. – É uma solução perfeitamente aceitável. Alguém está oferecendo um serviço e eu posso pagar. Nada mais do que uma transação de negócios.

- Liz – gemeu Brenda como se aquele assunto realmente lhe atormentasse - Porque isso não tá certo ok? É a sua primeira vez, vai se lembrar dela para sempre, não pode ser com um total estranho... Tem que ser com alguém que realmente goste.

- Essa pessoa não existe e no momento eu não tenho tempo nem animo para me envolver amorosamente com alguém.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Então por que quer perder sua virgindade dessa forma? Como isso pode ser tão importante de uma hora para outra?

Brenda realmente parecia frustrada, seus olhos verdes estavam muito abertos e talvez se ela tirasse toda aquela maquiagem em cima dos olhos ela pudesse parecer a garotinha que costumava andar de bicicleta comigo quando éramos criança.

Eu suspirei e voltei a me sentar em frente a minha colega de quarto. Eu havia treinado aquela resposta pelo menos uma dúzia de vezes em frente ao espelho. Aquilo estava sendo muito mais complexo do que eu imaginara, mas não podia me abalar. Eu tinha certeza de que seguir o plano seria minha melhor alternativa naquele momento.

- Eu analisei o que a Samanta me disse, e cheguei a conclusão de que preciso mudar algumas coisas na minha vida. Eu tenho vinte e três anos, e preciso dessa experiência para me sentir completa comigo mesma!

- Por favor, Liz, - respondeu Brenda – você não pode levar a sério o que a Samanta disse numa conversa de barzinho duas semanas atrás! Ela estava bêbada, eu estava bêbada! Ser virgem não é um problema, como você está fazendo parecer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Você é virgem? – perguntei já sabendo a resposta.

- Bem, não... por favor, você sabe muito bem que não sou!

- Aposto que não é virgem há um bom tempo. Se tivesse de dar meu palpite eu diria que você não é mais virgem desde antes a gente ter se formado no colegial.

- Você tem razão, mas veja bem, estamos falando de você e não de mim... Isso...

- Sexo é um dos instintos básicos do ser humano – eu respondi interrompendo Brenda, usando o tom de voz que sempre assumia quando falava sobre meus trabalhos com meu professor – Todo mundo já nasce pré-programado pra executar isso. Eu não quero ser a única garota de vinte e três que ainda não foi capaz de fazer algo gravado no meu DNA.

-Liz você está falando como se ir pra cama com alguém, fosse algum tipo de experiência científica. Isso não pode dar certo. Eu poderia enumerar milhares de tópicos dos motivos que isso vai dar errado.

- A idéia é mais ou menos isso. Embora eu não usasse a palavra experiência – eu respondi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

simplesmente – É mais como um meio pra obter um fim desejado. Convenhamos fazer sexo também não deve ser tão complicado.

- Essa é a coisa mais fria que já ouvi em toda minha vida. – respondeu Brenda empurrando sua xícara de café pra longe.

- O que eu quero fazer, não é muito diferente do que você faz, saindo toda noite e ficando com um cara diferente. A diferença é que vou pagar pra alguém, assim poderei escolher e depois não me arrepender da minha decisão. Como um produto comprado numa loja. Eu realmente não sei porque você está me criticando.

O rosto de Brenda se fechou, ela passou a mão nos cabelos abaixando o volume deles e desviou o olhar. Eu nunca iria entender o motivo dela ficar chateada sempre que alguém lhe explicava os fatos.

- Quer saber você é maior de idade e pode fazer muito bem o que quiser perante a lei. Isso incluiu pagar um cara pra te levar pra cama. Só espero que você não seja morta tentando fazer isso, porque sinceramente eu iria detestar ter de ir ao seu funeral. Eu provavelmente teria de usar somente minhas calcinhas, porque além delas eu não tenho mais nada preto no meu guarda-roupa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sem dizer mais nada ela se levantou da mesa e caminhou a passos duros para o seu quarto fechando a porta com um baque completamente desnecessário.

Fechei a boca que não havia percebido que estava escancarada e olhei duramente para a porta fechada do quarto de Brenda. Era inútil ficar chateada com aquela discussão, afinal de contas eu realmente estava disposta a pagar para um homem me levar para cama, e como isso era uma verdade não havia motivos para magoas. Afinal contra os fatos não havia argumentos.

Arrumei a contragosto as folhas destroçadas do meu trabalho. Se ao menos ela tivesse terminado de ler meu relatório de metas, poderia entender que eu havia tomado todas as precauções quanto aos perigos que poderiam me ocorrer, e havia levado isso muito em conta. Ou ela também achava que eu no final das contas faria sexo sem camisinha? Por favor, eu tinha feito um relatório!

Levantei-me irritada da cadeira da cozinha, rasguei meu relatório em pequenos pedaços e joguei-o fora no lixo sobre a pia. Eu tinha uma copia no meu notebook naturalmente e mais da metade dele gravado na minha cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não importava o que Brenda achava, se ela tivesse lido o relatório completo, e usasse um pouco da razão, e senso prático poderia ver que aquele era um bom plano.

Mas infelizmente as pessoas nunca terminavam de ler os relatórios.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Dois

Fechei a porta do meu quarto, com um pouco mais de força do que o necessário. Em cima da minha escrivaninha o computador estava aberto exatamente nas páginas do relatório que eu acabara de rasgar na cozinha, com apenas um clique mandei imprimi-lo novamente ouvi o farfalhar da impressora sugando as folhas de sulfite. Agora que estava realmente decidida precisava colocar o plano em ação. Tudo deveria ser feito com muita paciência e eu precisava estar atenta aos mínimos detalhes. Eu não tinha o luxo de errar numa situação como essa.

O sol invadiu as janelas sem cortinas do meu pequeno quarto, a cama estava bagunçada e uma parte do meu edredom pendia frouxamente em direção ao chão. Lá fora eu podia ver o começo da copa das árvores, a maioria das folhas já começava a apresentar um tom forte de marrom, e logo elas iriam mudar atingindo tons profundos de laranja, vermelho e amarelo.

Aquela era minha época predileta do ano,
PERIGOSAS ACHERON

quando as cores das folhas das árvores contrastavam com um céu límpido e o vento era cortante e deixava tudo sempre em movimento. Por um minuto desejei não ter nenhuma preocupação vestir meu casaco, pegar um bom livro na minha prateleira e sentar em alguma praça com todo tempo do mundo para devorá-lo. Mas, sabia que não conseguiria me acalmar até colocar meu plano em prática.

Eu realmente não me importava com quem iria perder minha virgindade, mas se algo como aquilo fosse acontecer então pelo menos que eu pudesse escolher ao menos o outono, então de alguma forma com o tempo aquilo iria se transformar numa boa lembrança.

Sentei na cama bagunçada olhando de maneira desejosa para a enorme pilha de travesseiros. De repente eu me sentia muito cansada. Havia passado metade da noite trabalhando, a energia que acabara de ingerir com minha xícara de café parecia ter ficado pra trás perdida na minha discussão com Brenda.

De certa forma eu havia acreditado que ela iria entender. Podíamos não ser melhores amigas, ou conversarmos o tempo inteiro, mas ela me conhecia

há bastante tempo. Será que ela não podia entender, que toda aquela historia, de amor, e felizes para sempre para mim nada mais era do que um fardo?

Assim como a virgindade. Eu era uma garota de vinte e três, que nunca me apaixonara, os beijos que havia dado foram para suprir com a necessidade de ser aceita numa sociedade onde todo mundo só pensava na mesma coisa. Amor.

Eu não queria me apaixonar. Não porque considerasse aquilo algo ruim, apenas porque eu não tinha tempo, e nem mesmo vontade. O que realmente tinha de tão bom assim em amar alguém? Eu não sabia responder. Eu era uma pessoa objetiva e prática demais, pra entender sentimentos tão complexos quanto o amor e a paixão, e no momento estava focada demais em meus estudos pra realmente transforma-lo em algo como um objetivo.

Se vivêssemos numa sociedade justa, e se as pessoas não fossem tão guiadas por seus instintos isso não deveria importar, mas eu já havia passado pela minha parcela de situações constrangedoras. Nunca havia sido muito próxima, ou realmente tivera um grupo de amigos. No colegial eu estava envolvida demais com minhas atividades

extracurriculares tentando conseguir uma boa colocação na faculdade para me importar com festas.

Uma vez Brenda me perguntara se eu não havia sentido falta. Eu não entendi muito bem o que ela quis dizer. Supostamente eu deveria sentir falta do que? Estava fazendo exatamente aquilo que desejava eu não precisava de amigos, para realizar minhas atividades, então realmente nunca senti falta deles. Assim como nunca quis um namorado.

Esses não eram pensamentos que eu normalmente eu dividia com as pessoas. Eu sabia que de certa forma havia algo diferente comigo. No colegial todas as garotas passavam a maior parte do seu tempo perseguindo os garotos, podiam ser vários alvos ou apenas um, mas sempre existia um alguém especial, um amor fosse ele inalcançável, platônico, correspondido ou não. Durante algum tempo eu havia sonhado pensando que isso iria diminuir na faculdade, afinal em teoria deveríamos todos ser maduros. Mas, eu estava enganada, os alvos e os amores continuavam a existir a única diferença era que esses duravam menos tempo.

Eu havia aprendido da pior maneira, que não devia contar as pessoas, que eu não saia, que não

gostava de festas, que não tinha um namorado. Eu tive de afastar os cupidos, como Brenda que em algum momento realmente decidiu que eu precisava de um namorado, mas no fim meu mal humor e minhas constantes recusas pareceram convence-la. Eu não queria um envolvimento emocional, e as pessoas simplesmente não entendiam o por que.

Então eu inventava desculpas, eu nunca podia sair, estava extremamente ocupada, tinha um trabalho para entregar, havia funcionado, na maioria das vezes.

Até aquela conversa no bar. Eu não conseguia tirar aquele assunto da minha cabeça. Talvez no final das contas houvesse realmente algo de errado comigo. Podia ser um motivo mesquinho e infantil, mas eu queria provar a mim mesma que era capaz de ir pra cama com alguém. Como qualquer garota da minha idade.

No fundo a virgindade não me incomodava. Quer dizer não era como se fosse um braço a mais me atrapalhando o tempo inteiro, mas eu havia ficado cansada de responder sempre a mesma coisa e ter de encarar um olhar doce de pena, que as outras garotas me lançavam quando tocávamos

nesse assunto. Aquele olhar longo de pálpebras meia encurvadas, que Samanta me dera, como se elas conhecessem um segredo que não podiam dividir comigo. Elas sorriam para mim e eram simpáticas comigo, mas no fundo eu sabia que elas davam graças a deus por não estarem em meu lugar.

A pobre nerd infeliz, e virgem.

Certo! Como se a felicidade dependesse de um par de calças e de seu conteúdo masculino. Infelizmente ninguém havia contado isso a metade da população feminina do mundo, e aqui estou eu sentada na minha cama, prestes a me formar na faculdade, e me preocupando com um assunto tão fútil quanto esse.

Eu deveria estar tomando banho e olhando na minha mochila para ver se coloquei meu caderno de anotações antes de ir para o laboratório, eu deveria estar terminando meu relatório final de semestre. Mas, eu havia decidido. Não importava o que as pessoas pensavam ao meu respeito eu poderia ter um namorado a hora que bem quisesse, eu não estava esperando nenhum príncipe encantado. Eu nem ao menos gostava de contos de fadas, nem mesmo quando criança. Eu era uma

mulher madura e podia muito bem resolver esse tipo de coisa. Perder a virgindade, por exemplo. Simples.

Me levantei motivada e fui para a frente do computador. Eu não precisava olhar no relatório para saber o que precisava fazer naquele momento, o relógio em cima da minha mesinha de cabeceira marcava oito da manhã. Eu tinha tempo para fazer uma pesquisa e ela precisava ser minuciosa.

Eu não iria ficar esperando algum homem que estivesse disposto a se envolver sentimentalmente comigo. Isso seria muito íntimo, e além do contato físico e realmente não estava disposta a nada mais. Então a saída mais viável era encontrar um serviço especializado e profissional.

Comecei pelo básico procurando por anúncios de garotos de programa na internet eu tentei não pensar na palavra prostituição. Quer dizer isso era algo tão antigo quanto o tempo, e iria sempre existir a margem da sociedade. Eu não tinha idéia do que poderia fazer uma pessoa escolher esse caminho ou não, mas sinceramente eu não era ninguém para julgar. Eles ofereciam um serviço e eu estava disposta a pagar, fim de história.

Tive de filtrar a pesquisa inúmeras vezes, e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bloquear quase que a todo o momento as imagens pornografias em sua maioria de mulheres que surgiam na tela. Por fim encontrei um site onde havia listas de garotas e garotos de programas que trabalhavam onde eu morava e nas cidades das vizinhas. A lista não era muito grande principalmente do lado masculino, mas cada um deles tinha um celular e um e-mail de contato. O valor também foi algo que atraiu minha atenção. O menor valor começava com a quantia de mil dólares. Olhando com mais atenção notei que o site parecia, algo realmente especializado e até um pouco elitizado. Tentei não pensar em que tipo de pessoa usava aquele serviço com frequência.

Respirei fundo observando as quantias que apareciam no site e cheguei a conclusão que teria que mexer em minhas economias. Não seria realmente algo difícil, eu tinha a quantia, mas iria precisar de uma ótima desculpa para dar a minha mãe. Eu estava acostumada a viver com o mínimo e quase nunca usava a mesada que ela depositava religiosamente em minha conta todos os meses. Com certeza ela iria perguntar que gasto eu tivera pra tirar tanto dinheiro de uma hora pra outra da minha conta.

PERIGOSAS ACHERON

Mas, isso era algo pra eu me preocupar em outro momento, agora eu precisava escolher entre um deles.

Encostei-me contra a cadeira, sentindo uma ruga surgir em minha testa. Como supostamente eu deveria escolher alguém pra ir pra cama se nem ao menos naquele site havia uma foto. Não que realmente a aparência contasse algo pra essa situação, mas mesmo assim eu me sentiria mais confortável se pudesse ver uma foto com antecedência.

Deixei meus olhos correrem livremente pela lista. A maioria dos nomes parecia de algum tipo de personagem exótico. Inclusive os masculinos, não me pareciam realmente nomes comuns que as pessoas usavam em batismos.

Durante alguns minutos eu tentei ficar imaginando como seriam cada um daqueles rapazes e quantos anos eles poderiam ter. Eu realmente não tinha nenhuma preferência por loiros ou morenos, olhos castanhos, azuis ou verdes, mas de certa forma toda vez que pensava em um garoto de programa, imaginava homens muito bonitos e atléticos, bronzeados e usando apenas uma sunga muito justa. Acho que isso era um indicio do

quanto minha mente era fértil.

Balancei minha cabeça, estava deixando minha imaginação solta e precisava me concentrar. Eu realmente não deveria ligar para a aparência do tal garoto afinal eu tinha um espelho em casa, e com certeza ele não refletia a imagem de uma beldade.

Pensar em espelho fez com que eu me virasse em direção ao pequeno objetivo que eu deixava em cima da minha escrivaninha.

No meio de tantos papéis, livros, pen drive o antiquado espelho de mão que havia sido de minha avó, parecia muito deslocado. O tempo havia sido impiedoso com ele, seu cabo era todo coberto com desenhos florais, que variavam profundamente de tom, indo do verde escuro ao rosa pálido. O espelho mesmo refletia parcialmente as imagens e estava bastante gasto com as bordas enferrujadas. Era pesado e com um desenho clássico de latão ao redor que me lembrava filmes antigos, saias rodadas e chapéus enfeitados. Não possuía nenhuma utilidade e mesmo assim eu não conseguia me desfazer dele.

Observei longamente meu rosto refletido. Retirei os óculos de armação de tartaruga que eu usava para a leitura e quando estava muito tempo

na frente do computador. Pequenas marcas ficaram nos cantos dos meus olhos castanhos. Abaixo deles haviam olheiras de uma noite insone. O cabelo que descia por toda minha costa era longo e castanho se nenhum volume.

Não importava o quanto eu me olhasse eu nunca seria uma beldade. Nada em mim chamava a atenção como em Brenda com seus olhos verdes e sua pele morena. Eu tinha um cabelo sem vida e minúsculas e horrendas sardas que deslizavam pelo topo das minhas bochechas. Eu as detestava!

Teria usado metade de toda minha herança de bom grado se tivesse encontrado algum dermatologista que pudesse me livrar daquele pesadelo pontilhado. Mas, eu não tivera nenhuma sorte, então era obrigada a ficar encarando aqueles estúpidos pontos dourados no meu rosto que escorriam por minha testa e bochechas todas as manhãs. Não era de se admirar meu mau humor matinal.

Abaixei o espelho de minha avó, e coloquei novamente meus óculos ignorando minha aparência, respirei fundo por hábito. Eu já havia desistido da vaidade feminina na adolescência quando as espinhas haviam sido tão odiosas quanto

a sardas.

Voltei novamente minha atenção para a lista a minha frente e tentei não me focar nas cifras ao final de cada nome. Reli os nomes três vezes e pela ultima percebi que minha atenção sempre voltava para o mesmo.

Leon. Nada mais. Sem sobrenome rebuscado ou coisas do tipo. Um único nome simples e pequeno.

Eu tive de sorrir. Leon era o nome do amante de Madame Bovary, no clássico do mesmo nome. O livro havia sido um dos prediletos da minha mãe e quando eu era criança ela costumava ler trechos para mim antes de dormir, e comentar o que pensava de alguns capítulos e do seu autor Gustave Flaubert.

Me pareceu de certa forma bastante apropriado, embora provavelmente ele não deveria ter escolhido o nome pelo livro. Mais por instinto do que por lógica, anotei o numero de telefone que aparecia na tela num papel avulso que estava solto em cima da escrivaninha. Eu poderia muito bem mandar um e-mail para o endereço que aparecia que estava na parte de ‘contato’, mas sinceramente agora que meu estomago parecia estar se mexendo como uma enguia, eu queria me livrar daquilo o

mais rápido possível.

Levantei com pressa de repente muito ciente de tudo a minha volta meu coração batia forte de encontro a minha caixa torácica, com apenas dois passos fui até a porta fechando-a e trancando logo em seguida, o que realmente eu não queria admitir que até aquele momento era um grande exagero de minha parte. A casa estava bastante silenciosa, o que significava que ou Brenda havia saído para sua aula, ou realmente havia sido vencida pela dor de cabeça e agora encontrava-se largada em sua cama.

Segurando meu celular com muita força, disquei com muita atenção os números que havia escrito de qualquer forma no papel. Antes que pudesse me arrepender, coloquei o aparelho contra o ouvido direito.

Um longo toque. Soltei lentamente o ar de meus pulmões ouvindo com muita clareza as batidas do meu coração.

Mais um toque.

Depois mais outro e mais outro. Soltei o ar com força. Ele não ia atender. Provavelmente o numero devia estar errado. Me repreendi mentalmente, eu não devia estar me sentindo tão aliviada assim por ter fracassado na primeira tentativa. Aquilo apenas

complicava minha situação. Mais um toque.

Estava retirando o telefone do ouvido quando alguém atendeu. Houve então um estalo, uma batida forte e algo que parecia um xingamento entre os dentes então ele respondeu:

- Alô!

Por um instante meu cérebro deixou de funcionar e eu só pude continuar ali em silêncio, ouvindo sua pesada respiração do outro lado da linha. Tive de controlar a vontade quase insana de desligar rapidamente como se fosse uma criança que tivesse acabado de pregar uma peça em alguém.

- Alô? – ele repetiu dessa vez mais alto. Sua voz era firme, e no primeiro momento me pareceu muito bonita embora eu não tivesse noção do que seria uma voz feia, também parecia que suas palavras tinham um acento mais forte como se ele tivesse um leve sotaque.

Engasguei com minha própria saliva enquanto tentava respirar ao mesmo tempo e responder:

- Ahn, Oi... Ahn Alô.

- Quem é? E em nome de Deus o que quer me ligando a essa hora da madrugada?

Madrugada? Olhei para fora confusa e tive que

PERIGOSAS NACIONAIS

virar a cabeça novamente porque um dos raios do sol me acertou em cheio nos olhos, tropecei na minha cama, e senti as lágrimas subirem rapidamente aos meus olhos enquanto arfava ao telefone. Bom Deus aquilo não estava saindo nem um pouco como o planejado.

- Ahn, oi desculpe – eu murmurei sentando na cama e me balançando enquanto agarrava o menor dedo do meu pé direito. Era sempre ele a vítima – Eu... Meu nome é Liz, quero dizer Elizabeth eu queria marcar um programa... – Torci mentalmente pra aquele ser o numero certo. Minha frase havia sido tão estúpida, eu me sentia como se tivesse acabado de pedir para trazerem uma pizza.

Um longo silencio se estendeu realmente muito longo. Larguei o pequeno dedo dolorido e agarrei o papel onde havia anotado o numero. Por favor, não me deixe ter ligado pra pessoa errada, por favor não me deixe, por favor.

- Alô? Leon?

- Ah certo – ele respondeu meio inseguro, como se tivesse acabado de acordar novamente – Acho que tenho um horário para hoje a noite. Você sabe onde me encontrar? Senão pega uma caneta para anotar o endereço é perto do hotel.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ah, não desculpe você não entendeu – eu interrompi rapidamente.

- Você disse que queria um programa certo? Sabe o que isso significa? Onde conseguiu meu numero de telefone?

- Eu...Bem um site na internet.

- Certo, então se realmente quer o programa pegue o endereço no site, eu realmente preciso dormir.

- Espere por favor – eu pedi hesitante. Santo deus minha voz sempre tinha sido tão esganiçada daquele jeito? – eu gostaria de me encontrar antes com você.

- São 1.500 dólares uma hora e 3 mil a noite inteira. E eu só faço programas, nada de conversas. Acho que são os psicólogos que cuidam dessa parte.

A voz dele se tornou mais grave embora em momento algum tenha aumentado o sotaque havia se tornado um pouco mais pronunciado, mas eu realmente não conseguia identifica-lo. De alguma forma eu não tinha idéia do porque me sentia tão envergonhada, podia sentir o calor se espalhando pelo meu pescoço e se infiltrando embaixo das abominais sardas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Olha eu pago pela conversa tudo bem? – respondi um pouco sem fôlego não parecia que ele quisesse realmente me ouvir.

Houve mais um minuto de silêncio, mas dessa vez foi breve, realmente parecia que agora ele estava completamente acordado, e prestando atenção em mim.

- 3 mil – ele disse por fim – pacote completo, e você pode escolher a hora que quiser depois das 5 da tarde.

Tive que morder os cantos internos da minha boca. Aquilo estava completamente fora do meu orçamento inicial, mas eu não sabia como recuar agora que havia começado a conversa. Engoli seco e concordei.

- Certo, mas apenas a conversa. Primeiro.

- Você quem sabe – respondeu Leon, e dessa vez eu podia jurar que havia uma nota de risada em sua voz masculina – como é mesmo seu nome?

- Liz... Elizabeth.

- Ok Elizabeth,- a voz dele enviou calafrios minha espinha abaixo - vou te mandar por mensagem minha conta, e você deposita o dinheiro, mande por mensagem onde ira querer que a gente se encontre e eu estarei lá.

PERIGOSAS ACHERON

Eu pensei em argumentar, expressar meu ponto de vista, mas antes que pudesse responder qualquer coisa ele já havia desligado.

Fiquei alguns minutos incrédula olhando sem entender muito bem o que havia acontecido, mas quanto mais repassava a conversa em minha mente, mais as coisas se tornavam confusas.

Levantei pegando o relatório que havia escrito ainda aquela madrugada, reli-o tantas vezes que as folhas começavam a tomar o formato das pontas dos meus dedos. Não havia nada daquele tipo escrito absolutamente nada. Droga isso não era algo bom.

Repassei mais uma vez a conversa na minha mente, mas de repente meus pensamentos pareciam bastante embaralhados. Eu deveria ter pegado mais detalhes pelo telefone. Pelo amor de deus eu acabara de marcar um encontro com alguém que nunca vira em minha vida. Devia ter me certificado ao menos, fazer mais perguntar anotações. Aquilo não estava certo.

Respirei fundo e tentei não me descontrolar. Aquele não era o momento para entrar em pânico. Agora eu já havia dado o pontapé inicial, era hora de terminar aquela história. A única coisa que eu

PERIGOSAS NACIONAIS

precisava fazer era rever o plano, e dessa vez com mais cuidado.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Três

Depois de mais de oito horas angustiantes de revisão e leitura minuciosa eu pude me sentir calma novamente. Olhei para o relógio percebendo que se não me arrumasse logo poderia chegar atrasada ao encontro que marcara com Leon, algo que definitivamente eu não queria que acontecesse. Sentia os olhos pesados e os ombros doloridos. Tinha feito um lanche rápido por volta das três da tarde, porque havia simplesmente pulado o almoço, mas conseguira finalmente estabelecer as minhas prioridades para aquele dia.

Brenda ainda não havia voltado da aula o que significava que ela ainda se sentia incomodada com nossa conversa pela manhã. Sabia que teríamos e acertar nossa discussão, afinal ela voltaria para casa, mas naquele momento só conseguia sentir alívio por estar sozinha, enquanto dava os últimos retoques no meu plano.

Observei longamente mais uma vez a tela do computador, havia feito a transferência do dinheiro mais cedo, e a meia hora atrás recebera a

PERIGOSAS ACHERON

confirmação de Leon por uma mensagem.

Havia lido a única frase tantas vezes que ela parecia estar grudada em minhas retinas. Eu realmente queria acreditar que aquilo iria dar certo, mas não me sentia confiante afinal eu não tinha nenhuma garantia de que ele iria comparecer ao nosso encontro. Quero dizer ele havia respondido de maneira positiva, mas eu não era ingênua o suficiente pra acreditar nisso. Não me sentia bem pensando dessa forma, afinal estava desconfiando dele, mas o que poderia fazer? Eu nem ao menos conhecia.

Respirei fundo passando a mão pelos cabelos bagunçados, eles estavam cheios de nós porque eu havia ficado enrolando-os contra os dedos nas horas que havia ficado trabalhando no meu projeto da faculdade. Não havia conseguido avançar quase nada o que realmente me deixava péssima.

Minha mãe ainda não havia me ligado, o que definitivamente era algo bom, provavelmente ela ainda não havia visto o rombo que deixara em minha conta bancaria, isso me dava mais algumas horas pra eu poder pensar numa boa desculpa. A parte ruim disso tudo, é que eu ainda não havia conseguido pensar em nada minimamente

aceitável.

Levantei-me da cadeira sentido meu estômago despencar metros pelo meu corpo, enquanto caminhava para o banheiro com a toalha em mãos. Eu simplesmente detestava sair de casa, mas numa circunstância como essa eu não gostaria de encontra com Leon num lugar tão íntimo como a minha casa.

Afinal ele podia ser algum tipo de lunático psicótico, eu havia procurado nos registros da polícia pelo nome Leon, embora eu tivesse quase certeza que aquele não era seu nome verdadeiro, sabia que existia uma chance do seu nome de trabalho aparecer em algum registro caso a polícia tivesse conhecimento de algo que ele tivesse feito contra as leis.

A procura havia levado muito mais tempo do que eu havia imaginado, minhas habilidades de hacker estavam obsoletas, afinal eu não tinha de usá-las desde o colegial. No final não sei se me senti aliviada, ou mais preocupada por não ter encontrado registro nenhum do nome dele na polícia.

Encostei o rosto contra o azulejo frio do banheiro. Garotos de programa, registros policiais...

Minha mãe provavelmente teria um enfarto se soubesse o tipo de planos que eu estava fazendo. Abri o chuveiro e rapidamente o vapor cobriu todo o pequeno cômodo, gotinhas minúsculas formaram-se no espelho, o calor invadiu meu rosto. Tirei a roupa lentamente sentindo as mãos levemente tremulas.

Eu não deveria me preocupar. Havia marcado o encontro num lugar bastante movimentado, e na pior das hipóteses ele simplesmente não iria aparecer e eu teria perdido três mil dólares. A quantia realmente não era importante, com certeza não me faria falta alguma. Muito provavelmente eu teria de ouvir um pequeno sermão da minha mãe quanto ao fato de gastar dinheiro de forma irresponsável, algo que seria rapidamente ignorado por ela. Deus era testemunha, como aquela mulher tinha capacidade de ignorar os mais variados assuntos.

A água descia por todo meu corpo, a temperatura era escaldante senti lentamente os músculos das minhas costas relaxarem. Fechei os olhos e me apoiei contra a parede sentindo-me de repente muito cansada.

Eu detestava ter de interagir com outras

peessoas. Tudo era sempre tão imprevisível, tão volátil. Estava sempre preocupada, tentando entender ou prever o que a pessoa iria falar ou fazer, mas não havia uma formula, não havia nenhum calculo preciso. Quando se tratava de livre arbítrio, qualquer coisa podia acontecer, e essa realidade me angustiava profundamente.

Quando criança antes de dormir era um costume da minha mãe, aparecer no meu quarto com um dos grandes clássicos da literatura. Especialista em língua inglesa minha mãe era uma feroz devoradora de livros. Eu era embalada pelas palavras de Emily Bronte, Virginia Wolf, Jane Austen, a devoção de minha mãe pela ultima autora era tão grande que ela me dera o nome de uma de suas heroínas. Feminista e extremamente inteligente minha mãe destrinchava os romances em todas suas nuances. Nada de Branca de neve, ou Cinderela para mim, nem mesmo a idéia de final feliz. Eu estava sempre enredada em historias de amores avassaladores, infrutíferos e em sua grande maioria trágicos. Naquela época eu não conseguia entender como minha mãe podia gostar tanto daquelas historias. O sofrimento das personagens era sempre tão intenso e vivido, e sempre em todos

os casos tinha o mesmo causador. Amor.

Eu levei muitos anos para finalmente compreender que era exatamente esse sentimento que tanto fascinava minha mãe naqueles livros. Esse sentimento que mesmo causando tanta dor, as pessoas buscavam avidamente. Minha mãe também não havia conseguido encontra-lo e por isso ela estudava suas nuances e seus resultados, nos clássicos onde a presença deles era imensa. Todo mundo buscava de alguma forma se apaixonar perdidamente.

Para a grande infelicidade de minha mãe, eu não herdara seu interesse pelo comportamento humano. Enquanto os livros de minha mãe e seus sentimentos intensos me perturbavam todas as noites, eu corria para a segurança dos números do meu pai.

Ele era um arquiteto renomado, e estava sempre com um pequeno bloco de notas e lápis nos bolsos das calças, o mundo para ele era feito de cálculos, números e formas, e deles meu pai conseguia criar imensos prédios, casas, e uma infinidade de monumentos.

Eu me lembro de varias vezes cochilar embaixo de sua longa mesa de carvalho em seu escritório,

ouvindo o som do lápis raspando o papel, enquanto ele criava gráficos muito elaborados. Ali não havia tormenta de sentimentos, desejos. Apenas o constante resultados dos números que nunca mentiam.

E então até mesmo os sentimentos conseguiram se infiltrar nos gráficos do meu pai. O divórcio chegou quando eu tinha exatamente sete anos. Não houve discussões ou brigas acaloradas. Um dia cheguei em casa e todas as roupas dele haviam desaparecido do guarda-roupa. Ele havia ido embora. Logicamente segundo minha mãe ele não poderia cuidar de mim, era um homem ocupado, estava sempre trabalhando, não poderia dispensar a atenção que uma garota de sete anos precisaria, mas sempre seria meu pai, e eu sempre poderia ir visitá-lo.

E realmente ele vinha me visitar, mas sempre me trazia algum livro estúpido, quando na verdade eu só queria fazer pequenos cálculos em seus blocos de notas. Durante as visitas dele minha mãe nunca estava presente, mas eu sabia que eles sempre conversavam longamente pelo telefone. O divórcio havia feito um grande benefício para ambos. Foi pelo telefone que meu pai contou que

iria se casar novamente. Meu pai adorava os números e seus cálculos, mas parecia que finalmente o tal amor dos livros da minha mãe havia chegado até ele e feito os números perderem a importância.

Eu não fui ao casamento dele, menti que estava com dor de cabeça. Ninguém me condenou. As visitas diminuíram então depois disso. Fazia exatos quatro anos que eu não via meu pai.

Fechei o chuveiro, meus dedos já haviam começado a enruguar. Eu não queria me apaixonar. Não havia sentido em ser dominado por um sentimento tão inconseqüente como o amor.

E mesmo assim ali estava eu disposta a pagar uma pequena fortuna para não precisar mentir ou me esconder atrás de meias respostas minha total falta de interesse em relacionamentos. Para afirmar para todo mundo e a mim mesma, que eu poderia muito bem ser uma mulher completamente sem precisar ser vítima do Amor.

Eu não queria ser uma pessoa controlada facilmente pelos meus desejos. Não agora quando finalmente eu estava prestes a alcançar a única coisa que realmente chegara a desejar na vida. Estudar em Harvard não mais como uma caloura,

mas uma pesquisadora, reconhecida pela minha competência. Eu não queria que ninguém duvidasse das minhas capacidades. Eu mesma não gostaria de duvidar das minhas capacidades.

Enrolada numa toalha felpuda deslizei os dedos pelo vidro embaçado, mesmo após o banho meu rosto não havia melhorado, eu parecia estar cansada além de claramente emburrada. Suspirei tentando afastar a carranca e me concentrar em aspectos práticos do meu plano. Eu havia colocado gasolina no carro? E onde estavam meus documentos? Eu não era o tipo de pessoa que ficava divagando, eu gostava de me concentrar em coisas reais palpáveis. Não havia necessidade nenhuma de me desesperar naquele momento. Eu só precisava encarar meu plano sobre uma nova perspectiva. As variáveis haviam mudado, mas isso não significava de forma alguma que eu não era capaz de resolver aquela equação.

Sai do banheiro envolta numa nuvem branca de vapor, a casa continuava silenciosa. Lá fora o sol já havia se escondido completamente embora ainda não fosse seis horas da tarde. Durante o outono o crepúsculo parecia sempre se estender um pouco mais. Por habito conferi a tela do celular, apenas

para encontrá-la da mesma forma. Me virei então ficando em frente ao meu guarda-roupa. Desejei em silencio ser tão boa para escolher algo adequado para vestir quanto era para me lembrar da teoria da relatividade.

Observei a quantidade absurda de roupas dentro do meu armário, eu deveria ser capaz de encontrar algo que me agradasse afinal eu tinha inúmeras opções, mas infelizmente eu não me consegui me convencer. A maioria das roupas ali haviam sido escolhidas pela minha mãe, portanto passavam bem distante do meu padrão de conforto e bom gosto. Roí a unha do meu polegar e percebi que aquele não iria ser um trabalho fácil, tinha certeza que não iria gostar do resultado final, então realmente qual o objetivo em me importar tanto?

Peguei uma calça jeans que provavelmente já vira dias melhores e um casaco branco com gola em V, ele era felpudo e talvez um pouco desnecessário para a época do ano, mas eu acho que realmente gostava da forma como ele cobria um pouco a mais do que deveria dos meus punhos.

Tive de conter o impulso de prender o cabelo, eu não gostava de deixá-lo simplesmente solto daquele jeito, mas como estava molhado, e eu não

tinha a mínima intenção de perder tempo secando-o naquele momento aquela parecia ser a melhor opção.

Vasculhando ainda dentro do meu guarda-roupa encontrei a pequena maleta de maquiagem que minha mãe havia me dado no natal passado, pelos meus cálculos aquela deveria ser a segunda, a primeira havia sido jogada fora quando todos os produtos haviam vencido sem que nem ao menos eu tivesse tirado-os do pacote.

Minha mãe não era um exemplo de vaidade feminina, mas ela nunca ia a lugar algum sem estar bem apresentada, eu provavelmente deveria seguir o exemplo dela já que talvez nosso único ponto em comum fosse nossa satisfação com algo organizado, mas eu não conseguia estender isso ao quesito pessoal. O simples processo da maquiagem sempre me parecia algo demorado, embora eu fosse obrigada a admitir que seus resultados eram inquestionáveis.

Apliquei generosas camadas de corretivo sob milhas olheiras, um rímel e batom, tudo isso resumia meu conhecimento de maquiagem. Guardei tudo cuidadosamente e me surpreendi ao verificar que ainda faltavam quarenta minutos para

o encontro. Eu poderia ficar em casa, revisar o plano uma última vez, e ainda teria tempo de chegar ao Joe's, mas agora que estava completamente arrumada sentia como se uma corrente de energia percorresse meu corpo.

Num impulso não muito lógico decidi que preferia passar aqueles últimos quarenta minutos esperando por Leon no lugar onde havíamos combinado. Naquele momento eu realmente não conseguia me importar muito com o fato de que muito provavelmente aqueles quarenta minutos poderiam se estender por horas caso, ele se atrasasse ou simplesmente não aparecesse.

Mesmo assim não consegui me conter, atirei de qualquer forma o celular, e a carteira em minha bolsa, encostei a porta do quarto com um leve ruído e já estava no corredor de saída quando lembrei que estava esquecendo de algo vital. Voltei para o quarto e procurei dentro de minhas gavetas pelo spray de pimenta que havia ganhado do meu pai no primeiro ano da faculdade. Eu nunca havia tido que usá-lo graças a Deus, costumava-la deixar ele bem longe do meu alcance, mas naquele momento e seguindo meus planos carregar um spray de pimenta me pareceu ser uma ótima ideia.

Sai do quarto desejando não ter esquecido nada de importante para trás, tranquei as portas e não fui capaz de esperar trinta segundos pelo elevador, descí as escadas do prédio tentando controlar meu passo apressado. Como um trem que estava fora de controle eu conhecia aquele sentimento que me levava em frente sempre constante até que eu atingisse meu objetivo.

Cheguei ao térreo um pouco ofegante e tentei disfarçar quando algumas garotas sorridentes passaram por mim. Eu deveria conhecê-las já que morava no mesmo lugar a quatro anos, mas simplesmente não era capaz de me lembrar de nenhuma das duas. O desconforto da situação fez com que minhas mãos procurassem bolsos, até eu me lembrar que não estava usando meu costumeiro moletom. Apertei as alças da bolsa sentindo os dedos enregelarem contra o vento gélido e segui pela calçada.

O Joe's, uma mistura de pub e café, era um lugar bastante conhecido dos estudantes da universidade que eu frequentava, o típico lugar que eu não costumava ir mas isso devia-se ao fato de que eu normalmente não frequentava nenhum lugar que não fosse; minha casa, a sala de aula e a

biblioteca. Mas tinha de admitir que nas duas únicas vezes que estivera lá forçada realmente havia gostado do lugar.

Localizado praticamente no centro da cidade universitária o lugar era pequeno e aconchegante. No verão o proprietário que não se chamava Joe, mas sim Daniel e parecia ser bem jovem, colocava mesas na calçada que eram muito disputadas pelos universitários e outros fregueses, em geral. As paredes de fora estavam desbotadas, mas dentro a cor era de um vermelho profundo e imagens de varias paisagens do mundo enchiam quadros com as mais variadas molduras nas paredes. O lugar sempre cheirava a café e cerveja, mesmo nos dias mais quentes, e sempre havia musica tocando, na maior parte das vezes você realmente nem chegava a notá-la, porque era muito baixa e parecia fazer parte do ambiente perfeitamente.

Enquanto caminhava fiquei surpresa ao notar o quanto o lugar ainda estava gravado em minha mente, eu não entrava lá a mais de um ano, e mesmo assim conseguia ver cada um daquele detalhes, como se tivesse estado no ali naquela manhã.

Por um instante desejei estar indo ao Joe' s por

PERIGOSAS ACHERON

outro motivo, não por um plano milimetricamente planejado, mas simplesmente porque queria um lugar calmo pra uma literatura tranqüila e uma boa xícara de café.

Suspirei resignada, o que eu estava pensando? Eu tinha prioridades e com certeza relaxar com um livro e uma xícara de café não era nenhuma delas.

Atravessei a rua aliviada por notar a quantidade de pessoas transitando livremente. Eu normalmente não gostava de aglomeração, mas prestes a sentar-me com um estranho que nunca havia visto na vida, o simples fato de ter testemunhas ao meu redor já me acalmava o mínimo possível. Embora talvez eu não devesse me sentir tão tranqüila de qualquer forma. O pub do Joe's, era razoavelmente perto da minha casa. Teria sido uma boa ideia pedir pra Leon me encontrar tão perto do lugar onde eu morava? E se no final de tudo ele realmente fosse algum tipo de psicopata lunático?

Apertei ainda mais a bolsa sentindo os nódulos dos dedos doerem lembrando que ali dentro eu tinha um spray de pimenta. Em silencio desejei que aquele spray pudesse realmente acalmar meus nervos.

Entrei no Joe's ouvindo o barulho agudo da

campainha em cima da minha cabeça. O lugar estava quase lotado. O cheiro de café era inebriante, senti minha boca encher de água. Com os olhos procurei uma mesa vazia, não fiquei muito feliz quando percebi que a única era a mais afastada da porta sem rota de fuga. Apertei os lábios com os dentes e me encaminhei para o único lugar vago nada contente com o resultado.

De maneira displicente joguei a bolsa na cadeira que estava ao meu lado, e me sentei de frente para o café. Havia um casal numa mesa a esquerda, e mais adiante em duas mesas juntas um grupo bastante falante. Ninguém realmente pareceu notar minha presença. Num dia comum aquele fato teria me alegrado, mas naquele momento eu só podia pensar que aquele era um mau sinal.

Com os dedos trêmulos tirei da bolsa meu celular consultando as horas, eu estava adiantada vinte minutos, então eu tinha um longo tempo pela frente enquanto esperava Leon chegar, caso realmente ele aparecesse.

Uma garçonete aproximou-se da mesa, se você não conhecesse o Joe's poderia confundi-las com qualquer cliente já que não usavam uniformes, apenas um broxe nas camisas e carregavam os

cardápios.

De forma mecânica eu peguei o cardápio oferecido, mas realmente não cheguei a ler o que estava escrito e pedi um cappuccino. Algo simples já que naquele momento meu cérebro não tinha nenhuma condição de fazer uma escolha complicada.

Em silencio ela anotou meu pedido e foi embora sem me olhar duas vezes, cinco minutos depois voltou carregando a xícara branca sem nenhum enfeite. O cheiro do café feito na hora encheu meus pulmões acalmando um pouco meus nervos. Havia uma pequena folha desenhada na espuma, o detalhe era tão singelo e perfeito que não tive coragem de tomar a bebida, apenas estiquei os dedos gelados e aproveitei do calor que podia sentir tocando a louça.

Esperei então, me sentia desconfortável, mas realmente não queria deixar meu olhar vagando pelo ambiente, perguntei-me em silêncio se eu parecia uma garota qualquer esperando seu encontro. Com o canto dos meus olhos observei as pessoas ao meu redor, o casal a minha esquerda parecia alheio a tudo que não fosse eles mesmo, tinham as mãos juntas sobre a mesa e exibiam

sorrisos de cumplicidades. A minha frente o grupo animado estava pedindo uma segunda rodada de algo que eu não fazia idéia do que poderia ser, vi então Daniel sair de trás do balcão e cumprimentar um dos garotos sentados a mesa. Daniel passou por minha mesa e não me reconheceu, ele nem deveria afinal só me vira uma única vez quando Brenda havia me obrigado a acompanhá-la. Tentei controlar a vontade quase insana de ficar a todo instante verificando o horário no display do celular. Aquilo não faria com que os minutos acelerassem.

Apoiei o queixo em minhas mãos. Pela vitrine da loja eu podia ver que já havia escurecido, não conseguia eliminar a sensação de que estava ali sentada há muito tempo. Como se houvessem se passado não horas, mas anos. Então em apenas um único segundo tudo se transformou.

Capítulo Quatro

Muito tempo depois eu tentei me convencer de que o fato de ter erguido minha cabeça e visto ele entrar foi um mero acaso. Não ouvi o tão conhecido barulho do sino em frente à porta, mas ali parado em frente ao umbral com as costas para a rua ele parecia muito confiante, e eu tive certeza de que aquele homem era Leon.

Eu tentei pensar em algo, usar toda minha capacidade cognitiva, mas de repente meu cérebro parecia estar com defeito, e a única coisa que eu podia pensar era: Uau! Algo tão simples e inútil que me chocou, porque realmente eu não era capaz de seguir além disso. Uau, era tudo que meu cérebro com um QI de 153 era capaz de produzir.

Ele caminhou sorrindo até o balcão, uma das garçonetes pareceu reconhecê-lo. Aquilo tinha sido impressão minha, ou por alguns instantes ela alisou a saia e sorriu de maneira mais convincente? Tentei virar meu rosto não prestar atenção, mas entre a minha momentânea incapacidade para reagir, e a cena a minha frente eu não conseguia fazer outra

PERIGOSAS ACHERON

coisa que não fosse observá-los.

O homem sorriu ao cumprimento da moça. Deus todo poderoso, de perfil ele parecia com um dos modelos que eu poderia encontrar facilmente estampando a capa da Vogue, seu cabelo era pelo menos três vezes mais brilhantes que o meu, eu tive a momentânea curiosidade de perguntar se ele usava algum tipo de condicionador milagroso. Ainda conversando com a garçonete vi ele retirar lentamente um cachecol do pescoço.

Eu acho que engoli minha saliva muito bruscamente porque de repente minha garganta parecia arder. Seria possível que aquele homem realmente fosse Leon? O mesmo Leon garoto de programa que eu contratara essa manhã? Eu não sabia, realmente apenas olhando você não iria desconfiar de nada. E se ele não fosse? E se eu estivesse tendo algum tipo de fetiche feminino e desejando que ele fosse o rapaz que eu havia contratado. Uau, eu realmente torcia para que ele fosse o rapaz que eu havia contratado!

O simples pensamento de desejar um homem daquela forma me pegou desprevenida, senti um calor abrasador se espalhar do início do meu pescoço até as maçãs do meu rosto. Que maravilha!

Agora ele poderia ver minhas sardas a meio quilometro de distancia.

Controle-se!

Expirei o ar com força e desviei lentamente o olhar do homem que ainda estava no balcão, ele segurava um cardápio na mão e parecia estar bastante atento na garçonete. Era isso, aquele homem não era Leon, se fosse com toda certeza estaria me procurando, afinal eu havia pago por um encontro.

O próximo suspiro de deixou meu corpo foi mais entrecortado. O que era aquela sensação estranha que se espalhava pelo meu peito? Decepção?

Eu me sentia estranha, muito estranha, de repente a pequena xícara de café a minha frente com o cappuccino parecia muito tentadora. Eu esqueci da pequena obra prima que era a folha feita na espuma e bebi quase tudo em apenas um gole. O café estava morno, mas o cheiro de chocolate e canela fez quase um milagre pelo meu corpo. Infelizmente o efeito não durou muito.

Na próxima vez que ergui meus olhos depois de beber meu cappuccino, vi que o homem que havia confundido com Leon estava caminhando na minha

direção. Num momento ele estava ali conversando todo animado com a garçonete e no próximo caminhava até mim, eu só pude notar isso antes do meu cérebro entrar novamente naquele modo de espera horrível e eu não conseguir raciocinar logicamente.

Odiei a sensação! Eu queria ordenar ao meu corpo que se mexesse, afinal eu ainda estava com a xícara levantada a meio caminho da minha boca, mas minha mente parecia estar me pregando uma espécie de pegadinha de mau gosto.

Incapaz de me mover só pude observá-lo lentamente se aproximando, meu coração batia num compasso lento enquanto eu gravava pequenos detalhes da sua figura, como o fato dele ser absurdamente alto, e possuir olhos incríveis! Seriam azuis? Não conseguia ver aquela distância.

Sem nenhum cumprimento ele simplesmente sentou-se na cadeira em frente a minha, seu movimento foi gracioso, e por um momento achei que havia a sombra de um sorriso em seus lábios cheios e rosados. Houve um longo momento de silêncio entre nós, antes que eu finalmente conseguisse dizer qualquer coisa.

- Desculpe eu... – minha voz parecia ser feita de

manteiga de amendoim.

Ele não pareceu se importar, na verdade ele parecia muito interessado de repente no cardápio. Baixei a xícara recuperando finalmente o controle do meu corpo, isso não pareceu também surpreende-lo, e para deixar a situação ainda mais estranha sem me olhar estendeu-me o guardanapo que estava do seu lado da mesa.

- O que? Eu não preci...

Ele ergueu seus olhos que sim, eram de um azul profundo e com o dedo indicador apontou para a parte superior do meu lábio.

Merda!

Sem jeito peguei o guardanapo e limpei o que havia sobrado do café em meu rosto, sentindo-me a pessoa mais estúpida da face da terra. Tentei me controlar para não deixar o rubor subir novamente ao meu rosto, mas pelo visto meu corpo não iria me obedecer. De repente eu me sentia muito mal-humorada.

- Olha, eu não sei que tipo de brincadeira você está pretendo, mas eu estou esperando alguém.

O comentário pareceu diverti-lo, agora realmente havia um sorriso em seu rosto, ele levantou seu olhar e sentou-se confortavelmente na

cadeira.

- Bem tecnicamente você não está mais esperando já que minha conta bancária diz que eu sou seu encontro dessa noite.

Se meu cérebro havia simplesmente desligado ao vê-lo caminhar em minha direção ouvir sua voz provocou pequenos estalos dentro dele. O som era perfeito melodioso, e lá estava aquele maldito e charmoso sotaque eu não conseguia descobrir a origem, mais cedo naquela manhã.

- Leon... – a resposta foi um murmúrio, e como se fosse possível eu me senti ainda mais patética.

- Bem eu posso ser se você quiser, mas pela quantia que me pagou você tem direito de me chamar de qualquer coisa.

- Eu não... eu. Leon está ótimo pra mim.

- Como desejar – ele respondeu sorrindo ainda mais.

A mesma garçonete com quem ele havia conversado se aproximou ainda sorrindo da nossa mesa. Agora ela exibia uma cor muito bonita nos lábios e eu apostava que ela havia corrido ao banheiro e buscado um estratégico batom escondido na bolsa. Ela sabia o que Leon fazia pra viver? Ou simplesmente não se importava nem um

pouco com isso quando olhava pra ele?

Eu poderia citar uma lista imensa de mulheres que provavelmente olhando pra ele não iriam se importar nem um pouco.

- Então já escolheu? – perguntou a garçonete muito animada. Sua atenção estava completamente voltada para o homem a minha frente. Eu parecia fazer parte de um mundo invisível.

- Na verdade acho que vou ficar com o de sempre mesmo Karen obrigado.

O sorriso dela pareceu aumentar ainda mais, ela sabia qual era o pedido de sempre dele, eu não, isso a deixou feliz eu facilmente podia notar pelo sorriso. Ondas de alertas desceram para meu corpo. Ele já havia freqüentado aquele lugar. O café que ficava muito perto da minha casa.

- Como você conseguiu me encontrar? – perguntei assim que Karen a garçonete virou as costas. Me sentia muito melhor agora que minha voz tinha perdido sua consistência pastosa.

- Elizabeth Jane Sandler – ele respondeu lentamente, não Liz ou Liza, Elizabeth com todas as letras e seu sotaque acentuando cada vogal – você não mudou muito desde o colegial.

- Procurou a meu respeito na internet? – acusei

sabendo exatamente a qual era minha aparência nas fotos do anuário que meu antigo colégio exibia no mundo online.

- Não fique com raiva. Uma estranha me liga as oito da manhã, dizendo que quer pagar por um encontro. Eu não faço encontros, bem não pelo menos onde pessoas se encontram pra tomarem café – ele respondeu olhando lentamente ao redor – como se isso não fosse o bastante ela se compromete a pagar o dobro do que cobro por um encontro casual, e como prometido algumas horas depois o dinheiro está na minha conta. Perdoe-me Elizabeth, mas eu preciso ser cuidadoso no meio que trabalho, e sim pesquisei o suficiente pra saber que não representa perigo para mim, e com seu nome e sua pequena fortuna poderia pagar facilmente vinte encontros comigo.

A resposta direta e sem rodeios deveria ter me acalmado, mas não funcionou. Eu não gostava nem um pouco da idéia de ter alguém fuçando em informações minha pelas minhas costas. Mesmo que eu tivesse feito a mesma coisa sobre ele. Na verdade aquilo só mostrava o péssimo trabalho que eu tinha feito, o homem a minha frente estava cheio de surpresas.

- Você já conhecia esse lugar – eu estava decidida a colocá-lo em xeque contra a parede.

- Como eu já comentei no meu ramo esse bairro é bastante conhecido, com todas essas universitárias cheias de hormônios a solta. Eu já vim aqui uma ou duas vezes, fazer algumas despedidas de solteiro, nada além disso. As universitárias na maioria das vezes não têm a quantia necessária para arcar com as minhas despesas.

Com o canto dos olhos vi Karen se aproximar, ela trazia um requintado drink de café com espuma caindo pelas bordas. Eu podia apostar que ela mesma havia preparado.

Enquanto ela depositava o drink na frente de Leon, eu não desviei minha atenção dele. Agora que meu pensamento havia voltado a funcionar novamente, eu queria entender por completo com que tipo de pessoa eu estava lidando para executar meu plano.

- Você vai querer algo mais Elizabeth? – perguntou Leon de maneira educada olhando pra minha pequena xícara de café vazia.

Enquanto a garçonete olhava a contragosto em minha direção, eu não encontrei minha voz então

simplesmente balancei minha cabeça em negativa. Perguntei-me em silêncio, se para ela parecíamos que éramos um casal num encontro.

Leon sorriu pra Karen a dispensando ela levou um longo tempo para voltar até o balcão. Sentado de maneira displicente o homem a minha frente tomou um longo gole da sua exótica bebida. Senti uma pontada de inveja quando seus lábios permaneceram milagrosamente limpos mesmo com a quantidade surpreendente de espuma naquele copo imenso. Pensar nos lábios dele, em como eram proporcionais e rosados me deixou um pouco zozza, tive de me forçar então a voltar a pensar que ele poderia ser alguém perigoso.

- Você realmente não sabe como isso funciona não é mesmo? – o comentário foi feito de maneira bem discreta e eu percebi que havia ficado um longo tempo em silêncio.

- Desculpe eu não...
- Você não confia em mim.
- Não.
- Sincera – minha resposta pareceu diverti-lo.
- Não confiaria em você mesmo que o conhecesse.

Dessa vez ele riu realmente o som foi rápido e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me pegou desprevenida, Ele não pareceu nem um pouco ofendido. Senti como se ele estivesse rindo de mim, e aquilo me deixou irritada e envergonhada.

- Me desculpe – ele respondeu controlando seu riso – não queria ofendê-la. Não estou acostumado a lidar com tamanha sinceridade. Na maior parte do tempo eu ouço mulheres dizendo que sou alguém confiável e por isso que buscam minha companhia, embora paguem por isso. Mas não você, não Elizabeth Sandler, você paga uma pequena fortuna para sentar-se a mesa com alguém que não confia. Tem de admitir que é engraçado.

Eu realmente não achava engraçado, então simplesmente dei de ombros. Eu não entendia qual era o ponto dele. Eu não confiava em Leon, porque na verdade não confiava em ninguém, mas achei que não seria apropriada revelar aquilo para ele. Era algo a meu respeito intimo demais.

- Sabe você não precisa ficar me olhando desse jeito – ele disse agora sem sombra de riso nenhum na voz. Estaria realmente preocupado, com o fato de ter me chateado, ou aquilo não passava de encenação? Ele havia sido pago para me agradar.

- Que jeito? – eu quis saber.

PERIGOSAS ACHERON

- Como se eu fosse te atacar, ou te machucar. Não vou fazer mal algum a você Elizabeth. Você foi sincera comigo, então também serei com você. Eu sou pago para fazer o que as mulheres querem comigo, meu limite é o quanto o bolso delas pode me fornecer, então entenda basicamente uma coisa, Você manda eu obedeço, você ordena eu faço. Não vou machucá-la seria horrível para o meu currículo profissional. Ao menos é claro que você peça por isso.

- Meu deus não. Quero dizer definitivamente não!. – respondi horrorizada com as imagens que minha mente foi capaz de produzir. Grande parte delas, envolviam camas, seda vermelha e couro. Me repreendi mentalmente por alimentar minha imaginação com tantos livros de romance.

- Então você vai saciar minha curiosidade do porque pagou para estar comigo tomando café, ou realmente nós só vamos tomar café?

Certo é isso, concentre-se no plano Liz, o plano. Torci para que ele não notasse o leve tremor nas minhas mãos enquanto tirava um pequeno caderno de dentro da minha bolsa. Ele pareceu curioso, mas esperou para que eu me explicasse.

- Pedi para que nos encontrássemos, porque

precisava fazer algumas perguntas recolher alguns dados – eu expliquei encarando-o diretamente com minha postura mais profissional – antes de irmos para a parte final.

- Você quer dizer irmos pra cama. – ele me provocou – Fico feliz que queira ir pra cama comigo Elizabeth.

Ouch! Aquela devia ser a sensação de ter as estranhas acertadas por um soco!

- Isso – eu respondi desviando meu olhar, eu sentia que estava corando e aquilo deixava toda a situação pior – Eu espero que possa entender que eu preciso coletar grande parte das informações, dada minha completa falta de experiência no assunto... E bem sua experiência.

Foi a vez de Leon parecer como se tivesse sido acertado por um soco, só que ele ficou pálido e não corado.

- Falta de experiência... – ele perguntou lentamente – o que quer dizer com isso?

- Sou virgem – respondi prontamente – eu vou paga-lo para ser o primeiro homem a me levar pra cama.

Assim que a frase saiu da minha boca, senti minhas bochechas arderem. Será que eu tinha dito

aquilo muito alto? Não tive coragem de erguer meus olhos até Leon, então ficamos um longo momento em silêncio.

Eu não entendia. Ele parecia chocado? O silêncio dele começou a me irritar. De repente desejei ter ligado para outro garoto de programa, um que não se desse ao trabalho de criticar minhas escolhas.

- Se vai me julgar eu sugiro... – comecei, mas fui interrompida.

- Por quê? – ele perguntou simplesmente. Uma única palavra cheia de significados.

Fui obrigada a erguer meus olhos e lá estava ele. Pela primeira vez me encarando completamente. Percebi que sua atenção estava focada em mim e me senti estranha, quis sair do raio daquele olhar azul penetrante. Meu coração batia rápido dentro do meu peito, enquanto eu desejava que ele desviasse o olhar. Pensei em mentir, ele não precisava saber dos meus motivos. Eram apenas meus. Ele não tinha o direito de me fazer sentir estranha apenas com um olhar. Deixei que a raiva tomasse conta dos meus pensamentos. Queria que ele parasse de olhar pra mim daquela forma, como se estivesse observando algo

completamente interessante.

- Você quer mesmo saber? – eu respondi antes de ser capaz de controlar meus pensamentos – Eu não tenho a mínima vontade de me envolver sentimentalmente ou fisicamente com alguma pessoa. Daqui a pouco mais de três meses recebo meu diploma de graduação em física, e começo finalmente a ser reconhecida num dos laboratórios mais renomados do mundo, e a única coisa que minhas tias e minha companheira de quarto, e qualquer outra mulher que conheço, é capaz de perguntar é por que eu ainda não estou namorando. Então sim eu vou pagar pra ter uma experiência pra assim poder saciar a curiosidade alheia.

Fechei minha boca com um estalo e percebi que havia alterado meu tom de voz. Aquilo me surpreendeu, eu nunca me descontrolava. O que estava acontecendo comigo? Desejei ter deixado um pouco de café em minha xícara minha garganta estava apertada e incomoda, também seria ótimo ter algo pra ocupar minhas mãos. Talvez assim elas parassem se tremer de forma débil.

Desviei meu olhar do rosto de Leon, ele parecia levemente carrancudo, imaginei o que ele deveria estar pensando de mim naquele momento.

PERIGOSAS NACIONAIS

Provavelmente que eu deveria ser algum tipo de garota mimada acostumada a resolver os problemas com o dinheiro dos pais. O pensamento me causou um leve enjoou. Eu queria me levantar daquela mesa e sair andando o mais rápido possível de volta pra minha casa, me enfiar debaixo dos meus edredons com um livro grosso de física sobre moléculas e partículas, de volta ao conhecimento sólido e concreto.

Houve um longo silencio entre nós dois, quando por fim Leon disse:

- O dobro ou nada.

- O que eu? - perguntei confusa.

- O dobro ou nada – ele respondeu agora com o sotaque bastante carregado. Ele não parecia feliz com o rumo daquela conversa – Não me interessa saber quais seus motivos pra estar fazendo isso, mas se está disposta a pagar pela quantia então podemos concluir o negocio. Você pode ter uma primeira noite perfeita pra poder contar a mais bela historia pra qualquer pessoa.

Eu deveria ter me sentido ofendida, os olhos de Leon brilhavam perigosamente, me perguntei se ele achava que com aquela atitude, eu iria simplesmente desistir de toda aquela historia. Ele

PERIGOSAS ACHERON

deveria me desprezar, mas obviamente estava mais do que disposto a lucrar com as minhas decisões.

- Você pode ter qualquer coisa que queira de mim – continuou Leon, ele parecia levemente irritado passou as mãos pelos cabelos cumpridos que chegavam até seu colarinho que só naquele momento notei eram ondulados nas pontas – Eu serei o homem que eu quiser que eu seja. Uma noite romântica, uma noite cheia de paixão basta pedir.

Senti minha garganta se apertar e desejei por um instante apertar o canto dos meus olhos com força. Realmente ele me desprezava, mas eu não poderia mudar a opinião dele poderia? Ele nunca iria entender que eu não buscava uma noite de memórias pessoais. Eu não era uma garota tola pagando para ter sua perfeita noite e amor, com um homem dizendo que lhe amava. Eu só queria seguir em frente sem ter que mentir ou omitir para todos a respeito da minha vida sentimental, ou sexual, já que isso parecia ser de grande importância pra maioria das pessoas. Mas realmente naquele momento, eu não parecia possível que Leon fosse acreditar em qualquer coisa que eu lhe contasse, por isso preferi guardar minha opinião pra mim.

Afinal a opinião de alguém que eu acabara de conhecer não devia significar nada pra mim.

Por fim com um suspiro respondi num murmúrio.

- Só quero que você seja o mais profissional possível. Nada de romance ou paixão. Apenas o básico é satisfatório.

Leon sorriu de maneira ferina recostando seu corpo contra a cadeira. Agora que havíamos chegado a um acordo ele parecia ter recuperado seu charme inicial. Eu me sentia mais cansada do que nunca.

- Agora que tudo está decidido Elizabeth – a forma como ele dizia meu nome ainda me provocava calafrios – você pode fazer qualquer pergunta que esteja anotada em seu caderno.

Não desviei meu olhar do seu rosto, pra focar no meu pequeno caderno de bolso que estava sobre a mesa. Sentia que Leon estava me provocando e eu realmente não tinha idéia do porque ele estava fazendo isso. Mas, eu não daria a ele o gostinho de me tirar fora do sério. Eu era a cliente e estava pagando, além do mais eu havia sobrevivido sozinha os quatro anos do colegial. Eu era imune a provocações.

Por fim desviei meus olhos daquele olhar duro e folhei meu pequeno caderno lendo com atenção as perguntas que havia anotado ainda aquela manhã. Parecia que tudo tinha acontecido a muito tempo atrás. De repente elas me pareceram ingênuas e sem importância, mas forcei minha língua a repeti-las. Elas faziam parte do plano e eu precisava segui-lo à risca se realmente quisesse que aquilo desse certo.

- Quantos anos, você tem? – eu perguntei sem encará-lo. Meus olhos estavam embaçados, me condenei em silêncio por ter esquecido meus óculos em casa.

- Você quer uma resposta sincera, ou posso inventar qualquer idade, pra quando você contar ao meu respeito sendo seu namorado de faz e conta?

Ergui meu olhos muito rápido apertando minha caneta com força entre minhas mãos. Talvez eu estivesse enganada e Leon, tivesse feito um curso intensivo com algumas garotas que haviam estudado comigo no colegial.

- Próxima pergunta – eu respondi entre dentes, porque não era capaz de pensar em algo irônico e inteligente ao mesmo tempo pra responder.

- Não espere me desculpe, eu estava brincando

PERIGOSAS NACIONAIS

– estava bem claro que ele estava se divertindo – me diga você quantos anos você acha que eu tenho?

- Trinta e nove – foi minha resposta ríspida eu realmente estava perdendo a paciência.

- Duvido que sua família iria aceitar seu envolvimento com um homem tão maduro dessa forma.

- Quem sabe dezessete então – eu respondi anotando em meu caderno – com certeza sua idade cognitiva não deve ser muito maior que essa.

- Acho que é a primeira vez que alguém me chama de burro com tanta classe. – Havia um sorriso irônico em seus olhos quando ele disse isso.

Minhas bochechas arderam! Ele tinha o dom pra me tirar fora do sério.

- Eu não te ofendi Leon! – ofeguei em resposta. Meu deus eu nunca ofendia ninguém! Eu tinha ofendido, não tinha?

- Embora pouco provável Elizabeth, pra alguém com a minha profissão eu sei que a ausência de cognitivismo é burrice.

- Qual é seu nome? – eu perguntei muito rápido ciente de que aquela conversa não tinha nenhuma lógica, eu realmente tinha o insultado. – Com certeza não é Leon.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Você pode chamar do que quiser. Inclusive você poderia me dar um novo nome aceitável quando for compartilhar sua experiência com outras pessoas.

Certo então as ofensas ocorriam de ambos os lados! Tudo bem, era justo, eu havia começado. Fechei meu caderno com força respondendo:

- Eu prometo que irei pensar em algo bastante criativo.

Não era minha melhor resposta, mas me deixou satisfeita. Eu não era uma garotinha indefesa que precisava da ajuda dos professores contra as agressões verbais de outros alunos. Eu podia conviver com elas. Eu podia muito bem empregá-las a outras pessoas. Era nisso que eu estava fortemente concentrada quando o próximo movimento de Leon varreu qualquer coisa da minha mente.

Com extrema agilidade ele inclinou seu corpo para frente da mesa segurando minhas mãos sobre meu caderno. Me desequilibrei e quando meus olhos se focaram eu percebi que estava apenas alguns sentimentos de distancia do seu rosto, estávamos ambos encurvados sobre a mesa, como se tivéssemos contando segredos um ao outro.

PERIGOSAS ACHERON

Senti meu rosto aquecer bruscamente incapaz de desviar meus olhos, daquele olhar, sua boca tão próxima da minha. Engoli em seco e respirei fundo. Naturalmente foi um erro. O perfume de Leon invadiu meus sentidos me inebriando fortemente. Era algo quente e cítrico. Eu pensei em tardes quentes e madeira ardendo na lareira.

Os olhos azuis dele estavam presos no meu rosto e eu podia contar se continuasse naquela posição os pequenos pontos azuis gelo que haviam em sua íris.

- Elizabeth – sussurrou Leon por fim quebrando meu encanto.

Eu tentei me soltar a força. Eu não gostava que as pessoas me tocassem, e aquela proximidade estava me deixando nervosa. Leon aumentou seu aperto sobre minhas mãos. Eu sabia que ele poderia ter me machucado se realmente desejasse aquilo, no momento ele só queria ter certeza de que iria ouvir o que ele tinha a dizer.

- Você, não precisa saber meu nome, ou minha idade. Acredite em mim isso só tornaria tudo ainda mais complicado. Eu posso afirmar que tenho experiência com isso. Então vamos apenas nos ater nos detalhes práticos, e a história a meu respeito

você pode inventar quando tudo isso tiver acabado. Eu prometo me esforçar o máximo possível pra que você só tenha boas opiniões ao meu respeito.

Eu demorei um longo minuto pra compreender tudo o que ele havia dito. Ele estava muito perto e seu cheiro era algo que deixava meu cérebro completamente turvado. Concordei em silêncio, e lentamente senti as mãos de Leon deixar as minhas. Afastei-me rapidamente respirando muito rápido como se tivesse acabado de correr uma hora seguida. A minha frente Leon não parecia nem um pouco abalado. Eu detestei-o um pouco por isso.

Deixei que minha respiração voltasse lentamente ao normal. Aquilo seria muito mais complicado do que eu imaginara. Eu não gostava de contato humano, mas não era uma ignorante completa no assunto. Eu já havia beijado e abraçados outros garotos, mas nenhum deles havia causado tamanho alvoroço em meu corpo. Definitivamente aquelas sensações não faziam parte do plano. Eu precisava ficar afastada de Leon. O homem era uma incógnita ambulante e eu não gostava muito de incógnitas, principalmente quando elas tinham tanto poder sobre mim. Eu realmente não era capaz de imaginar, como seria a

experiência de ir pra cama com aquele homem. De repente só de imaginar tal coisa, senti um frio horrendo escorregar por minha espinha.

- Tem razão – eu respondi com a voz trêmula, eu precisava me acalmar – Nada de perguntas, de ambas as partes, seremos os mais profissionais possíveis.

- Fico feliz que você concorde comigo.

Engoli em seco sentindo uma necessidade sufocante de sair de perto de Leon, eu não conseguia raciocinar de forma coerente perto dele e isso me assustava mais do que eu realmente era capaz de suportar.

- Onde será o encontro Elizabeth? – ele me perguntou, uma mecha do seu cabelo escorria de forma displicente sobre seu rosto e tive de forçar toda minha concentração para a pergunta que ele havia me feito.

Eu sabia a resposta para aquela pergunta, ela estava em algum lugar da minha mente, eu havia anotado todos os pequenos detalhes cuidadosamente em meu relatório, eu apenas precisava me focar.

Forcei o ar pra fora dos meus pulmões com força. Eu sabia muito bem ao que ele estava se

referindo. Quando finalmente eu poderia concretizar meu plano. Colocar um ponto final em tudo. Por uma fração de segundo me imaginei sozinha num quarto com Leon, seu olhar azul gélido focado em mim. Senti meu coração disparar loucamente em meu peito.

- Eu vou fazer reservas em um hotel perto do centro – respondi com voz tremula – eu posso enviar o endereço junto com o comprovante de depósito do seu pagamento.

Leon não respondeu apenas acenou positivamente como se aquilo fosse um procedimento padrão, como se simplesmente estivéssemos conversando sobre negócios. Me perguntei em silêncio se para Karen a garçonete que nos atendera e ficara nos observando por tanto tempo se ainda parecíamos um casal.

Não havia mais o que ser discutido, eu tinha toas as informações que precisava pra seguir em frente com meu plano. No final o encontro havia sido positivo. Eu deveria me sentir calma, mas pra minha surpresa sentia como se alguém tivesse bagunçado todo meu interior. Com as mãos ainda tremulas, joguei meu caderno de qualquer forma em minha bolsa. Leon parecia bastante interessado

PERIGOSAS NACIONAIS

em meus movimentos e ignorava completamente a bebida que havia pedido quando chegara.

Há quanto tempo nos estávamos conversando? Eu simplesmente perdera completamente a noção do tempo. Com o canto dos meus olhos vi que Karen estava se aproximando, ela também deveria ter percebido minha movimentação. Pelo jeito que ela sorria não era a única que gostaria que aquele encontro terminasse o mais rápido possível. Busquei um pouco agitada minha carteira que estava perdida em algum lugar da minha bolsa, mas assim que Karen apareceu do lado de nossa mesa, ele foi mais rápido e colocou uma nota de vinte dólares em cima da mesa, o suficiente pra pagar nossas bebidas e uma generosa gorjeta. Seus olhos me encararam de maneira perigosa como se me desafiassem a eu recusar o pagamento de minha bebida.

Engoli incapaz de pensar qualquer coisa com coerência. Karen parecia muito animada e bastante disposta a conversar com Leon. Eu resolvi aproveitar a oportunidade.

- Bem obrigada pelo café – eu disse muito baixo não tendo certeza se ele podia me ouvir – eu te mando o e-mail... Então nos encontramos.

PERIGOSAS ACHERON

Eu não esperei uma resposta, pra mim tudo aquilo era mais do que o suficiente. Agarrei minha bolsa, e quase correndo sai do café.

O vento frio acertou meu rosto como um açoite, dei dois passos na calçada, mas não consegui ir em frente estava ofegante. Aspirei com força o ar noturno sentindo meu coração descontrolado contra minhas costelas. Meus pensamentos corriam desenfreados em minha mente e eu não conseguia me concentrar com clareza em nenhum deles.

Eu precisava ir pra casa. Eu conseguiria pensar com calma quando estivesse em casa. Mais precisamente debaixo da segurança das minhas cobertas, bem longe daqueles olhos azuis escuros e o cheiro de especiarias.

Ajeitei minha bolsa sobre os ombros enxergando a rua pela primeira vez. A calçada em frente ao Joe's estava vazia. A noite estava muito fria e pela primeira vez me arrependi de não ter vindo de carro. Seria uma longa caminhada até em casa graças aos meus nervos. Era nisso que meu cérebro estava focado quando alguém me agarrou pelo cotovelo e minha voz ficou presa dentro da minha garganta.

E novamente lá estavam aqueles olhos azuis me

encarando. O perfume de Leon preencheu todos meus pensamentos afastando qualquer pensamento coerente.

- Elizabeth – ele começou num murmúrio porque estávamos a menos de cinco centímetros um do outro. O rosto dele pairava sobre o meu como uma visão esplendida e percebi que ele devia estar sustentando ao menos metade do meu peso já que eu estava na ponta dos pés. – Por que saiu correndo?

- Eu não saí correndo ... – eu não sabia porque estava sussurrando também – eu, estou atrasada.

- Atrasada? – Leon encostou sua testa contra a minha, enquanto eu era incapaz de continuar a respirar normalmente.

- Sim, eu realmente preciso ir embora.

- Está mentindo – ele respondeu e havia um leve tom de risada no seu sussurro. Eu senti meu rosto arder e sabia que não era mais devido ao vento frio.

- Por que você veio atrás de mim? – eu perguntei. Não tinha idéia do porque ainda não tinha tentando soltar meu braço, mas naquele momento não tinha muita certeza se minhas pernas seriam capazes de sustentar o peso do meu corpo.

Não com toda aquela consistência de macarrão molhado.

- Você não me deixou me despedir adequadamente. Além disso, Elizabeth, você pagou por um encontro... Não gostaria de ir embora com algum tipo de experiência?

Eu entrei em pânico! Senti as ondas de medo confusão se espalhar pelo meu corpo, como se estivessem sendo bombeadas pelo meu sangue. Minha voz estava muito baixa e esganiçada quando respondi:

- Experiência? Que tipo de experiência? – Bom deus que tipo de pergunta era aquela? Eu não havia pago aquele encontro pra ter experiência alguma, eu só queria ter informações, e já havia alcançado meu objetivo, eu deveria ir embora. Mas meu corpo estava mais uma vez sem prestar atenção aos meus desejos.

- Que tipo de experiência você gostaria que eu lhe proporcionasse Elizabeth? – fechei os olhos tremulas. Eu não conseguia suportar aquela voz. Era bela e inebriante, e por um segundo muito longo eu desejei que ele sussurrasse meu nome novamente. Como somente ele era capaz de dizer.

Abri meus olhos e segui o olhar feroz de Leon.

Ele parecia bastante concentrado nos meus lábios e de repente eu entendi completamente a que tipo de experiência ele estava se referindo. Devo ter esquecido como respirava, porque de repente parecia que não havia oxigênio suficiente nos meus pulmões.

Respondi a primeira coisa que passou pela minha cabeça.

- Eu tenho um spray de pimenta na minha bolsa – o sussurro foi tão fraco que eu quase tive certeza de que Leon não conseguira me ouvir, quando percebi o peito de Leon estremecendo sob a palma minha mão. Ele estava rindo baixinho. Oh Deus eu estava com ambas as mãos apoiadas no peito daquele homem.

- Você vai usar seu spray de pimenta contra mim? – ele tinha parado de rir, mas havia uma clara nota e humor em sua voz. Eu não fazia idéia do porque, mas adorava o tom de voz dele, e aquele sotaque estranho.

- Eu não sei, eu deveria? Supostamente eu só deveria usa-lo em agressores, e bem você não está me agredindo...

Eu perdi minha linha de raciocínio quando o polegar de Leon subiu pra minha bochecha e traçou

uma pequena linha roçando a minha pele.

- E...?

- O que? – eu perguntei confusa.

- Você estava dizendo alguma coisa sobre agressores, e spray de pimenta.

- Estava? Eu não me lembro.

Lá estava mais uma vez seu sorriso, dessa vez seus olhos azuis estavam brilhantes também. Decidi que gostava deles quando estavam mais claros, e iluminados. Mas, quando esse pensamento me atingiu percebi o sorriso de Leon morrer em seu rosto e lentamente ele me soltou sussurrando em meu ouvido.

- Vai ser interessante Elizabeth observar até onde essa experiência que você me propôs ira leva-la. Interessante e extremamente perigoso!

Como era de se esperar cambaleei, assim que minhas pernas foram obrigadas a lidar novamente com todo o peso do meu corpo. Agora que estava afastada do corpo de Leon eu sentia claramente o frio noturno. Eu tremia descontroladamente.

Eu sabia que devia me mover, mas não conseguia parar de observar o homem a minha frente, e nem mesmo formular algo com o mínimo de coerência pra responder. Foi Leon quem

quebrou nosso silêncio.

- Está ficando tarde. Onde está seu carro?

- Eu vim andando – respondi minha voz estava estrangulada em minha garganta.

Minha resposta pareceu zanga-lo, eu vi seus olhos escureceram adquirindo novamente aquela coloração de azul escuro. Definitivamente ele não havia gostado da minha resposta.

- Venha – ele disse por fim parecendo ainda mais mal humorado – eu te levo pra casa. Não quero saber de que você está andando no meio da noite com todos esses universitários a solta.

- Não precisa! – eu quase gritei – eu moro perto daqui de verdade, três quadras.

Assim que as palavras saíram da minha boca, eu quis agarrá-las e forçar elas de volta minha garganta abaixo. O que eu estava fazendo dizendo exatamente a ele onde eu morava!? Eu havia acabado de conhecer aquele homem! Eu estava pagando aquele homem pra me encontrar num café, para discutirmos a perda da minha virgindade! Eu podia ser mais estúpida do que aquilo?

- Eu preciso realmente ir – continuei sentindo que minhas explicações estavam transformado tudo em algo pior. Observando o rosto de Leon, percebi

que ele estava mais do que disposto a argumentar comigo. Eu precisava agir depressa. A simples idéia de ficar sozinha com aquele homem dentro de um carro fazia com que parecesse que um buraco vazio e fundo trocara de lugar com minhas entranhas.

- Eu te mando o e-mail – continuei dando um passo pra trás – E obrigada pelo encontro – Oh claro como se ele tivesse alguma escolha. Cale a boca Liz e vai embora. Eu tenho realmente que ir.

Virei minhas costas e andei muito rápido, eu não queria de forma alguma que ele voltasse a me agarrar. Eu não tinha idéia de como iria reagir, mas por algum motivo pensei que desmaiar não seria uma má idéia.

Atravessei a rua sentindo um pinicar irritante na minha nuca e sabia que ele estava me observando. Por favor, Deus não permita que ele me siga, por favor! O som dos meus passos era abafado contra as pedras da calçada. Eu apertava as alças da minha bolsa, como se dependesse delas minha vida.

Ele estaria ainda em frente ao Joe's me observando? Eu não podia olhar pra trás pra ter certeza. Não teria essa coragem. Então fiz a única sensata que me ocorreu no momento.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu saí correndo.

E não parei de correr até ter chegado em casa, e subido correndo os cinco lances de escadas até meu apartamento. Se meu treinador do colegial tivesse me visto aquela noite, eu sei que ele teria ficado orgulhoso!

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Cinco

Na manhã do dia seguinte quando o despertador do meu celular tocou não pude reprimir um gemido. Sentia meu corpo todo dolorido, havia dormido pouco e muito mal. Meus sonhos haviam sido repletos de perseguições, e imagens de Leon, e Sprays gigantes de pimenta.

Por um momento a idéia de pular as aulas da manhã me pareceu muito tentadora, mas eu realmente precisava adiantar meu projeto de final do semestre, e sabia que meu professor iria querer saber o motivo do meu sumiço repentino. Portanto matar as aulas no final das contas não era realmente uma opção.

Fechei os olhos tentando evitar a todo custo as imagens da noite anterior que teimavam em vir a minha mente a todo instante, sem serem convidadas. Os detalhes ainda estavam muito vivos na minha cabeça, assim como as sensações que ainda deixavam meu cérebro confuso, e meu corpo estranhamente dormente. Tentei afastar tudo isso dos meus pensamentos e me concentrar nos meus

PERIGOSAS ACHERON

problemas mais recentes.

Com lentidão peguei meu celular que estava sobre minha mesinha de cabeceira. Havia nada menos do que treze chamadas perdidas da minha mãe. Ela devia estar a beira de um colapso por causa do meu silêncio. Era um costume meu sempre atender as ligações da minha mãe, dessa forma elas duravam menos e tinham uma parcela pequena de reprimendas. Eu realmente não gostava de pensar quantas horas ela ia passar comigo ao telefone, me lembrando da importância de se ter responsabilidade.

Tentando evitar horas de sermão vazio, digitei uma mensagem simples para minha mãe, dizendo que estava muito ocupada com meus trabalhos na faculdade, e não havia respondido a ligação na noite anterior porque tinha ido dormir cedo porque estava com dor de cabeça.

Torci mentalmente para ela ainda não ter olhado na minha conta bancaria, com toda certeza isso ainda iria render uma boa rodada de perguntas.

Deixei o celular cair da minha mão na cama sentindo que aquele prometia ser um dia muito longo.

No fundo eu sabia que estava adiando o

momento que iria ter de pensar em Leon. Avaliando tudo mais uma vez eu sabia que nada no mundo poderia ter me preparado para conhecê-lo. Nem mesmo nos mais loucos devaneios eu poderia ter esperado alguém como ele. Irritante, presunçoso, elegante, bonito. Ele me tirava completamente do sério, da mesma forma que me fazia perder a linha de raciocínio, e mesmo assim eu era incapaz de controlar meus pensamentos e a todo momento me lembrava de algo eu remetia a ele. Não era aquilo que eu havia planejado! Tudo havia saído completamente fora do meu controle e a situação atual realmente me assustava!

Incapaz de continuar remoendo meus pensamentos em silêncio resolvi que seria melhor encarar logo o dia que tinha pela frente. Minha vida não iria esperar para que eu tivesse uma inspiração e resolvesse aquela enorme bagunça que eu mesma havia criado sozinha.

Sai da cama sem nenhum um pinga de animação e tomei uma ducha rápida. Pelo silêncio na casa eu tinha certeza que Brenda já havia ido para a aula. Naquele momento eu desejava que nós estivéssemos conversando normalmente. Havia tanta informação dentro do meu cérebro que não

faria mal algum dividir ela com mais alguém, e de alguma forma eu sabia que a pessoa certa para me ouvir naquele momento seria Brenda. Minha companheira de quarto, sarcástica, bela e mal-humorada.

Eu não estava com fome, mas mesmo assim fiz café, apenas para manter uma rotina tranqüila. Meus pensamentos pareciam se chocar uns contra os outros enquanto eu tentava inutilmente não pensar em Leon.

Como eu podia me sentir tão atraída por alguém que eu acabara de conhecer apenas algumas horas? Não fazia sentido algum! Aquela não era minha forma de pensar, de agir. Por que nosso encontro havia mexido tanto comigo?

Enquanto esperava o café ser coado, eu gostaria que as respostas daquelas perguntas aparecessem como mágica a minha frente. Ficar naquele estado de incerteza, repetindo as mesmas duvidas, sem nunca conseguir chegar a uma conclusão definitiva era martirizante!

E mesmo assim ali estava eu, incapaz de controlar os pensamentos, ainda sentido o eco do toque dele contra minhas mãos, contra meu rosto, o que só mostrava o quanto eu estava influenciada

PERIGOSAS NACIONAIS

por ele! Por que eu não parava de pensar nele? Não era como se ele fosse o único homem a me tocar, pra eu ficar tão hipnotizada por aquela reação!

Frustrada comigo mesma sentei sozinha na cadeira do alojamento que era minha casa nos últimos quatros anos. A maioria das coisas ali naquele comodo estava como na primeira vez que eu chegara ali, embora agora tudo parecesse ter um ar mais bonito. Talvez fosse as lascas no canto da vez que eu e Brenda derrubamos uma escada contra o armário tentando trocar uma lâmpada, ou os pequenos quadros de arte moderna na parede quando Brenda entrara numa fase de querer ser artista.

A verdade era que naquele minúsculo apartamento eu me sentia mais realizada do que nos longos anos que havia passado na casa de minha mãe. Era ali que eu havia enfrentado meus problemas, aprendera o mínimo de culinária, varara noites em claro estudando aquilo que mais me trazia prazer no mundo. Olhando agora daquele ângulo eu podia ver como minha vida parecia possuir uma estrutura frágil... Eu realmente estava satisfeita com o que estava fazendo? Eu era realmente feliz?

PERIGOSAS ACHERON

Fiquei surpresa comigo mesma enquanto bebericava meu café, ao descobrir que eu não tinha aquelas respostas. Pareciam serem perguntas tão simples, e mesmo assim eu não sabia responde-las.

De repente eu percebi que estava assustada, tão assustada quanto uma criança podia ficar ao perder o brinquedo predileto. Será que eu não sabia aquelas respostas, por que nunca havia pensando nelas?

Com um suspiro terminei o café com pressa. Decidi com firmeza que definitivamente eu tinha de parar de pensar em Leon... Ele realmente era capaz de colocar meus pensamentos de pernas pro ar.

Eu tentei prestar atenção nas aulas, mas quando escrevi errado pela quarta vez uma formula que conhecia desde o ensino médio, eu decidi desistir. O que só me deixou ainda mais irritada. Eu nunca desistia e quando se tratava de física eu levava o assunto pra lado pessoal.

Eu sempre fora boa com os números! Eu gosto de pensar que isso é algo que herdei do meu pai. Matemática sempre foi minha matéria predileta, embora no fundo eu sempre tivesse gostado de

estudar. Mas física? Física era diferente. Era mágico embora exigisse cada grama na minha concentração, e esforço. Eu adorava!

Eu sabia que a maioria das pessoas torciam o nariz sempre que tinha algo relacionado a física no meio, mas eu realmente não me importava. Eu era ótima estudando física! Nada na minha vida havia me trazido tanta satisfação do que me debruçar sobre um livro e dissecar cuidadosamente aquelas formulas. Era exatamente por esse motivo que eu sabia que realmente havia algo de errado comigo, quando esqueci completamente algo que eu há muito tempo já havia aprendido.

Meu humor também não melhorou quando o professor Taylor veio falar comigo depois da aula me perguntando o motivo da minha distração. Eu realmente não soube o que responder, o que pareceu deixa-lo descontente. Mas, no final das contas eu também não fiquei nem um pouco alegre quando ele me pediu para adiantar meu relatório de sua matéria!

Eu sabia que ele estava apenas tentando me animar, normalmente eu sempre entregava meus relatórios antes porque não aguentava para debatelos com meus professores, mas não era como se

naquele momento eu não tivesse mais nada para fazer. Eu tentei ficar animada, mas tive que me controlar na frente do meu professor para não fazer uma careta horrenda.

Sai da sala de aula caminhando tão rápido e tratei de ignorar qualquer pessoa que passasse por mim até eu estar salva de volta a minha casa. Definitivamente aquele não estava sendo um bom dia.

Eu estava quase deixando o campus da universidade quando senti meu celular vibrar no meu bolso. Por um momento eu tentei ignorá-lo, mas só de pensar que podia ser minha mãe mais uma vez fez com que eu me rendesse e resolvesse ver do que se tratava.

Naturalmente eu não estava preparada para a pequena mensagem estampada na tela.

Estou esperando suas coordenadas. Espero que você já tenha acertado os detalhes. Mas não sinta-se pressionada. Acho que não sou o único ansioso não?

L

Aquele canalha sem vergonha! Pensei trincando os dentes enquanto fechava o telefone com força e voltava a atirá-lo de qualquer forma dentro do

bolso da minha jaqueta! Como ela ousava me mandar uma mensagem provocativa daquelas! Como ele ousava monopolizar todos os meus pensamentos fazendo com que eu esquecesse minhas formulas!

Por um momento eu realmente quis gritar com ele! Dizer que ele não tinha o direito de me fazer sentir daquele jeito! A frustração era tão intensa que eu só percebi que havia parado de caminhar e ainda continuava no mesmo lugar quando alguém esbarrou no meu ombro.

Era incrível apenas três frases e Leon, havia conseguido tirar meu mundo de eixo, eu não queria nem saber qual seria minha reação ao ler uma redação com trezentas palavras.

Quase correndo continuei meu caminho para casa. Havia desistido de tentar mandar meu cérebro não pensar em Leon. Afinal eu precisava admitir que a culpa de estar naquela situação era toda minha! De todos os garotos de programa que eu podia ter contratado eu tinha de escolher aquele com senso de humor. Podia ser uma piada do universo, uma forma do destino se vingar de mim por tomar uma decisão como aquela. Mas, eu não era do tipo que acreditava em destino. Eu não ia

PERIGOSAS NACIONAIS

deixar Leon me intimidar. Eu havia começado aquela história e iria terminá-la de uma vez por todas!

Tentei convencer a mim mesma que só estava nervosa porque perder a virgindade seria um grande passo, ainda mais da maneira que eu havia arquitetado. Não era grande coisa. Várias mulheres passavam por aquela situação todos os dias. Eu iria superar. Meu pensamento fixo em Leon, devia ao fato de que eu estava curiosa, afinal quem no meu lugar não iria ficar? Mesmo assim aquilo não era motivo para descontrole! Eu precisava seguir com meu plano e não me envolver tão intensamente. Aquilo com certeza seria falhar no resultado final.

Para me controlar segui o resto do meu caminho recitando em silêncio minhas fórmulas prediletas. Foi só quando entrei no apartamento e encontrei Brenda sentada na mesa comendo um sanduíche natural que eu soube que minha sorte não havia melhorado. E muito provavelmente ela ia despencar radicalmente naquele momento.

Fechei a porta e deixei minha mochila cair ali mesmo onde estava. Não dava mais para adiar então simplesmente fiquei parada esperando Brenda começar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Então – disse Brenda mordendo o sanduíche com bastante vontade – Vejo que não vai ser preciso ligar para a funerária encomendando uma coroa tripla de flores.

E estava dada a largada.

Eu tentei controlar minha irritação e sentei na única cadeira vazia que sobrava na mesa. Embora meus pensamentos estivessem confusos, eu queria muito conversar com minha colega, contar a ela tudo o que havia acontecido desde nossa ultima discussão. O único problema era que eu não sabia por onde começar.

- E então – exigiu Brenda terminando sua ultima fatia de sanduíche – Você vai ou não me contar o que aconteceu?

Certo, aquilo ia ser muito mais difícil do que eu planejava.

- Pelo amor de Deus Liz, fala alguma coisa, você tá me deixando nervosa... Não vai me dizer que o desgraçado tentou te...

- Nossa Brenda não! Você só pensa em desgraça!

- Oras você não tá falando nada, isso deixa minha imaginação livre pra pensar qualquer coisa.

- Não aconteceu nada demais – respondi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

embaraçada – nós apenas conversamos. Tomamos um café.

- Você ta querendo me dizer que ainda é virgem?

Lancei um olhar mal-humorado pra minha amiga, até que Brenda começou a rir descaradamente.

- Não tem graça – eu disse usando meu tom de voz mais controlado.

- Na verdade – respondeu Brenda ainda rindo – tem muita graça. Você parecia tão decidida quando conversamos. Eu pensei que você já tinha resolvido todo o problema.

- Eu não ia perder minha virgindade com alguém que nunca tinha visto antes da vida Brenda. Se você tivesse terminado de ler meu relatório iria ter todas as respostas, e enxergar o quanto essa sua suposição é estúpida.

- Desculpe, eu mal leio o que preciso pras minhas provas. Ler definitivamente não é meu ponto forte. Mas, você pode me explicar porque foi tomar um café com um garoto de programa?

- Eu precisava conhece-lo – respondi desviando meu olhar – Realmente saber se o plano podia ser algo que eu iria conseguir colocar em pratica.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- E então?

- Então o que?

- Oras Liz não se faça de tonta. Eu quero saber o que você achou, se realmente está disposta a levar tudo isso até o final.

- É complicado ... – eu respondi bufando e desfazendo meu rabo de cavalo – digamos que ele não era nada do que eu estava esperando e alguma variáveis da qual eu não estava contando foram adicionadas ao plano.

- Ele era bonito?

- Por que você quer saber isso? – perguntei desconfiada.

- Por que com toda minha experiência eu nunca conheci um garoto de programa antes e estou curiosa. Então você vai ser minha fonte de informação.

Senti meu rosto esquentar quando me obriguei a responder à pergunta.

- Sim... Ele era bonito!

- Ai meu Deus bonito como? Me conta, detalhes, ele era loiro, moreno? O que ele disse para você.

- Brenda devagar ok? Essa é a primeira vez que estou tendo esse tipo de conversa. Eu ainda estou

PERIGOSAS ACHERON

um pouco confusa.

- Eu estou vendo – respondeu Brenda sorrindo com o canto das bocas – Para um homem ter te deixado nesse estado ele deve ser algo completamente fora do normal. Você bem que podia dar meu telefone para ele heim?

- Brenda!

- Ah que foi eu to tentando descontrair! Você ta fazendo um mistério enorme sobre o assunto, desembucha logo como ele é!?

- Ele é... O nome dele é Leon – eu comecei baixinho sem conseguir olhar pra Brenda direito – Quer dizer o nome dele deve ser outro, mas ele usa esse para trabalhar, você sabe fazendo o que... Deve ter uns dois metros de altura, moreno com um cabelo repicado na altura do ombro. Ele cheira muito bem, se por acaso você encontra-lo na rua provavelmente vai virar o pescoço pra dar uma olhada melhor. Também é irritante, sarcástico, irônico, cabeça dura, rabugento, e mais alguns adjetivos não tão educados que eu podia colocar na descrição.

- Uau...

- Que foi?

- Liz, esse tal de Leon deve realmente ter

mexido com você pra ter deixado essa primeira impressão. Essa provavelmente deve ser a frase mais longa que eu já ouvi você dizer em relação a qualquer coisa que não seja física.

- Fica quieta – eu respondi encostando meu queixo na palma da minha mão.

Brenda pareceu não ligar pra minha reprimenda e espreguiçou-se na cadeira como uma gata sonolenta.

- E então? Qual vai ser seu próximo passo?

- Você não está mais brava?

Os olhos verdes da minha colega me perfuraram quando ela respondeu:

- Eu ainda estou brava, mas você é a Liz, e se é capaz de entender a teoria da relatividade então sinceramente montar o plano pra perder a virgindade não deve ser lá tão difícil. Então vou dar um desconto dessa vez e guardar minha opinião. Afinal você parece estar realmente decidida a ir com isso até o fim não?

Não fui capaz de responder desviei meu olhar sentindo as bochechas vermelhas.

- Liz – perguntou Brenda dessa vez muito mais calma – Você ta realmente certa disso não?

Um sorriso sem graça se formou nos meus

PERIGOSAS NACIONAIS

lábios. Enquanto eu me virava pra encarar Brenda eu percebi que realmente não estava mais no controle da situação, e mesmo assim, mesmo sabendo dos riscos eu iria até o fim.

- Eu não sei se estou completamente certa – respondi com toda minha sinceridade – Mas, depois de ontem eu duvido que conseguiria colocar esse plano em pratica com outra pessoa. Isso não é loucura?

- Completamente – respondeu Brenda.

- Esse é o seu apoio moral agora? – perguntei achando a resposta realmente divertida.

- Bem então já que você chegou a sua decisão e eu vou te apoiar, precisamos ir ao shopping.

- Shopping? – Perguntei confusa, como se tivesse perdido algo importante – O que vamos fazer no shopping?

- Comprar calcinhas – respondeu Brenda muito seria

Provavelmente meu olhar escancarado respondeu sem minhas palavras, o fato de que eu não estava entendendo nada.

- E não me olha desse jeito! Você viu sua gaveta de calcinhas? Porque eu dei uma fuçada lá hoje de manhã quando não achei nenhuma limpa.

PERIGOSAS ACHERON

Acredite em mim, não existe nada naquele lugar que você possa sonhar em usar para perder sua virgindade.

Contar com o apoio de Brenda era algo que realmente eu não podia sequer ter imaginado, era mais uma das novidades que não estavam no plano. Por isso quando ela disse que precisávamos ir ao shopping comprar calcinhas, embora toda a situação me parecesse ser muita bizarra eu resolvi não dizer nada e acompanhá-la.

De certa forma agora Brenda parecia muito mais animada do que eu mesma para nossa pequena excursão. O plano era irmos direto a loja de calcinhas porque Brenda ainda tinha duas aulas a tarde, mas no meio do caminho ela resolveu passar em qualquer restaurante para almoçar dizendo que nenhuma quantidade infinita de lanche natural iria sustentá-la. Eu resolvi não questionar porque de repente me senti com muita fome.

Ir ao shopping em plena tarde num dia simples de semana com toda certeza não era algo que fazia parte da minha rotina. Mas, de qualquer forma visitas a shoppings não era algo que eu estava acostumada a fazer em momento algum, ao

contrário de mim Brenda parecia conhecer o lugar como a palma da mão. Depois de meia hora de andança percebi que a idéia de Brenda seria realmente matar suas aulas da tarde, afinal minha colega de quarto fazia questão de parar na maioria das lojas e em todas as vitrines. Não tenho idéia do quanto tempo ficamos batendo perna à toa, mas somente quando Brenda estava com tantas sacolas que fui obrigada a ajuda-la a carregar seus pacotes, que finalmente paramos em frente a loja de lingerie.

- Victoria Secrets? – perguntei sem muita confiança sobre se realmente aquela era a melhor opção.

- Acredite em mim Liz, você não vai querer perder sua virgindade usando calcinhas de algodão certo?

Eu realmente fiquei tentada em argumentar que não via nada de errado em calcinhas de algodão, mas no minuto seguinte estávamos dentro da requintada loja cercada de vendedoras muito solícitas que dispunham peças minúsculas em nossa frente que com certeza fariam um pequeno rombo na minha conta bancaria.

Brenda não conseguiu se conter e mesmo já

tendo comprado um terço do shopping, arrematou dois conjuntos vermelhos, com peças tão minúsculas que era um ultraje custarem um valor tão elevado. Era como pagar para usar pequenos trapos finos de roupas.

- O que você achou? – perguntou Brenda mostrando a delicada calcinha vermelha que tinha uma pequena corrente pendurada.

- Não tenho idéia – respondi sinceramente – mas, não acho que você esteja muito bem-intencionada se quer usar isso.

- Você é meu orgulho Liz, aprende tão rápido. Mas pelo contrario do que pensa estou muito bem-intencionada quando penso em usar isso daqui. David e eu brigamos na noite anterior. Quero ver quanto tempo iremos continuar brigados quando ele me ver usando apenas isso. Mas, chega de mim, você ainda não escolheu nada?

Desviei meu rosto e tentei não pensar em Brenda usando um trapo de seda vermelho tentando seduzir seu namorado. Pobre David, ele não tinha muito livre arbítrio no relacionamento.

- Não sei o que escolher. Tudo parece tão extravagante e pequeno, provavelmente vou ter que ficar usando minhas mãos pra tapar meu corpo se

usar algo como isso.

- Liz pelo amor de Deus, não se faça de pudica, o homem vai te ver pelada. Ele deve ter visto tipo um milhão de mulheres peladas. Deixe ele ao menos ter uma surpresa!

Olhei de soslaio pra Brenda como se não tivesse muita certeza daquela informação. Mas, tinha de admitir que talvez ela tivesse razão. Eu estivera tão concentrada nos detalhes técnicos do meu plano, que aquela era a primeira vez que realmente percebia que iria ficar nua na frente de Leon... E que eu iria ver ele nu.

Só a idéia me causou calafrios gélidos, e minha boca de repente estava muito seca. Minha visão embaçou momentaneamente. Havia um motivo pelo qual meu guarda-roupa era constituído basicamente de calças jeans, moletons e camisetas. Eu era extremamente tímida em relação ao meu próprio corpo. Minha mãe não me via nua desde os doze anos de idade. Brenda nunca me vira nua, e nos morávamos na mesma casa a quatro anos, eu já tinha perdido as contas de quantas vezes já a vira sem roupa. Não ia dar certo. Definitivamente aquilo não ia funcionar. Eu não ia conseguir ficar nua em frente a Leon... Nem que minha vida dependesse

disso.

- Ai meu Deus – eu murmurei entre dentes sentindo minha cabeça rodar – Isso não vai dar certo. Eu acho que to passando mal...

- O que? – perguntou Brenda distraída porque ainda estava olhando as lingerie.

- Brenda não me deixa vomitar em cima dessas calcinhas, elas vão me fazer levar tudo para casa, e eu nem vou poder te dar elas de presentes porque vão estar vomitadas.

Para minha surpresa Brenda agiu rápido, antes que eu conseguisse me dar conta do que estava acontecendo fui meio carregada, meio arrastada até um dos elegantes pufes que ficavam espalhados pela loja e fiquei ali largada respirando pela boca.

- Você está branca como um papel – comentou Brenda, sem nenhum tom de preocupação na voz – Vai enfiar a cabeça entre os joelhos.

Eu queria argumentar que ia melhorar, mas Brenda simplesmente me ignorou e empurrou com força minha cabeça contra meus joelhos. Embora eu estivesse vendo tudo de ponta cabeça de repente já era mais fácil respirar.

- Obrigada – eu murmurei depois de alguns minutos sentindo meu nariz entupido e boca como se

estivesse cheia de terra.

- Não é como se eu nunca tivesse te visto desse jeito. Você fez a mesma cara quando o professor Steven disse que a gente ia dissecar um rato. Só que naquele dia você vomitou de verdade.

- Obrigada por me lembrar de um dos momentos mais memoráveis da minha vida acadêmica.

- As ordens – respondeu Brenda sorrindo de orelha a orelha.

- Esquece isso – levantei a cabeça sentindo minha visão clarear – Não vai dar certo Brenda, eu não vou conseguir ficar pelada na frente dele!

- E vai perder a virgindade como? – perguntou Brenda incrédula – Você não é a virgem Maria sabia.

Tapei o rosto com as mãos e pressionei meus olhos com a ponta dos meus dedos. Como podia ter sido tão estúpida e não ter me focado naquele detalhe tão primordial! Onde eu estava com a cabeça?

- Liz – chamou minha colega – sabe também não é assim grande coisa ficar pelada na frente de um cara.

- Você fala isso, porque provavelmente já se

acostumou. Eu também iria me acostumar se tivesse o corpo da Megan Fox, e onze entre dez homens quisessem me ver nua.

- Você acha que eu tenho o corpo da Megan Fox? Espera aí, alguém disse pra você que queria me ver pelada?

Eu resolvi não responder porque naquele momento, minha cabeça resolveu começar a ter vontade própria e achou que seria um ótimo momento para começar a doer. Enfim eu realmente havia acertado minha previsão e aquele estava sendo um péssimo dia.

- Ok, certo esquece a Megan Fox ok? O que eu quero dizer é que nem sempre foi assim para mim. Eu também tive minha primeira vez e também morri de vergonha quando as roupas começaram a serem espalhadas pelo chão.

- Como você conseguiu?- perguntei, porque nunca antes Brenda havia comentado sobre sua primeira vez.

- Bem não foi como se eu tivesse preparado tudo como você – respondeu ela sem graça passando as mãos pelo cabelo – Eu tinha dezesseis anos, e acredite eu não tinha toda essa confiança que mostrava no colégio. Mas, a verdade era que eu

queria muito então. Digamos que segui meu instinto.

- Você perdeu sua virgindade no baile de formatura não foi?

- O que? – exclamou Brenda horrorizada – Lógico que não.

- Mas você namorava o Paul, o capitão do time de futebol.

- Que era um idiota sem limites, mas eu era a líder de torcida então determinadas coisas eram esperadas de mim, e embora o Paul tenha tentado com bastante afinho ir para a cama comigo.

- Você gostava dele? – perguntei abaixando meu tom de voz, embora nenhuma das vendedoras estivessem prestando atenção em nós duas. Graças a Deus havia mais algumas clientes na loja que elas precisavam se esforçarem pra esvaziar os bolsos.

- Nunca gostei do Paul realmente. Mas não era como se o detestasse.

- E o outro cara? – perguntei incapaz de colocar minha curiosidade em palavras, pra saber o nome do garoto. Brenda e eu havíamos tido um relacionamento complicado no colegial. Eu não sei se realmente tinha direito aquela informação.

- Mais do que deveria Liz. – ela respondeu

realmente sem graça e com olhos distantes. – A pior coisa que pode acontecer é a gente não escolher quem ama sabe. Normalmente isso nunca da certo, e você nunca mais vai conseguir esquecer. Não é algo que você possa apagar do seu passado. Você sempre vai se lembrar daquele momento, não importa quanto tempo tenha se passado.

- Brenda eu...

- Não Liz, deixa eu terminar. Eu não estou te julgando ok? É sua vida suas decisões, e você sabe o que é melhor para você. Mas, você tem que ter consciência de que nunca mais vai se esquecer desse momento, e nem da pessoa que estava com você. De certa forma, esse homem que você está pagando vai fazer parte da sua historia para sempre.

Respirei fundo, porque eu sabia que aquilo que Brenda havia dito era verdade. Ir para a cama com Leon e depois simplesmente deletar esse fato não era algo que eu seria capaz. Eu iria lembrar de cada detalhe, e de cada decisão. Mesmo sabendo que aquilo não iria significar nada para ele, apenas mais um serviço, minha escolha eu iria carregar o resto dos meus dias.

- Não faz essa cara – continuou Brenda – eu sei que a primeira vez parece um bicho de sete

PERIGOSAS NACIONAIS

cabeças, mas acredite é mais simples do que realmente a maioria das pessoas faz parecer. Siga apenas as instruções básicas. Use camisinha, e não faça nada daquilo que você realmente quer fazer. De resto seu corpo ira ditar as coordenadas. E pense pelo lado positivo você não está apaixonada por ele, não é como se fosse sua noite de romance inesquecível.

Forcei um sorriso que provavelmente não deve ter sido muito convincente. Eu não estava apaixonada por Leon. Amor à primeira vista era algo extremamente romantizado pelas pessoas, algo inalcançável porque não existia. E mesmo assim eu sabia que de alguma forma, ele era capaz de provocar algo em mim que eu não sabia nomear. Eu sabia que seria perigoso para mim mesma ir até o fim com aquele plano, mas quanto mais pensava a respeito mais compelida eu me sentia em seguir em frente, mesmo com a cabeça repleta de duvidas.

Eu queria aquilo, como se ao perder minha virgindade eu me libertasse, me transformasse em algo que ainda não era capaz de conceber, como se tivesse de encontrar algo tão importante que até aquele momento eu não sentira falta.

Eu não podia realizar aquela transformação

PERIGOSAS ACHERON

sozinha. Eu ia precisar de Leon. Ia precisar confiar nele e aquilo seria a coisa mais difícil que eu já fizera na vida. Isso e ficar pelada na frente dele.

Levantei em silêncio me sentindo muito melhor, e pensei na ironia que era eu estar tomando decisões tão drásticas dentro de uma loja de lingerie. Mas, pensando por esse lado talvez eu devesse encarar aquilo como um sinal.

Eu iria comprar calcinhas novas. Um novo começo merecia algo novo no guarda-roupa. Respirei fundo sentindo como se uma descarga de energia percorresse meu corpo por inteiro e fiz uma promessa em silêncio.

Prometi a mim mesma que iria perder apenas minha virgindade. Meu coração iria ficar trancado e seguro a sete chaves. Esse ninguém ia me roubar.

Brenda e eu deixamos a loja uma hora depois, e dessa vez eu carregava minha própria sacola, e vários dólares a menos na carteira, mas não me sentia nem um pouco culpada. Talvez no final das

contas eu realmente tivesse de admitir que comprar algo para si num momento de crise era uma ótima terapia.

Brenda parecia ter se recuperado totalmente da nossa conversa, e estava me contando a pleno pulmões enquanto dirigia de volta para casa, como David era estúpido e machista. Como eu não tinha a menor idéia do que responder, eu apenas ouvi e balancei a cabeça em alguns momentos.

Gostaria de poder ter feito algum comentário importante e que lhe ajudasse, mas como minha experiência com o sexo oposto se resumia a uns beijos e um namoro infantil aos oito anos de idade, eu realmente deveria ficar quieta.

Brenda não pareceu se importar. E continuou contando coisas a respeito de David, que foram seguindo uma linha de raciocínio, até que estávamos discutindo porque Samanta havia traído o namorado.

A conversa estava tão animada que eu realmente não percebi quando chegamos em casa. Brenda largou suas sacolas em cima da cama de qualquer forma e correu para o banheiro. Perguntei e ela se realmente não tinha nenhum problema ela ter matado as aulas a tarde, e ela gritou em resposta

que eu estava intimada a ajuda-la a estudar para a prova. Achei justo e sorrindo discretamente guardei meus dois novos pares de calcinha e sutiã na minha gaveta.

Cinco minutos depois Brenda invadiu meu quarto, esplendida com os cabelos enrolados e usando uma blusa de alças onde se podia ver as alças vermelhas de sua lingerie. Pobre David, ele devia estar padecendo no paraíso.

- Não me espera, e vá dormir cedo criança.

Não respondi, mas não resisti e atirei nela uma das almofadas que ficavam largadas em cima da minha cama. Como minha mira era péssima acertei a parede ao seu lado e Brenda foi embora rindo alto.

Desejei em silencio ter um terço da sua alta confiança, mas percebi que provavelmente isso acontecer eu teria de esperar milhões de anos de evolução. Dei de ombros satisfeita no final das contas. Eu já estava velha demais pra ficar desejando ser como uma outra mulher.

Com a casa em silencio sentei na minha escrivaninha, peguei meu celular dentro da minha bolsa busquei na memória o numero de Leon. Lentamente digitei cada letra da frase sentindo que

PERIGOSAS NACIONAIS

sabendo da magnitude do que estava prestes a fazer. Mandeí a mensagem antes de perder a coragem e fechei o celular levando-o de encontro ao centro do meu peito.

Meu coração ali dentro parecia um passarinho agitado batendo as asas. Olhei pra fora da minha janela vendo o céu noturno sem nenhuma estrela.

Eu havia tomado minha decisão. Agora não tinha mais como voltar atrás.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Seis

Minha mochila em cima da cama estava aberta. Eu já havia checado ela pelo menos umas cinco vezes, mas o nervosismo era tão grande que não achei que faria mal checar pela sexta vez.

O conteúdo era pequeno, mas de importância vital. Pasta de dente, escova de dente, escova de cabelo. A camisola indecente que Brenda havia emprestado, e mais uma variedade imensa de camisinhas, que eu havia colocado dentro de uma sacolinha e escondido no fundo na bolsa. Eu realmente não via a necessidade de tantas, mas Brenda fizera questão de passar comigo numa farmácia e comprar todas em exposição, eu ainda podia sentir meu rosto arder lembrando o olhar que o atendente do caixa nos lançara. O motivo de Brenda não ficar nem um pouco rosa diante a situação para mim ainda era um mistério.

Sentei na cama sentindo a pele das pernas um pouco sensível embora tivesse de admitir que o toque que sentia por debaixo das meias sete oitavos era encantador. Aquela havia sido uma semana de PERIGOSAS ACHERON

descobertas, tudo havia começado com minha primeira compra na Victoria Secrets, depois adquirir meu primeiro par de meias sete oitavos, segundo Brenda eu precisava usar algo provocante e que me aquecesse já que havia feito questão de usar vestido, e as meias calças haviam saído completamente fora de moda, tirando o fato de que ainda segundo Brenda consistiam numa dificuldade tremenda em se tirar antes do sexo.

Eu nunca fora uma garota vaidosa e provavelmente nunca me tornaria uma. Ainda podia sentir a dor de ter os pelos arrancados pela raiz. Não muito obrigada sabão e gilete já estavam de bom tamanho para mim. Mas, no final das contas tinha que admitir que o trabalho era compensador, a dor talvez nem tanto.

Brenda insistira que eu deveria ter feito depilação brasileira, um tipo de método que segundo ela deixava a mulher sem pêlo em parte alguma do corpo, isso inclui as partes genitais. A idéia ainda provocava calafrios na minha espinha. Eu chorara como uma criança de colo para depilar minhas pernas, não conseguia imaginar como seria ter partes do corpo ainda mais delicadas submetidas a algo como aquilo. Não obrigada eu estava muito

bem daquele jeito.

Olhei mais uma vez em silencio para o conteúdo da minha mochila. Algo me dizia que eu não deveria estar usando a mochila que levava religiosamente para a universidade todos os dias para carregar todos aqueles itens que eu iria precisar, mas francamente não era como se isso fosse de vital importância, não quando eu estava apenas a alguns momentos de perder minha virgindade. Com certeza eu não deveria estar me importando com o fato de usar minha mochila.

Levantei exasperada e caminhei sentido a aspereza do meu desgastado tapete sob meus pés. Era engraçado como minha percepção sobre o tempo havia mudado durante aquela semana. Olhando agora para os acontecimentos não sabia dizer se minha sensação era de que o tempo havia passado rápido demais, ou muito lento.

Meu encontro com Leon agora eram lembranças já embaçadas, as sensações que conheci naquela noite haviam se tornado indistintas e mesmo assim podia sentir a pontada de ansiedade percorrer cada poro da minha pele.

Eu sabia que havia preparado tudo com o mínimo de cuidado. A reserva do hotel havia sido

feita no nome de Brenda, assim ninguém iria desconfiar de nada, e eu poderia usar sua carterinha falsa de estudante com uma foto minha. Eu não tinha muita certeza se precisava realmente de toda aquela cautela, mas minha mãe ainda não parecia muito convencida com a desculpa esfarrapada que eu dera de precisar comprar livros para o ultimo semestre. Sob pressão não conseguira pensar em nada mais, e a ultima coisa que eu precisava era da minha mãe vigiando cada passo ou despesa minha.

Durante a semana mandara um e-mail pra Leon, informando o endereço de hotel e confirmando o pagamento. Ele havia confirmado o dia, e passara o endereço de onde poderíamos nos encontrar. Queria que chegássemos juntos ao hotel, assim nenhum funcionário iria desconfiar de nada.

Olhando para a noite lá fora pela janela do meu quarto fui incapaz de conter um sorriso secreto. Identidade falsas, encontros marcados as escondidas, não conseguia deixar de me perguntar se uma agente secreta se sentia daquela forma antes de realizar uma missão. Quando criança eu não havia sido aquele tipo de garota que gostava de perseguir os meninos brincando de policia e ladrão. Talvez devesse ter feito isso, para não me sentir tão

saudosa como naquele momento.

Deixei a janela alisando uma ruga invisível do meu vestido de mangas longas. Parei em frente ao guarda-roupa abri sua porta e olhei no espelho de corpo inteiro que havia ali dentro.

Minha imagem não estava muito diferente, eu apenas parecia vestida com mais cuidado, embora houvesse pequenos detalhes que normalmente não costumavam fazer parte da minha rotina. Como a maquiagem leve e a unhas pintadas

Eu tinha que admitir a mim mesma que olhando para mim daquela forma eu não parecia uma garotinha, mas sim uma mulher. Sorri para a imagem refletida no espelho que me devolveu o sorriso com olhos brilhando. Nos dividíamos um segredo que mais ninguém no mundo sabia.

Fechei a porta do guarda-roupa e consultei o relógio do meu quarto. Senti como se um vazio corresse o centro do meu corpo por dentro. Tinha chegado a hora.

Um pouco tremula calcei os sapatos de salto que Brenda havia me emprestado. Saltos não era minha especialidade, mas aquele vestido merecia algo especial assim como aquela noite. Me equilibrei nos sapatos e passei as mãos no cabelo

por nervosismo, por cima de tudo joguei meu casaco e peguei as alças da minha mochila.

Seria daquela forma que uma noiva devia se sentir anos atrás quando o casamento era uma obrigação a mulher? Elas sonhavam com romantismo? O que pediam em silêncio quando o homem que iriam estar em suas vidas era decidido por outras pessoas?

Tentei varrer aqueles pensamentos para longe. Eu não era uma noiva infeliz obrigada a casar com um pretendente que nunca vira na vida. Eu havia tomado aquela decisão sozinha, e não havia nada de errado com isso. Sexo era só isso mesmo; sexo.

Mesmo assim foi extremamente difícil dar o próximo passo larguei a mochila em cima da cama sem me martirizar muito pensando que iria me atrasar e parei em frente a minha estante de livros.

Entre os imensos livros de físicas, e autores como Hawking (perguntar Cláudio) havia alguns livros surrados de literatura. Minha mãe não sabia da existência deles, provavelmente se soubesse iria querer troca-los por edições belíssimas e rebuscadas, mas eu preferia os livros de Jane Austen, naquela forma em edição de bolsos onde poderia levar para qualquer canto quando sentisse

vontade.

Com delicadeza toquei a lombada já desgastada de *“Razão e Sensibilidade”*, por hábito folhei o livro até perceber que ele estava marcado numa página aleatória. Havia um trecho grifado que eu não lembrava de ter feito.

“... Não tenho medo de mostrar meus sentimentos e de fazer coisas imprudentes. Pois acredito que o que não se mostra não se sente. Coisa que talvez surpreenda muito você, pois seus sentimentos são tão guardados que parecem não existir realmente”.

Com certeza era uma frase poderosa embora eu tivesse de discordar dela. Definitivamente eu não era como a personagem que não temia mostrar aquilo que sentia embora talvez estivesse há apenas alguns passos de cometer algo imprudente. De certa forma eu sabia que as pessoas não demonstravam seus sentimentos porque tinham medo de serem rejeitados. E quem poderia julgar aqueles que preferiam a segurança do que a aventura.

Fechei o livro e sem saber muito o porque atirei ele junto com as camisinhas e uma camisola transparente. Que a senhora Austen fosse minha testemunha de como o mundo mudara

principalmente para as mulheres, mas que o amor ainda era e sempre iria ser um campo minado.

Sai da casa silenciosa desejando que Brenda estivesse ali para me dar mais algum conselho, mas sabia que a partir dali a única pessoa com quem eu podia contar era comigo mesma.

Na minúscula garagem do prédio abri a porta do carro e atirei a mochila atrás do banco do passageiro. As palmas das minhas mãos suavavam, eu detestava aquela sensação, mas resolvi ignorá-la, dei a partida e tentei limpar minha mente e me concentrar no trajeto que precisava fazer.

Leon havia me pedido para esperá-lo em frente a uma praça. O lugar não era me era totalmente desconhecido, mas eu também não costumava ir muito para aquele lado da cidade. Dirigi com cautela atenta ao caminho que precisava percorrer tinha medo de errar, mas no final das contas acabou sendo mais fácil do que eu previra.

A noite estava fria e eu não conseguia enxergar a lua. A praça estava iluminada, ficava de frente a um pequeno e charmoso restaurante que eu não conhecia, havia algumas mesinhas do lado de fora e alguns corajosos casais com blusas pesadas que deviam estar tentando aproveitar a idéia de noite

romântica. Desliguei o carro e estiquei as costas contra o banco tentando não parecer muito suspeita.

Percebi que meu ritmo cardíaco havia aumentado e me recriminei em silêncio. Eu não devia agir como uma adolescente esperando o primeiro encontro, embora no fundo tivesse que admitir que realmente me sentisse daquela forma.

Os minutos se arrastaram meus olhos varreram a praça e as ruas ao redor. Será que eu estava realmente no lugar certo? Onde havia colocado o mapa que rabiscara numa folha qualquer do meu caderno. Procurei com os olhos por ele, mas não consegui encontra-lo. Não consegui conter o nervosismo, abaixei me espremendo entre o volante procurando o maldito papel, quando batidas no vidro me assustaram o suficiente para que eu batesse minha cabeça com força tentando me levantar.

Olhei para fora apenas encontrar Leon me do outro lado do vidro me lançando um olhar curioso. Depois de alguns instantes percebi que ainda não havia feito nada e parecia estar segurando minha respiração. Expliquei mentalmente que minha reação era devido ao fato de ter batido com a cabeça. Sem jeito e sentindo o rosto arder pelo

PERIGOSAS NACIONAIS

embaraço abaixei lentamente o vidro.

- Eu devo perguntar o que você estava fazendo ou apenas ignorar a cena toda? – provocou Leon assim que ficamos frente a frente.

- Ignore, por favor – pedi gemendo baixinho e passando a mão sobre o lugar onde havia batido.

- Se você está dizendo – respondeu Leon dando de ombros.

Ficamos mais um minuto em silêncio, eu tentei realmente não o encarar muito de frente, mas de certa forma meus olhos eram hipnoticamente atraídos por sua pessoa. Definitivamente minha memória não tinha feito um bom trabalho guardado sua imagem. Não era algo da minha imaginação. De perto eu só podia descrever Leon como estonteante.

- O que você está esperando? – perguntei mal humorada sentindo que provavelmente ia ganhar um galo. Magnífico.

- Bem já que estamos brincando de casinha, pensei que você ia me deixar dirigir até o hotel.

- Por que? – perguntei sem esconder a indignação na minha voz.

- Porque assim fica mais convincente para qualquer pessoa que puder nos ver chegar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Eu acho que isso é muito machismo da sua parte sabia.

- Pelo amor de deus Elizabeth, não seja uma feminista chata. Além do mais você acabou de bater a cabeça, me desculpe se eu não consigo confiar nas suas habilidades de motorista.

- O que? Eu... Olha aqui seu seu.... Eu sou uma ótima motorista, excelente e sem falsa modéstia e eu batia a cabeça por sua causa! Se você não tivesse chegado se esgueirando...

- Não cheguei esgueirando, eu bati no vidro foi você quem se assustou, e você pode me explicar por nós estamos brigando antes de irmos para a cama?

Eu tentei realmente responder, mas as palavras fizeram um bolo na minha garganta quando eu imaginei, que realmente em pouco tempo nós dois estaríamos fazendo sexo. Ah bom Deus eu o odiava por conseguir falar aquela frase tão descaradamente sem nem ao menos ficar rosado.

- Você é impossível – respondi assim que consegui encontrar minha língua, desviando meu rosto vermelho – Impossível!

De alguma forma meu comportamento infantil pareceu diverti-lo. Vencida sai do carro, ele

PERIGOSAS ACHERON

afastou-se com um sorriso de deboche escancarado nos lábios carnudos. Não pude deixar de notar que de salto alto eu mal conseguia alcançar seus ombros. Pretensioso!

Dei as chaves do carro a ele embora minha vontade fosse de atirá-las naquele rosto perfeitamente esculpido. Eu queria saber se ele ia ficar tão lindo daquele jeito com um olho roxo.

- Muito obrigada – respondeu Leon sorrindo e me acompanhando até a porta do passageiro como o perfeito cavalheiro que ele não era.

Tentei pensar numa resposta afiada, uma tirada irônica, mas só consegui resmungar! Resmungar da para acreditar nisso? Definitivamente eu não estava bem.

Leon entrou logo depois de mim e levou alguns minutos tendo de ajustar o tamanho do banco. Se ele tivesse me deixado dirigir nada disso seria necessário.

De qualquer forma menos de cinco minutos depois percebi que ele estava fazendo o caminho de volta até o centro da cidade, onde ficava o hotel que eu havia reservado. Virei o rosto em direção a janela muito consciente da nossa proximidade. Agora além das minhas mãos suadas elas estavam

tremulas. Maravilha.

Sentia o cheiro do perfume de Leon invadir todo o carro, embora não pudesse dizer que me desagradava, a verdade era que seu perfume me agradava muito mais do que deveria. Decidi em silencio que assim que pudesse iria mandar lavar o interior do carro apenas pra me certificar de que o cheiro dele desaparecesse. Eu não podia confiar em mim mesma sentindo aquele perfume todos os dias. Aquele simples pensamento me fez ficar emburrada e eu cruzei os braços.

O gesto pareceu divertir Leon, fazendo com que ele perguntasse:

- Está certo, o que eu fiz dessa vez?

- Nada – respondi incapaz de encara-lo. Nem sob tortura eu ia confessar que estava emburrada porque o perfume dele me agradava. Não tinha nenhum sentido aquilo.

- Você está absurdamente quieta hoje. Está de mau humor, ou é apenas tpm?

- Deus do céu Leon, será que da pra você ficar quieto?- perguntei escondendo meu rosto incapaz de suportar a vergonha.

- TPM. Com certeza.

- Ai Deus – gemi entre dentes como se

PERIGOSAS NACIONAIS

realmente os comentários dele causassem dor física.

- Mas, estou sendo sincero Elizabeth – continuou Leon provocando – você precisa me dizer se estiver ‘num daqueles dias’ sabe, eu não acho que é bom para a mulher fazer sexo quando...

- Eu não estou menstruando! Será que a gente pode mudar de assunto? Que tipo de comentário machista é esse de qualquer forma? – respondi de uma vez e logo em seguida tive vontade de cortar minha língua fora.

A risada de Leon invadiu o carro, percebi que ele sacudia os ombros e me afundei no banco tendo vontade de enfiar no buraco mais fundo do mundo.

- Você faz isso de propósito – murmurei sem realmente ter a intenção que ele ouvisse – Me tira completamente fora do sério.

- Desculpe – respondeu Leon se controlando – Eu tenho que admitir que fui longe demais... Mas você tem que entender que é difícil pra mim resistir.

- Resistir a que?

Ele não me respondeu apenas me lançou um olhar longo e cheio de significados que eu não fui capaz de interpretar.

PERIGOSAS ACHERON

- Ok, vamos mudar de assunto. Você já pensou do que vai me chamar essa noite? Eu devo dizer que gosto de senhor ou amo, mas pelo seu perfil está mais para príncipe encantado.

Tive vontade de revirar meus olhos nas órbitas. Ele não se cansava! Ele era assim com todas suas clientes? Aquela era realmente sua personalidade de verdade?

- Mrs Darcy – murmurei mal-humorada.

- Burguês orgulhoso – respondeu Leon – eu realmente acho que deixei uma péssima impressão. Preciso corrigir isso, e talvez você mude sua opinião assim como sua chara.

- Você conhece Orgulho e Preconceito! – Não era uma pergunta, aquilo me pegou completamente desprevenida.

Dessa vez Leon não sorriu quando me olhou, apenas balançou os ombros como se aquilo não fosse grande coisa, embora meu coração batesse forte dentro do meu peito. Quem era aquele homem? E por que quanto mais próxima eu parecia estar dele, mas distante ele se tornava?

Não percebi, mas naquele instante havíamos chegado ao hotel, com uma curva muito bem calculada Leon parou em frente ao pequeno, mas

elegante prédio. Desceu do carro e contornou o mesmo abrindo a porta para mim. Até aquele momento eu não tinha reparado no que ele estava usando, mas agora vendo-o de perto podia ver que estava muito elegante. Usava um casaco preto, calças jeans justas o cabelo bagunçado ao redor do rosto perfeito.

Tive de engolir fundo quando nossas mãos se tocaram e ele me ajudou a descer. Definitivamente eu não devia estar usando saltos.

- Eu trouxe uma mochila – sussurrei enquanto Leon fechava a porta do carro.

- O que você trouxe hein Elizabeth? Agora você me deixou curioso.

- Pare de me provocar ao menos uma vez e pegue a mochila antes que alguém venha para guardar o carro!

Leon sorriu, mas não se mexeu um único centímetro. Pelo contrario apoiou seu corpo contra o meu me encostando contra a lateral do carro e aproximou sua boca do meu ouvido.

- Você ainda não entendeu Elizabeth por que eu gosto tanto de te provocar? – sussurrou ele com seu sotaque sem nome – A visão do seu rosto em chama é como um premio pra mim, quero enxergar

seu rosto contorcer de prazer quando estiver sobre você.

Eu devo ter feito algum tipo de murmúrio muito imbecil, porque Leon me deixou ali sozinha e saiu sorrindo para abrir a porta do carro para pegar minha estúpida mochila.

Deus do céu eu não estava preparada para lidar com um homem como aquele. Provavelmente eu nunca estaria.

Num ato final de provocação Leon carregou a mochila e me estendeu a mão como se aquele fosse o ato mais simples do mundo e fizéssemos isso sempre. Me concentrei e tentei lançar em sua direção meu olhar mais assassino, mas ele apenas sorriu para mim como se eu fosse inofensiva e não me devolveu a mochila.

Entramos no lobby do hotel, mas eu realmente não fui capaz de observar muito ao redor, estava mais concentrada na sensação da mão de Leon contra minha e do calor do corpo próximo ao meu que estava tremulo.

Caminhamos tranquilamente até a recepção. Um funcionário do hotel nos recebeu de maneira muito simpática, mas meu cérebro registrou aquilo superficialmente. Entreguei o documento falso de

PERIGOSAS NACIONAIS

Brenda, sabendo que ninguém iria realmente consulta-lo eu havia pagado a reserva adiantado. O dinheiro era a melhor forma de comprar o silencio das pessoas.

O simpático funcionário perguntou se tínhamos bagagem. Sorridente e muito confiante Leon apenas indicou minha mochila e recebeu a chave das suítes agradecendo.

Sentia meu corpo pesado e lento olhei as chaves nas mãos de Leon e soube que minha vida iria mudar drasticamente depois daquele momento. Em silencio olhei para Leon que segurava minha mão e encontrei seu olhar fixo no meu.

Senti como se tivesse desaprendido a respirar. Estava perdida. Irremediavelmente perdida. Foi naquele momento que eu soube. Eu podia facilmente me afogar naquele olhar. Na verdade, eu já estava me afogando e não fazia nenhum esforço para evitar isso.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Sete

Sozinhos usamos o elevador do hotel para subirmos até o andar onde ficara o quando que eu havia reservado. Não havia espelhos no elevador e nem musiquinhas irritantes. Agradei silenciosamente a Deus por isso. Eu não ia suportar me olhar naquele momento enquanto alguma musica sem nexo tocava ao meu redor.

Paramos no quarto andar. Um longo corredor com carpete se estendia a nossa frente, as paredes eram brancas e provavelmente deviam possuir algum tipo de decoração, mas eu não conseguia virar meu rosto para observá-las. Estava focada demais em não tropeçar nos meus próprios pés e nas batidas rítmicas do meu coração.

Leon me conduziu em silencio até o que pareceu ser o fim do corredor, ali em frente a uma porta sem enfeites ele tirou a chave do bolso e a destrancou, acendo a luz do lugar com um clique do interruptor. Ele deixou espaço para que eu entrasse primeiro.

O próximo passo que dei foi provavelmente o

mais difícil da minha vida. O quarto ao meu redor era espaçoso embora sóbrio. Havia uma pequena sala de estar com um jogo de sofás com almofadas com estampas floridas, ao longe com vista para a cidade ficava a cama, que deveria ser três vezes maior que a minha. Estava arrumada da maneira características dos hotéis com montes de travesseiros e almofadas. Ao longe uma única porta indicava onde ficava o banheiro. Era um quarto simples e sem nenhuma sofisticação e mesmo assim enquanto olhava-o rapidamente soube que nunca mais conseguiria esquecer aquele lugar.

Atrás de mim Leon entrou fechando a porta, o clique da chave trancando nos dois ali dentro me assustou. Eu não estava preparada eu não tinha experiência. Queria pedir a ele que fosse paciente, mas não encontrava minha língua dentro da boca, ela parecia ter sumido do meu corpo assim como minha capacidade de falar.

A atmosfera entre nos dois havia mudado. Nada mais de provocações ou brincadeiras estúpidas. Eu havia criticado-o tão duramente sobre isso e ali estava eu como, uma garota indecisa querendo que aquele Leon divertido voltasse a me assombrar.

- Eu vou pedir para a recepção trazer algumas

bebidas— comentou Leon.

Eu pensei em dizer que não queria, eu não tinha muita certeza se meu estômago ia ser capaz de segurar qualquer liquido lá dentro devido ao meu nervosismo, mas acenei com a cabeça em afirmação, talvez no final das contas fosse uma boa idéia beber alguma coisa.

Como se já tivesse estado ali mil vezes Leon sentou-se na cabeceira da cama tirou o telefone do gancho e pediu champagne. Sorri da escolha, eu detestava champanhe mas preferi não comentar.

O telefonema foi breve a voz de Leon parecia vibrar pelo quarto chegando até mim em ondas. Santa mãe de deus estava tremendo como uma vara verde.

Com uma elegância que eu nunca seria capaz de obter em anos de treinamento Leon levantou-se e despiu seu casaco jogando-o de qualquer forma sobre o sofá próximo a nós. O movimento me fez perceber que ali dentro o aquecedor estava ligado. Havia gotas de suor se formando contra minha nuca. Ok Liz se concentre tirar o casaco, boa idéia.

Comecei a desabotoar com os dedos trêmulos meu próprio casaco, quando Leon me interrompeu:

- Deixe que eu faço isso.

Eu queria reprimi-lo e dizer a ele para não ser bobo, mas de repente as mãos dele estavam sobre os botões e logo em seguida ele me despiu o casaco lentamente. Nossos olhos estavam grudados, fixos, eu podia ver seu cabelo cor de chocolate cair contra seu nariz aquilino. Senti os dedos coçarem de vontade para tocar naquele cabelo, arruma-lo atrás de sua orelha. O pensamento provocou uma explosão de batidas do meu coração.

Com habilidade Leon tirou meu casaco deixando-o sobre o dele no sofá de qualquer maneira, mesmo assim as mãos dele não abandonaram meu corpo. Ele deixou que elas permanecessem na minha cintura então depois muito delicadamente subiu ela pelo tórax, roçou muito de leve meus braços e novamente deixou que suas mãos caíssem de volta a minha cintura. Eu senti como se um rastro de fogo estivesse no meu corpo onde ele tocara.

- Você está muito bonita Elizabeth – sussurrou Leon sem deixar de me olhar.

Eu quis brincar e quebrar aquela tensão dizendo que provavelmente ele dizia aquilo pra todas, mas logo me arrependi daquele pensamento. Eu não queria que ele pensasse em mais nenhuma enquanto

PERIGOSAS NACIONAIS

estava comigo, eu queria que os olhos dele continuassem fixos em mim.

Pequenas batidas na porta distraíram minha atenção fazendo com que nos separássemos. Leon deixou que suas mãos saíssem da minha cintura e abriu a porta. Uma jovem entrou trazendo um carrinho, em cima dele havia um balde cheio de gelo champanhe e taças de cristal. Leon pediu para que deixassem o carrinho e do bolso tirou uma nota que entregou a moça que pareceu muito satisfeita.

Sem me olhar Leon abriu a garrafa a rolha explodiu delicadamente. Não havia som algum no quarto, eu podia ouvir o som das batidas do meu coração contra minha caixa torácica. Leon serviu duas taças, uma delas ele entregou a mim. Nenhum de nós dois bebemos enquanto continuamos parado um na frente do outro.

Ele era tão bonito, tão magnífico que meu cérebro não podia compreender tanta beleza. Havia uma voz dentro de mim eu dizia que um homem daqueles nunca iria olhar uma segunda vez em minha direção se não tivesse de receber pagamento de volta. Eu tinha certeza de que nunca seria capaz de esquecer Leon, nem a maneira como ele estava me olhando naquele instante.

PERIGOSAS ACHERON

- Você não vai beber? – a voz dele estava carregada, seu sotaque parecia mais pronunciado.

- Eu não gosto de champanhe.

- Eu posso pedir outra coisa.

- Champagne está ótimo.

Um sorriso brincou em seus lábios. Sorri de volta por instinto eu não me importaria nem um pouco de ficar fazendo piadas sem graça como aquelas apenas se meu prêmio fosse aquilo sorriso torto deslumbrante.

- Eu sempre gostei de champanhe – comentou Leon e logo em seguida bebeu todo o interior da taça num gole só – Mesmo quando nem ao menos tinha idade suficiente pra beber.

O comentário atraiu minha atenção eu queria perguntar a ele sobre sua infância sua vida, mesmo sabendo que provavelmente nenhuma resposta seria verdadeira. Permaneci em silêncio, eu também não gostaria que ele me perguntasse da minha infância.

Ainda em silêncio Leon voltou novamente até o carrinho e encheu novamente sua taça. Ele não parecia nervoso, em compensação eu era uma pilha de nervos.

Observei o champagne cair na taça com suas bolinhas douradas, até a forma como ele segurava a

bebida era elegante. O que um homem como aquele fazia tendo uma vida como aquela, vendendo o próprio corpo. Eu tinha certeza absoluta que se ele se esforçasse apenas um pouco podia ter o mundo aos seus pés.

- Elizabeth – chamou Leon atraindo minha atenção – Esse tipo de encontro é tão novo para mim quando para você. Precisa me dizer. O que espera de mim? Como quer que eu haja?

Os olhos dele eram azuis demais, tiravam completamente minha concentração. Tive de me focar ao extremo para responder:

- Você pode me tratar como as outras Leon, eu não quero nada de especial de verdade. Quero que faça sexo comigo.

Sexo. A palavra tinha um gosto estranho na minha língua; agridoce. Era diferente e representava um mundo novo e cheio de mistérios.

Eu queria fazer sexo com Leon. Sexo. Nada de amor nada de final feliz para nós dois, nada de corações partidos. Nada de sentimentos inatingíveis apenas sexo.

Leon pareceu entender o que eu estava querendo dizer, senti novamente atmosfera mudar entre nós senti meu coração parar de bater por um

milésimo de segundos quando ele veio em minha direção. Fechei os olhos, teria feito uma prece em silêncio naquele momento se tivesse conseguido me lembrar de alguma.

Com braços fortes Leon envolveu meu corpo e me pressionou contra a parede mais próxima. Arquejei e estiquei as costas quando senti a boca dele contra meu pescoço, feroz sedenta. Senti medo. Com as mãos tremulas agarrei suas costas para me sustentar. O perfume dele me inebriava. Leon mordeu meu pescoço senti sua língua contra minha pele e o ar foi expelido com muita força dos meus pulmões.

As mãos de Leon entraram em ação, eram duras e exigentes exploraram meu corpo, senti a barra do meu vestido ser erguida até minhas coxas, senti os dedos dele roçarem o centro do meu corpo. Mordi meus lábios com força e fechei os olhos. Leon mudou sua boca de lugar descendo para meu colo, suas mãos acompanharam o movimento, seus dedos se fecharam sobre meu seio. Soltei meu primeiro gemido entrecortado. Estava agarrada a ele como uma naufraga que sustenta suas forças na sua tabua de salvação. Meu corpo não conseguia processar as sensações que estava sentindo no começo virei meu

rosto enquanto as mãos dele apertavam meu corpo. Meu Deus minhas pernas pareciam serem feitas de chocolate liquido. Eu não estava preparada para aquilo. O próximo movimento de Leon me deixou ainda mais confusa.

- Ok – disse ele levantando seu rosto dos meus seios e soltando meu corpo bruscamente – Isso não está dando certo.

- O que? O que? – respondi tateando como uma bêbada a parede pra não cair como uma abóbora madura contra o chão – Espera o que aconteceu.

- Esse negócio de fazer sexo Elizabeth – rebateu Leon parecendo mal-humorado – Não vai dar certo.

- Não? Mas, porque?

- Porque eu ainda estou de roupa!

O olhar azul de Leon me fuzilou como se aquela fosse a resposta mais óbvia da face da terra embora eu não tivesse a mínima certeza do que ele estava falando.

- Estou agarrando seu corpo como um alucinado, e você ainda não tirou as mãos das minhas costas! O que você que vai acontecer aqui? Eu vou fazer o trabalho todo sozinho?

As palavras me acertaram como chicotadas. Ele

tinha razão. Senti meu rosto arder e fui incapaz de sustentar seu olhar. Sentia meu corpo abalado e frio, tive vontade de friccionar as mãos contra os braços gélidos. Leon passou as mãos pelos cabelos cumpridos parecendo realmente exasperado.

- Você tem certeza de que realmente quer fazer isso Elizabeth? – A voz dele era neutra, sem pressão apenas uma pergunta.

Não encontrei minha voz, balancei firmemente a cabeça. Eu queria muito, queria tanto que não conseguia explicar, eu apenas não sabia como fazer.

Leon endireito o corpo e me avaliou por um longo minuto por fim ele suspirou como se tivesse tomado uma decisão difícil.

- Tudo bem, vamos tentar algo diferente.

Eu quis perguntar o que ele tinha em mente, mas não tive tempo, a próxima coisa que pude notar foi que Leon havia me pegado no colo, como uma princesa sendo resgata.

- O que você está fazendo? – perguntei quase gritando e cheia de indignação.

- Fique quieta ao menos uma vez na vida mulher e tente se comportar.

A resposta foi tão mal-educada que realmente

eu fiquei sem falas, agarrada contra o pescoço de Leon com medo de cair, ele cruzou comigo no colo e sentou na cama ainda me segurando fortemente contra seu corpo.

Quando voltamos a nos encarar Leon me fuzilava com o olhar, era primeira vez que o via completamente fora do sério. Ótimo, porque eu também não estava nem um pouco feliz com aquela situação.

- Escute bem o que eu vou dizer Elizabeth, porque não vou repetir. Eu não faço isso com nenhuma mulher, muito menos uma cliente minha. Mas, você é tão irritante, cabeça dura, e abusa tanto da minha paciência que não me deixa outra alternativa!

- O que quer dizer com isso? Eu não sou cab...

Eu realmente tentei terminar a frase, mas naquele momento Leon resolveu me calar com um beijo.

Nem que mil anos passassem eu poderia me preparar para a sensação de ter os lábios dele contra os meus. O gosto dele era indescritível, senti o champagne em minha boca quando nossas línguas se encontraram gemi alto e puxei o corpo dele de encontro ao meu. A língua dele se tornou mais

sedenta, nossos dentes se chocaram como se apenas um beijo não fosse o suficiente para nos satisfazer, eu sabia que precisava de ar, mas não conseguia ordenar meus pensamentos com clareza, para me separar de Leon.

A próxima coisa que senti foi meu corpo ser atirado contra a cama então Leon estava sobre mim. Nossas pernas se entrelaçaram e eu não liguei a mínima pelo fato de estar usando um vestido que naquele momento estava todo embolado na minha cintura. Minhas mãos deslizavam pelas costas de Leon, eu queria tocar sua pele, mas ainda estava muito concentrada no beijo quando ele acabou muito rápido.

- Você é extremamente cabeça-dura – disse Leon o rosto pairando sobre o meu e logo em seguida mordiscou meu lábio inferior.

Eu não consegui evitar um sorriso, eu tinha certeza absoluta que não era nenhuma cabeça dura, mas não estava nem um pouco propensa a iniciar uma discussão naquele momento. O rosto de Leon próximo ao meu, era muito mais estonteante do que eu podia suportar, vi seu olhar mudar gradativamente, o azul tornando-se mais escuro até quase atingir o negro. O coração galopava em meu

peito enquanto meu corpo era bombardeado por sensações que eu nunca ao menos julgara capaz de existirem.

Ele abaixou o rosto moveu os lábios lentamente até a curva do meu pescoço, ali ele me beijou novamente fazendo uma trilha, mordicando com os dentes a carne sensível. Capturou entre seus lábios o lóbulo da minha orelha, senti que arfava minhas mãos encontraram a pele de suas costas, queria lhe tirar a camisa sentir seu corpo contra mim. Havia uma urgência que crescia dentro do meu peito, mas não conseguia exterioriza-la.

Leon não pareceu notar minha pressa, como se tivesse todo o tempo do mundo deslizou as mãos até meus quadris, o som de nossas respirações enchia o quarto. Lentamente ele deslizou o zíper do meu vestido para baixo. O ar gélido acertou minha pele, senti o rosto ficar ardente, pressionei os dentes um contra os outros. Me sentia insegura, aflita, arrebatada, não sabia se estava fazendo algo errado, mas aqueles olhos azuis nunca se desgrudaram dos meus, e minhas palavras ficaram presas em minha garganta.

Usando apenas minha combinação e meias Leon, deitou seu corpo novamente contra o meu. A

pele sensível das minhas pernas ficou eriçada enquanto tocava sua calça jeans, os dedos dele deslizaram pelo meu colo atingindo lentamente o topo dos meus seios. Minha respiração estava acelerada, meu coração disparado freneticamente dentro do meu peito. Perguntei-me em silêncio se com seu toque ele podia sentir minha pulsação.

- Preto? – indagou Leon deslizando sua mão sobre meu novo sutiã transparente – Eu nunca ia imaginar algo assim... Não posso dizer o quanto essa visão me agrada Elizabeth.

Meus dedos haviam criado vida própria e deslizavam pelo cabelo dele, era macio sedoso, eu poderia continuar com aquela carícia infinitamente.

- Eu adoro toca-la Elizabeth. Quero que você aprecie isso tanto quanto eu estou apreciando.

Concordei com um aceno de cabeça, agora os dedos de Leon mexiam por sobre meu sutiã, com movimentos lentos e circulares ele provocava o bico do meu seio. Rangi os dentes incapaz de suportar a onda de prazer que pareceu varrer meu corpo. O movimento não passou despercebido por ele, com agilidade abaixou a copa do sutiã substituindo os dedos por seus lábios.

Gemi alto trazendo seu rosto contra mim,

PERIGOSAS ACHERON

queria toca-lo de toda forma deslizar minhas mãos por sua pele, olhar seu corpo, beija-lo até perder os sentidos.

Com extrema perícia Leon continuar a beijar meu mamilo enquanto massageava meus seios, tentei alcançar as tiras do sutiã queria me livrar dele, mas ele foi mais rápido, o sutiã deixou meu corpo como uma carícia.

Pelo reflexo cobri os seios com as mãos e os braços, o gesto chamou atenção de Leon, ele ficou sobre os próprios joelhos na cama e com delicadeza retirou minhas mãos expondo meu corpo ao seu olhar.

- Linda – ele murmurou, sua voz enchendo meus ouvidos disparando meu coração ainda mais.

Naquela posição Leon pacientemente começou a deslizar as meias que usava na intenção de tirá-las. Sua mão subiu e abaixou por minha coxa causando calafrios intensos. Em pouco segundo eu usava apenas minha calcinha e minha pele ardia em todos os lugares onde Leon havia tocado.

Embora estivéssemos próximos eu queria ele ainda mais junto a mim, agarrei a barra de sua camiseta, em silencio ele entendeu meu desejo. Com rapidez e dessa vez sem nenhuma elegância

Leon retirou a camisa atirando-a em qualquer lugar do quarto.

Prendi a respiração enquanto contemplava seu corpo perfeito, sua pele lisa, os músculos delgados do torso, e então ele estava novamente sobre mim. Nossos lábios unidos, gemi e arfei enquanto deslizava meus dedos pelos músculos tencionados dos seus braços. Leon era perfeito, seu corpo era esculpido, cada detalhe ornava perfeitamente. Qualquer mulher ficaria rendida em seus braços.

Afastei os pensamentos da minha cabeça. Eu não devia pensar em nada, apenas aproveitar aquele momento, torna-lo marcante, guardar cada detalhe dele, cada sensação. Aquela noite Leon seria apenas meu.

Os lábios dele deslizaram pela minha boca meu queixo, meu pescoço ele mordiscou meus seios lambeu meus mamilos, enquanto suas mãos alcançaram o centro de todo aquele prazer. Meu corpo se tencionou por instinto. Leon percebeu e beijou delicadamente meu rosto.

- Shhh fique calma, você precisa estar relaxada. A primeira vez é sempre mais dolorosa, mas acredite em mim ira passar.

Assenti em silencio enquanto sentia as mãos

habilidosas de Leon retirarem a única peça de roupa que eu ainda usava. Embora estivesse decidida tinha medo da dor da primeira penetração. Era verdade que havia lido muito aquele respeito, mas sabia que a experiência era algo diferente pra cada mulher. Segundos depois senti minha ultima peça de roupa me abandonar.

Mordi os lábios em apreensão o rosto de Leon continuava a pairar sobre o meu, seus olhos hipnóticos me prendendo me privando das minhas vontades. Os dedos deles deslizaram lentamente pelo interior da minha perna até alcançar minha coxa e o topo dele. Delicadamente e com muito cuidado ele tocou meu centro molhado, o toque dele provocou arrepios em mim, não pude conter meu nervosismo agarrei-me e Leon, sentindo lágrimas se formarem no canto dos meus olhos.

Leon continuou a me observar enquanto lentamente deslizou primeira a ponta dos seus dedos até meu centro, e depois forçou até que eu estava preenchida por ele. A dor veio como um rastro de fogo.

- Leon — murmurei sentindo uma lagrima escorrer pelo canto dos meus olhos.

- Relaxe Elizabeth — pediu ele depositando

beijos nos meus lábios, na minha boca, nas minhas pálpebras.

Rangi os dentes quando senti Leon mexer lentamente seus dedos dentro de mim. Tão lentamente num ritmo continuou. A dor logo se transformou num eco, e em seguida desapareceu dando espaço a uma nova e intensa onda de prazer.

Leon pareceu perceber e aumentou o ritmo, senti como se meu corpo não me pertencesse afundei as unhas contra seus braços e mordi os lábios para não gritar de prazer.

- Isso Elizabeth – ele disse de forma sensual – Quero vê-la cheia de desejo.

As sensações que havia experimentado até aquele momento não se comparavam com aquela que varria meus sentidos, e despedaçava meu corpo aquele momento. Sentia meu corpo como se estivesse envolto por uma chama, que lentamente parecia se acumular, meu corpo agiu por vontade própria e levantei os quadris, sentindo Leon me penetrar mais profundamente. Em alguma parte muito longínqua do meu cérebro eu sabia que estava me aproximando de um precipício.

Sem que eu estivesse preparada Leon deslizou os dedos para fora do meu corpo, segurando minhas

pernas e começou novamente sua deliciosa tortura dessa vez com seus lábios e a língua. Meu rosto ardia de vergonha, mas mesmo assim eu não era capaz de suportar as ondas de prazer que percorriam meu corpo. Elas cresceram cada vez mais rápido com o movimento ritmo de Leon até fazerem com que eu despencasse do precipício atingindo meu primeiro clímax.

Todo oxigênio foi expulso dos meus pulmões enquanto meu corpo convulsionava em êxtase. Sentia frio e calor ao mesmo tempo. Leon diminuiu as caricias e lentamente ergueu seu rosto. O olhar que ele me lançou me provocou calafrios, parecia alguém faminto, sedento de algo que eu não sabia nomear.

Pensei em agradece-lo, mas as palavras soavam tolas demais dentro do meu pensamento então preferi continuar em silêncio. Não sabia como me comportar, meu corpo estava lânguido e relaxado. Lembrei-me que estava nua e tentei cobrir novamente meu corpo sendo impedida por Leon. Ele segurou meus braços com delicadeza embora com firmeza e continuou a me lançar aquele olhar faminto e desesperado. Percebi que ele estava tão ofegante quanto eu estivera uns minutos atrás.

Temí por um segundo sem saber se havia algo acontecido de errado.

- Elizabeth – murmurou Leon que parecia precisar usar toda sua determinação para terminar a frase – Você... quer que eu continue?

A pergunta me pegou desprevenida, senti minha boca abrir de espanto enquanto meus seios tornaram-se eretos diante da possibilidade de novas carícias. Embora tivesse chegado ao clímax meu corpo parecia ansiar mais, como se ainda não tivesse tido o suficiente das carícias daquele homem que me olhava com tanto ardor, e mesmo assim eu conseguia perceber pelos músculos rígidos que Leon estava se controlando.

Deslizei meu olhar por seu corpo ainda me encantando com seu corpo delgado e firme, como a forma delicada que a luz refletia sobre sua pele, até meus olhos encontrarem o volume que havia em suas calças. Aquilo não estava certo. Não era como somente eu pudesse experimentar aquele prazer, queria dividi-lo com Leon, queria tê-lo completamente em mim. A intensidade daquele desejo causou arrepios na minha pele.

Forcei meus braços que Leon ainda teimava em segurar, ele tinha o semblante carregado havia um

vinco profundo em sua testa. Respirei fundo e tentei focar meus pensamentos. Com extremo cuidado toquei com a palma da minha mão sua coxa.

- Tire a calça – pedi estranhando o próprio som da minha voz.

Leon fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás como se o simples pensamento lhe causasse dor. Subi meus dedos lentamente até alcançar o volume atrás do zíper, e ouvi ele soltar o ar com força entre os dentes.

- Por favor...

- Você não entende! – respondeu Leon, voltando a segurar meus braços – eu não sei se no estado em que estou posso me controlar.

- Não quero que você se controle Leon!

Embora estivesse nua e com o rosto afogueado nunca antes tivera tanta certeza de algo como naquele momento na minha vida. Dessa vez eram os olhos de Leon que pareciam hipnotizados por Leon. Incapaz de pensar com clareza, deixei que meus desejos tomassem a forma de palavras.

- Eu quero você.

Aquelas três palavras foram o suficiente para transforma-lo completamente Leon empurrou meus

braços acima da minha cabeça enquanto atacava meus lábios com força. Aquilo que o estivera contendo parecia não ser capaz diante de sua força. Com nossos lábios unidos gemi de prazer e felicidade. Não havia mais toques lentos, e beijos delicados, era uma guerra de línguas, dentes, chupões e lambidas.

As mãos de Leon desceram por meu corpo assim que ele soltou seus braços, com dedos trêmulos alcancei o zíper de sua calça, mas simplesmente não consegui nada, com mais agilidade e destreza Leon puxou o zíper e tirou de uma vez sua calça levando sua cueca junto expondo finalmente seu corpo por completo a mim.

Ele era magnífico, como as estatuas entalhadas em mármore celebrando a perfeição do corpo masculino. Queria toca-lo, mas me senti insegura, meus desejos pareciam digladiar-se dentro de mim. Em pé ao lado da cama Leon retirou de trás do bolso da calça uma camisinha retirou-a do saquinho e colocou no próprio membro com destreza.

Não pude desviar meus olhos e todo seu movimento acendeu novamente a chama do desejo em mim. Leon voltou a me tocar posicionando seu corpo contra o meu, abri minhas pernas enquanto

ele incendiava meu corpo com seus beijos. Nossos lábios estavam se tocando quando finalmente nos unimos por completo.

Arfei num primeiro momento, tentando me acostumar e tê-lo dentro de mim. Leon parecia estar se contendo pequenas gotículas de suor se formaram contra sua têmpora. Mais por instinto do que por consciência lentamente inclinei meu quadril para cima, Leon percebeu meu movimento e lentamente usando toda sua determinação ele começou a se mexer dentro de mim.

Senti como se o tempo houvesse parado, como se houvéssemos apenas nós no mundo. Um sentimento inominado deslizou por todo meu peito. Enterrei os dedos no cabelo de Leon aspirei seu perfume e entreguei completamente e sem reservas meu corpo a ele.

Os movimentos se intensificaram até adquirirem um ritmo constante, nossos corpos se chocavam em harmonia e eu era incapaz de conter os gemidos de prazer que escapavam dos meus lábios, até ser carregada de forma arrebatadora a outro clímax.

Estiquei as costas gemendo o nome de Leon. Ele parecia extremamente controlado, como se

PERIGOSAS NACIONAIS

estivesse dividido, como se carregasse nos ombros o peso dos céus sozinho. Seu olhar era vidrado, ele parecia como um homem a beira de algo grandioso e apavorante.

Sem saber o motivo abracei-o com força beijando seus lábios e empurrando meus quadris para cima. Senti que ele havia chegando ao clímax enquanto seus gemidos escapavam por nossos lábios unidos.

Cai contra o colchão mais exausta do que já estivera alguma vez em toda minha vida. O corpo de Leon contra o meu me aquecia, seu rosto escondido contra a dobra do meu pescoço, sua respiração contra minha pele.

Silencio foi tudo que pude notar assim que senti as batidas rápidas do meu coração lentamente diminuírem, então percebi que minhas batidas não eram as únicas. Com nossas peles unidas eu podia sentir o pulso firme de Leon contra o meu, pulsando de forma rítmica. Fechei os olhos me concentrado naquele pulsar.

Percebi com uma certeza que me assustou profundamente que eu poderia ficar naquele quarto daquela forma para sempre.

PERIGOSAS ACHERON

Senti que havia algo de errado antes mesmo de erguer lentamente as pálpebras, o quarto entrou em foco suas cores se tornando mais nítida a medida que meus pensamentos iam se ordenando. A única luz do lugar era o pequeno e charmoso abajur atrás de mim. Virei a cabeça procurando a janela e percebendo que lá fora o sol ainda não nascera.

Mexi nas cobertas ouvindo o raspar do meu corpo contra a colcha e o felpudo edredom. Estava sozinha. Embora meu corpo ainda guardasse o calor do corpo de Leon, eu sabia que ele não estava mais naquele quarto.

Suspirei pensando que se fechasse os olhos podia me enganar um pouquinho fingindo que ele estava no banheiro e logo abrir a porta, sorrir em minha direção em silencio, voltaria para cama e poderíamos continuar a dormir como um casal qualquer.

Quando abri novamente os olhos, sentei-me na cama já totalmente desperta. Eu não deveria pensar daquela forma, a simples idéia parecia como se eu tivesse uma farpa cravada embaixo de minha unha.

Eu sabia o que precisava fazer e mesmo assim continuei sentada na cama, enrolei o edredom mais forte contra meu corpo, como se de alguma forma

eu ainda pudesse conter algo dele perto de mim. Senti frio.

Passei as mãos pelos meus cabelos em desalinho, continuava nua embaixo de todas aquelas cobertas, da mesma forma que havia estado quando me aninhara ao corpo de Leon e caíra num sono sem sonhos.

Tive de sorrir ao analisar mais cuidadosamente meu estado, poucos dias atrás tivera um ataque de pânico a simples idéia de ficar nua em frente a Leon, e ali estava eu acordando pela primeira vez na minha vida usando absolutamente nada.

Esperei que o remorso viesse, mas nada aconteceu observei em silencio minhas mãos. Elas não me pareciam diferentes. Eu não me sentia mais realizada, não me sentia mais mulher. Era eu apenas a comum e simples Liz de todas as manhãs.

Incapaz de permanecer mais tempo sem me movimentar enrolei o edredom sobre meu corpo e fui até o banheiro, parei um instante e olhei para o lençol que cobria a cama. Ali perto da beirada havia uma pequena mancha já rosada. Olhei para ela pensando no significado que ela guardava. Significados demais para apenas umas gotas de sangue. Virei as costas e caminhei até a porta que

levava ao banheiro.

Ele não havia usado aquele comodo. O lugar era espaçoso decorado em branco e dourado, tudo muito impessoal. O espelho sem adornos devolvia meu reflexo. Estava descabelada, com os lábios um pouco inchados, e mesmo assim não estava diferente, não me sentia mais segura, ou mais bonita. Nada havia mudado e mesmo assim tinha aquela estranha sensação de tudo seria diferente.

Sai do banheiro odiando o silencio que ecoava ao meu redor, deixei o edredom ali mesmo no chão sem me importar no quanto mal-educado aquele gesto iria parecer, vesti minha lingerie que agora havia perdido todo o encanto e se parecia apenas com peças simples. Coloquei os sapatos tentando não me sentir tanto como Cinderela depois da meia-noite, voltando para casa carregando uma abóbora.

Meu plano havia sido concluído com sucesso. Nunca mais nenhuma garota poderia ter um sorriso nos lábios a meu respeito. Eu não era mais virgem. Havia dado o pontapé inicial na minha vida sexual. Devia me sentir feliz realizada, mas não havia satisfação, ou alegria. Parei por um segundo levando com cuidado a ponta dos dedos em direção

ao meu coração. Ele estava em silencio embora pudesse sentir seu lento pulsar.

Bobagens! Balancei a cabeça e sem nenhum esmero dobrei a lençol que havia estado sobre a cama. Definitivamente eu não ia querer nenhuma camareira entrando ali e vendo algo tão intimo. Com os olhos procurei minha bolsa, mas franzi o cenho ao perceber que ela não estava mais no mesmo lugar que eu havia a deixado.

Naquele momento meu coração resolveu dar o ar de sua graça, palpitou pesado dentro do peito enquanto eu me aproximava da mesa onde ele havia deixado minha bolsa. Senti a boca secar e pareceu que levei uma eternidade até parar em frente dela.

Minha bolsa estava fechada, ao lado dela havia um maço considerado de dinheiro. Eu não precisava conta-la para saber a quantia exata ali. Mas, não era isso que chamava completamente minha atenção.

O livro que eu havia trazido de Jane Austen estava fechado em cima da mesa, sobre ele havia um pequeno pedaço de papel onde podia se ler uma única frase escrita numa caligrafia simples. Não consegui evitar sorrir ao pegar o papel nas mãos.

Era bom saber que ele não conseguia ser elegante em tudo. A minha letra era muito mais bonita.

“Devo ater-me a meu próprio estilo e seguir meu próprio caminho. E apesar de eu poder nunca mais ter sucesso deste modo, estou convencida que falharia totalmente de qualquer outro.”

Aquela frase não pertencia aquele livro e sim a outro muito mais conhecido da senhora Austen. Rangi os dentes enquanto amassava o papel minha vontade era de picá-lo em milhões de pedaços inúteis, mas simplesmente não consegui.

Idiota presunçoso! E que frase estúpida era aquela? Como ele ousava citar Austen num momento como aquele.

Sentindo a raiva percorrer meu sangue me dando nova energia atirei tudo o que era meu de qualquer forma dentro da minha mochila e deixei o quarto pisando duro.

Leon que fosse se danar! Ele já havia cumprido seu papel na história, e eu precisava seguir em frente, tinha um relatório sobre partículas atômicas para entregar ainda aquela semana. As portas do elevador se fecharam a minha frente me trancando naquele pequeno cubículo silencioso. Odiei as lágrimas que subiram até meus olhos e fizeram com

que minha garganta doesse. Eu não ia derramar uma lágrima por aquele cretino arrogante, afinal aquilo tudo a era irracional. Ninguém conseguiria entender meus sentimentos naquele momento. Muito menos Jane Austen!

Capítulo Oito

Quando o professor Collins me chamou depois das aulas aquela manhã, eu sabia que algo estava errado. Sempre existe algo errado quando um professor te chama para ficar depois da aula. Por um momento pensei seriamente em ignorar seu chamado, fingindo que não tinha ouvido-o e sair dali o mais rápido possível, mas o olhar de águia do meu mais antigo professor não me deixou por um segundo. Resignada atirei meu caderno que continuava com as folhas em branco da mesma forma como eu chegara ali hoje mais cedo. Eu não tinha idéia do que estava acontecendo comigo, mas simplesmente não conseguia me concentrar em nada.

Caminhei até a mesa do professor segurando minha mochila nas costas, como se estivesse indo para minha sentença de morte.

- Senhorita Sandler – disse Collins, com sua voz arrastada. Ele era velho e não havia um único fio de cabelo em sua cabeça, mas os olhos que me fitavam por trás dos imensos óculos de aro prateado eram

muito sagazes. – Acabei de corrigir seu relatório de final de semestre, e devo dizer que no mínimo estou desapontado. O que aconteceu Elizabeth? Esse é o pior trabalho que me entregou desde o primeiro ano de graduação.

Eu realmente não fui capaz de continuar sustentando seu olhar depois disso. Eu sabia que o trabalho era uma verdadeira desgraça, mas simplesmente não havia conseguido fazer nada mais além daquelas paginas insatisfatória que ele segurava com tanto desprezo nas mãos. Eu não tinha tido uma boa noite de sono a três dias, minha ultima refeição havia sido o almoço anterior que eu nem ao menos conseguia me lembrar o que era. Eu não era mais a mesma, havia algo de muito errado comigo. Desde que Leon... Não! Eu não iria pensar nele eu havia me proibido.

- Sinto muito professor. Eu posso fazer uma revisão minuciosa e entregar novamente um trabalho mais adequado.

Collins me fuzilou com seu olhar de fuinha.

- Isso não seria justo com os outros alunos senhorita Sandler, você deveria ter pensando nisso antes de entregar um trabalho desse nível.

- Estive doente esse fim de semana, não

consegui me concentrar totalmente – era a mentira mais deslavada da face da terra. E mesmo assim eu não gaguejara em nenhuma palavra. Definitivamente havia algo de errado comigo. Eu nunca mentia. Muitos menos para um professor.

- Pois então a senhorita deveria tomar as devidas providencias e cuidar melhor da sua saúde para que ela não atrapalhe sua vida acadêmica – respondeu Collins, como se ele tivesse todas as respostas do mundo – A senhorita devia lembrar-se que tudo o que fazemos, nos trará conseqüências.

Não me diga, seu professor pré-histórico!

- Sua sorte senhorita Sandler, é que eu e os outros professores sabemos do seu potencial para a matéria e esse vergonhoso trabalho não ira influenciar sua nota final. A senhorita deveria sentir-se grata por isso.

- Que seja – respondi sem conseguir suportar mais um minuto ficar ali, e comecei a caminhar para longe daquela mesa.

- Senhorita Sandler! – retrucou meu professor agora se levantando da cadeira – Nós ainda não acabamos nossa conversa!

- Mas eu já – respondi parada apenas alguns passos da porta – Essa universidade professora não

é a única consequência na minha vida. Acredite meu mundo embora não pareça é um pouco maior do que isso, e eu não tenho tempo de ficar me preocupando com trabalhos agora, sejam eles medíocres ou não.

Sai dali caminhando o mais rápido que podia. Esperei ser atingida por uma onda de remorso, alguns minutos se passaram até eu notar que ela não iria chegar. Eu nunca falara com um professor daquele jeito, usando aquele tom. Bem se eu realmente fosse analisar a situação eu nunca falara daquele jeito com ninguém durante toda minha vida. Até alguns dias atrás eu nunca pensara que podia ter uma atitude como aquela, mas quando olhava ao redor, quando analisava a mistura de sentimentos que parecia haver dentro de mim, tudo estava diferente. Confuso, estranho, o mundo parecia um lugar novo e desconhecido. Meus sentimentos eram novos e desconhecidos. Eu não sabia como agir, como pensar. Estava ficando cansada de toda aquela situação. Queria meu antigo ‘eu’ de volta. Meu mundo onde tudo era simples e plano.

Caminhando pelo campus sem realmente nenhum destino desejei que minha resposta ao

professor fosse uma verdade. Eu não tinha vida além daquelas paredes centenárias que continham anos e anos de conhecimentos. Eu trabalhara desde sempre pra estar naquele lugar, estudar aquilo que eu tanto apreciava. Então por que eu me sentia tão vazia? Por que tinha essa horrível sensação de que havia perdido algo extremamente importante?

Eu não queria pensar nele! E mesmo assim minha mente estava repleta de lembranças, de detalhes. Minha reação era algo completamente inadmissível, sentia os olhos arderem como se precisasse desesperadamente chorar! Mas por quê? Por que chorar por alguém que eu realmente nem conhecia, que não significava nada em minha vida?

Apressei o passo indo em direção a minha casa. Eu tinha algumas aulas no período da tarde, mas não tinha um pingo de animo de assisti-la. Com a mente num turbilhão de pensamentos eu pensei que aquele era um bom dia para estréias, eu havia tido minha primeira discussão com um professor poderia muito bem terminar com chave de ouro matando as aulas que me restavam.

Eu sabia que estava sendo infantil agindo daquela forma, não ia adiantar coisa alguma ficar em casa remoendo meus pensamentos, aquela

atitude não iria resolver meus problemas, não faria com que terminasse o semestre com as melhores notas da classe, mas naquele momento, nem as notas ou a graduação me interessavam, só conseguia focar meu pensamento em minha cama. Eu tinha certeza de que estaria muito melhor assim que conseguisse dormir ao menos três horas consecutivas.

Abri a porta do meu apartamento e me assustei assim que vi Brenda, preparando um omelete. O cabelo dela estava bagunçado, como se ela tivesse levantado da cama aquele momento o que não seria algo muito estranho, não me importei de ver que ela usava minhas pantufas de coala. Pensei em quais seriam minhas chances de sair dali correndo e me esconder no meu quarto, mas ela foi mais rápida.

- Liz? O que você está fazendo em casa essa hora? – ela perguntou parecendo bastante alarmada.

- O que você está fazendo em casa uma hora dessas? – rebati, desviar o assunto era sempre uma boa opção. Eu não queria conversar aquele momento, principalmente sobre os pensamentos que me atormentavam.

- Eu não tenho aula essa tarde lembra. Eu te

disse isso hoje de manhã quando você fugiu daqui sem tomar café. Minhas provas acabaram.

- Ah certo é mesmo você disse – me senti uma idiota porque não me lembrava daquela conversa.

- Certo – respondeu Brenda tirando o omelete que havia preparado e colocando num prato que estava sobre a pia – Nós precisamos conversar Liz, isso já foi longe demais. Você precisa...

- Você não tem nada que precise estudar? – perguntei colocando uma das mãos na cintura. Aquela era o que eu chamava de ‘postura descolada’. Eu precisava mostrar a Brenda que estava bem.

- Liz eu acabei de dizer que minhas provas terminaram.

- É sempre bom estudar, você nunca sabe quando um professor vai te dar uma prova surpresa, ou um trabalho quilométrico. Eu podia te ajudar em algum trabalho sabe, assim você podia ficar com o fim de semana livre e sem peso na consciência. Eu tenho bastante tempo livre.

- Você não tem aula hoje a tarde?

Ok ela havia me pegado.

- Hum... Tenho.

- E o que está fazendo em casa então Liz, se

PERIGOSAS NACIONAIS

preocupando com meus trabalhos? – perguntou Brenda enfatizando bastante a parte ‘os trabalhos dela’. Lá se vai minha chance de tentar morrer dentro do meu quarto.

- Ah sabe como é? – respondi forçando um sorriso falso que fez com que meus músculos faciais doessem – É saudável de vez em quando faltar em algumas aulas.

- Ok – respondeu Brenda seus olhos verdes ficando de repente muito preocupados – Quem é você e o que fez com a minha amiga?

- Estou bem Liz serio você não precisa se preocupar – e lá estava o sorriso, pela reação de Brenda ele deveria estar parecendo uma careta.

- Senta aqui. – disse Liz puxando uma cadeira na nossa minúscula cozinha.

- Eu pensei em ir pro meu quarto ler...

- Senta!

Eu não ousava discutir com Brenda quando ela usava aquele tom de voz. Ninguém em sã consciência deveria recusar. Resignada larguei minha mochila no chão e me preparei para a tortura. Uma hora aquilo ia terminar.

- Quer um pedaço de omelete?

- Não estou com fome.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Estou ficando enjoada de ouvir essa resposta Liz. Em algum momento você vai ter de comer.

- Quando eu tiver com fome eu como.

Brenda me lançou um olhar torto e atacou seu omelete. Ela não parecia feliz, mas não era como se eu também estivesse. Eu não gostava daquele tipo de interrogatório. Eu já dissera que estava bem. Por que era tão difícil para ela acreditar?

- Você não quer me contar o que aconteceu aquela noite? – Ótimo nos íamos começar tudo de novo.

- Eu já te contei o que aconteceu uma cem vezes Brenda. Nos encontramos, fizemos sexo, perdi minha virgindade. Fim da historia.

- Então por que você está agindo como se alguma coisa tivesse dado muito errado?

- Não estou agindo dessa forma – respondi tentando ser o mais natural possível.

- Também se transformou numa grande mentirosa.

- Não faço idéia do que você está falando – aquela conversa estava sendo pior do que eu previra.

Brenda respirou fundo e empurrou seu prato com o omelete pela metade. Eu não entendia

PERIGOSAS ACHERON

porque ela continuava com aquela conversa se parecia tão exasperada quanto eu.

- Você está magoada, e eu não faço idéia do motivo Liz – comentou Brenda prendendo meu olhar – Você dorme mal, e não se alimenta e quando peço para me contar o que esta acontecendo você finge que tudo está bem. Isso é exatamente o contrario de estar bem.

- Você não acredita em mim quando digo que está tudo bem comigo o que posso fazer?

Brenda suspirou e virou seu rosto parecendo mais magoada do que brava agora. Por um momento pensei que poderia contar tudo a ela, explicar o que havia realmente acontecido aquela noite, mas no final das contas não tive coragem. No fundo eu sabia que aquilo que estava sentindo era irracional. Leon não significava nada para mim, eu não deveria estar me sentindo magoada pelo fato que ele me deixara no hotel sozinha. Não havia sentido racional naquele pensamento. Não havia como explicar aquilo pra Brenda.

- Enquanto você não admitir para você mesma que está magoada Liz isso que está sentindo não vai passar. Acredite em mim.

Eu me levantei empurrando lentamente minha

cadeira. Estava cansada era apenas isso um pouco de descanso e tudo voltaria a ser como era antes de toda aquela historia ter começado.

- Brenda – comecei dessa vez mais calma – Você não precisa se preocupar, está tudo bem comigo. De verdade.

Minha companheira de quarto preferiu me ignorar e continuar a comer seu omelete. Era melhor daquele jeito. Eu não precisava admitir nada a mim mesma, porque eu não estava magoada, a única coisa que precisava fazer era ignorar aquele vazio sem lógica que assombrava meu peito.

Caminhei em silêncio para o meu quarto e estava fechando minha porta quando Brenda disse algo sem olhar na minha direção.

- Liz, se você quiser realmente fazer algum tipo de trabalho, eu tenho certeza que devo ter alguma coisa no meu fichário que provavelmente deveria ter entregue a uns dois meses atrás. Acho que o professor não vai mais aceitar ele, mas você pode ocupar seu tempo.

Balancei a cabeça diante daquela frase e me surpreendi quando percebi que pela primeira vez depois de algum tempo eu estava sorrindo de verdade. Respirei fundo e tentei ignorar aquela

sensação horrível de que havia algo realmente de errado comigo.

No meu quarto sentei na minha cama sentindo como se houvesse sobre meu corpo uma mortalha de chumbo. Meus olhos pesavam eu me sentia sonolenta e mesmo assim sabia que o sono iria demorar a chegar. De qualquer jeito tirei meus tênis surrados e deitei na cama desarrumada sem me importar de ainda estar usando calça jeans. Cobri meus olhos com um dos meus braços e tentei pensar em qualquer outra coisa que não fosse em Leon.

Eu não consegui. Meus pensamentos eram atormentados pelas minhas lembranças. Leon estava gravado em minha mente e me atormentava a todo instante. Respirei fundo completamente irritada comigo mesma. Por que eu não conseguia seguir em frente? Por que não conseguia simplesmente ignorar tudo o que tinha acontecido entres nós dois? Não era como se realmente ‘algo’ tivesse acontecido entre nós dois.

Irritada e muito desperta virei em minha cama focando meu olhar na primeira gaveta de minha escrivaninha. Forcei a mim mesma não me levantar e ir até ali ficar remoendo das mãos o bilhete que

ele me deixara. Eu devia rasgar aquele estúpido pedaço de papel em pedacinhos, mas simplesmente não conseguia.

Ainda não havia depositado de volta na minha conta, o dinheiro que ele deixara sobre a mesa junto ao bilhete quando me deixara. De certa forma aquilo havia sido um insulto, e mesmo assim não havia nada que eu pudesse fazer. Eu havia pago o primeiro encontro com Leon, não iria ligar a ele perguntando por que ele não aceitara meu dinheiro. Eu sabia que no fundo não me limitaria somente aquela pergunta. Eu não iria me rebaixar a perguntar a ele porque me deixara sozinha naquele quarto.

Não definitivamente a ultima coisa de que eu precisava era ouvir a voz dele naquele momento.

Fechei os olhos agora com força e tentei me concentrar no sono. Uma leve dor de cabeça havia começado a se infiltrar atrás dos meus olhos. Eu precisava desesperadamente dormir.

Estava concentrada nesses pensamentos quando o toque do meu celular me despertou, fazendo com que eu pulasse da cama assustada. Mais por hábito do que por vontade atendi a ligação.

- Alô?

PERIGOSAS NACIONAIS

- Liza? – perguntou a voz masculina, do outro lado linha que eu não ouvia há algum tempo.

- Pai? – respondi assustada sentando em minha cama completamente desperta.

- Lizza?! O que está acontecendo por que não respondeu as mensagens de sua mãe?

- Mensagens? Minha mãe? – perguntei confusa – Eu não recebi nenhuma mensagem. Espera! Sobre o que a gente ta falando?

- Lizza – a voz do meu pai do outro lado da linha parecia impaciente – Sua mãe enviou o convite da reunião familiar de Ação de Graças. Você não confirmou, e ela pediu pra que eu ligasse pra perguntar se havia acontecido alguma coisa.

- Por que ela mesma não me ligou? – perguntei sentindo a irritação aumentar minha dor de cabeça.

- Você conhece sua mãe, além disso ela me disse que você vem agindo de forma estranha ultimamente. Vocês duas discutiram?

Sorri de forma irônica e fiquei feliz por meu pai não poder notar aquela atitude. Ninguém nunca conseguia discutir com minha mãe.

- Você sabe que eu nunca discutiria com ela – respondi com sinceridade – ninguém é capaz de afeta-la tanto assim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Elizabeth, você tem certeza de que realmente está bem?

- Sim – eu respondi trincando meus dentes, sabia que ele realmente não estava perguntando aquilo porque estava interessado. Não depois de ter ficado tanto tempo, sem dar notícia nenhuma.

- Ótimo então, por favor, responda a sua mãe e confirme presença no nosso jantar.

- Pai – murmurei pressionando os dedos contra meus olhos fechados. Estava cansada de ter conversas difíceis aquele dia – Acho... Eu acho que não vou ir a festa da mamãe esse ano.

- Oras que absurdo é esse Lizza? Nós sempre comemoramos juntos Ação de Graças. Você não tem motivos nenhum para faltar, sempre foi uma ótima aluna com excelentes notas, não haveria motivo pra você passar o feriado em Harvard.

Sempre meus estudos, sempre a doce e esforçada Elizabeth com o único objetivo de alcançar as melhores notas, a melhor graduação. Eu não passava de uma estudante sem vida própria. Sem nenhum outro desejo.

- Pai – respondi cansada querendo que aquela conversa terminasse logo – Eu tenho outras coisas para fazer aqui além das minhas aulas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Tenho certeza Liza que qualquer que sejam essas coisas podem esperar não? Vou levar Karen ao jantar ela está ansiosa para revê-la, vocês nunca tiveram realmente a oportunidade de conversarem. Você sabe muito bem Liza que suas responsabilidades vêm em primeiro lugar.

Por um momento pensei realmente que deveria desligar o telefone. Meu pai não era o tipo de pessoa que podia me cobrar com propriedade sobre minhas responsabilidades. Não quando ele passava mais de um ano sem sequer ligar para mim, e depois de todo esse tempo a única coisa que tinha a dizer era que sua nova mulher queria me encontrar.

- Pai me escute eu realmente...

- Sua mãe também mandou convites para Brenda, os pais dela estarão lá. Você não tem nenhum motivo racional para não comparecer a essa festa Elizabeth, espero que entenda isso.

Eu realmente pensei em argumentar e fazer uma lista enorme dos motivos pelo qual eu não queria ir aquela festa estúpida, mas eu sabia que seria inútil. Meu pai não estava me ouvindo. Ele apenas estava cumprindo outro pedido da minha mãe que também não estava nenhum pouco interessada nos meus desejos.

PERIGOSAS ACHERON

Continuei em silêncio, mas isso não pareceu chatear ou constranger meu pai. Eu sabia o que ele pensava a respeito da nossa conversa. Era irracional que eu não comparecesse a festa anual da nossa família. Não importava como eu me sentia aquilo simplesmente podia esperar.

- Confirme a presença com sua mãe Liza, ela realmente ira ficar mais tranqüila, e mande minhas lembranças a Brenda. Logo nos veremos, se precisar você pode me ligar sabe que sempre pode contar com seu pai.

Obviamente meu pai não esperou por uma resposta minha. Ouvi durante um tempo o toque repetido do celular até recuperar meus movimentos e colocar o aparelho em cima da minha mesinha de cabeceira. Deite na cama agora sentindo minha cabeça latejar.

Se existia algo nesse mundo que eu tinha certeza era que nunca iria ligar para os meus pais pedindo qualquer tipo de ajuda. Eles estavam ocupados demais, realizando a vontade deles mesmo. A única coisa que eu precisava fazer era continuar sendo a garota comportada e exemplar e quem eles haviam investido tanto. Eu só precisava continuar sendo aquela garota que não tinha desejos

próprios assim tudo estaria bem.

Fechei os olhos por um momento me sentindo a pessoa mais miserável do mundo. A ultima coisa que eu precisava naquele momento era de uma festa de família onde estariam envolvidos meus pais e minha madrasta. Mas que escolha eu tinha? Se continuasse a ignorar o convite de minha mãe provavelmente ela iria aparecer no campus a qualquer hora fazer minha mala e me despachar para casa sorrindo o tempo todo como se aquilo não passasse de um grande contratempo. Nada de discussões acaloradas. Isso era o tipo de comportamento irracional que minha mãe não se permitiria.

Ainda de olhos fechados tentei esquecer de tudo aquilo que me incomodava. Eu só precisava ignorar tudo de mais cedo ou mais tarde iria desaparecer. Afinal não era realmente como se eu tivesse escolha. Aquele havia sido sempre sido o meu modus operandi. E havia funcionado, pelo menos até agora.

Capítulo Nove

Quando acordei meu corpo estava totalmente dolorido, me movi lentamente percebendo que durante o sono havia recolhido os membros aproximando-os ao máximo do tronco. Me sentia cansada mesmo após horas de sono, mas em compensação minha dor de cabeça havia passado. Ergui meu tronco olhando por minha janela. Lá fora a maioria das luzes da cidade começavam a acender, eu já não conseguia mais ver o sol, mas ainda havia no céu filetes de raios laranja. Sorri aproveitando aquela sensação de corpo cansada. Finalmente eu conseguira realmente dormir.

Levantei meio cambaleante e fui para o banheiro, tinha um gosto horrível na minha boca então resolvi escovar os dentes. Olhei no pequeno espelho do banheiro e não consegui deixar de sorrir para meu reflexo quando percebi a marca que meu edredom havia feito no meu rosto. Embora ainda um pouco atordoada me sentia muito melhor. Meus pensamentos não pareciam estarem mais cobertos por uma nevoa densa, pensar era mais fácil e agora

parecia que minha capacidade de concentração havia retornado.

Eu quase podia me sentia totalmente recuperada se não fosse por aquele incomodo sem nome no centro do meu peito. Meu estomago roncou levemente e percebi que há havia ficado muito tempo sem comer. Precisava remediar a situação. Voltei para meu quarto agarrei de qualquer forma meus tênis e parei em frente a porta entre aberta do quarto de Brenda dando pequenas batidas com os nós dos dedos.

- Pelo amor de Deus Liz, entra logo de uma vez, você ainda não perdeu essa mania?

- Desculpe – respondi entrando em seu quarto completamente bagunçado, pulei algumas pilhas de roupa sujas pelo chão e sentei na cama ao lado da minha colega – É mais forte do que eu.

- Parece que alguém andou dormindo como a Bela Adormecida.

- Nem me fala. Sinto como se tivesse dormido realmente uns mil anos, embora me sinta bem melhor agora.

- Você parece bem melhor mesmo – comentou Brenda que parecia muito concentrada lixando as unhas – Tirando é claro essa mancha horrível na

sua cara.

Sorri passando os dedos pelo meu cabelo embaraçado. Embora eu e Brenda tivéssemos personalidade completamente diferentes era incrível como na maior parte do tempo conseguíamos conviver muito bem.

- Você não vai hoje na casa do David?

- Ahn, não – respondeu Brenda num muxoxo – Ele me ligou dizendo que precisava estudar. Até parece que ele vai conseguir aumentar sua nota, estudando uma noite antes da prova.

- Entendi. Eu estava com fome, então pensei em pegar uma pizza.

- Eu topo desde que não tenha que não tenha de sair de casa. Estou morrendo de preguiça.

- Não se preocupe eu vou. Vai ser bom dar uma volta depois de quase ter entrado em coma.

Brenda ergueu em minha direção os profundos olhos verdes e sorriu abertamente. Ela colocou então a lixa em cima da cama e pegou o celular me mostrando algo.

- Ok, mas antes de você ir pode me dizer o que é isso aqui?

Curiosa olhei a mensagem que ela me exibia em seu visor. Não precisei chegar ao final para

saber exatamente do que se tratava.

- Apenas ignore – respondi mal-humorada lembrando da conversa que tivera com meu pai antes de cair no sono – Meus pais querem que eu vá de qualquer jeito ao jantar estúpido deles de Ação de Graças.

- Sua mãe deve estar realmente desesperada para você ir, já que me mandou essa mensagem. Sabe ela nunca gostou muito de mim.

- Isso deve ser coisa da sua cabeça Brenda minha mãe nunca disse nada contra você.

- Sua mãe nunca diz nada para ninguém Liz - comentou Brenda voltado a lixar as unhas – A mulher é um iceberg.

Fiquei em silêncio, de certa forma eu sabia que Brenda estava sendo sincera e tinha sua parcela de razão.

- Meu pai me ligou hoje a tarde. Ele me disse que seus pais também vão.

- O que? – perguntou Brenda parecendo alarmada – Ai droga! Se minha mãe ta pensando que eu vou voltar para casa esse feriado...

O toque do celular de Brenda cortou sua frase, ela olhou no visor e revirou os olhos em desespero:

- Ai meu Deus Liz é ela! Eu sabia aquela

mulher nunca vai me deixar em paz! Ela consegue ler todos meus pensamentos! Ela vai me obrigar a ir nessa festa estúpida e eu vou ter o fim de semana mais horrível do universo.

- Acho melhor você atender ela. Acredite ela não vai desistir enquanto não conseguir falar com você.

- Eu odeio sua mãe – murmurou Liz baixinho enquanto olhava de forma ameaçadora para o seu próprio celular.

Percebi que nossa conversa tinha acabado, então fiz meu caminho de volta pulando as roupas sujas no chão, peguei as chaves que estavam em cima do armário e sai de casa.

A pizzeria onde Brenda e eu costumávamos comer não ficava longe de casa. O lugar era pequeno simples, mas estava sempre lotado. Provavelmente o motivo eram as pizzas em tamanhos imensos, e que cabiam perfeitamente no orçamento apertado da maioria dos estudantes universitários.

Dirigindo lentamente tentei pensar em que sabor escolher. Minha fome havia evoluído e agora eu podia sentir minha língua salivar dentro da minha boca quando pensava nos meus sabores

prediletos.

Estacionei o carro ao lado da pizzaria e assim que sai para a rua me arrependi de não ter pego um casaco mais pesado. A noite estava fria e com um vento cortante, imaginei que com aquele clima logo teríamos neve. Caminhei até o balcão e fiz o pedido para a atendente, ali dentro estava quente e agradeci mentalmente por isso. Ainda era cedo, por isso a pizza ficou pronta rapidamente, paguei e peguei a imensa caixa que ainda exalava calor. Meu estômago se contorcia enquanto sentia o aroma da iguaria, mas achei que seria muito mal-educado da minha parte abrir a caixa e comer um pedaço ali mesmo dentro do carro.

Entrei no veículo feliz por estar fora na noite fria e liguei o motor. Eu sabia que deveria ter feito o caminho mais curto e voltado para casa, mas quando cheguei no próximo semáforo peguei o caminho contrario e continuei em direção ao centro da cidade.

Me xinguei mentalmente assim que percebi o que estava fazendo. Devia estar sofrendo de algum transtorno masoquista, não havia outra explicação! Dirigi segurando com força o volante alguns metros a frente avistei a praça onde havia combinado de

encontrar Leon, respirei fundo quando uma enxurrada de imagens invadiu meus pensamentos. Engoli seco, precisava sair dali o mais rápido possível, a única coisa que precisava fazer era contornar a praça e refazer o caminho até minha casa, de volta para minha segurança.

Diminui a velocidade provavelmente irritando os motoristas atrás de mim, minhas mãos tremiam descontroladamente eu respirava com dificuldade. Meus olhos estavam embaçados! Deus do céu a última coisa que eu precisava naquele momento era começar a chorar como uma ensandecida.

Encostei o carro em frente ao pequeno restaurante e tentei respirar fundo, meu nariz achou que aquele era um bom momento para ficar entupido. Encostei a cabeça no volante do veículo e sorri sentindo meu corpo inteiro tremer.

Havia alguma coisa extremamente de errado comigo! Eu não era mais a mesma. Não conseguia mais conter minhas emoções, meus pensamentos. Talvez eu estivesse doente. Talvez estivesse sofrendo de algum tipo de stress. Eu sempre fora uma pessoa muito bem equilibrada, racional, sensata, mas isso não significava que eu não podia ser acometida de um surto. Talvez eu devesse ligar

para algum psicólogo marcar uma consulta. Minha mãe provavelmente deveria ter o numero de telefone de algum psicólogo.

Fechei os olhos com força sentindo as lágrimas ingratas deslizarem pelo meu estúpido nariz. Eu não queria ligar para minha mãe. Ela com toda certeza iria querer saber o motivo que havia me levado a me consultar com um psicólogo, e eu preferia ter minha cabeça cortada a contar algo como aquilo a ela.

Pensando bem aquela não era uma boa idéia. O que eu iria dizer ao psicólogo? “ Me desculpe doutor, mas eu venho agindo de maneira diferente desde que perdi minha virgindade. Não consigo parar de pensar no homem com quem fui para a cama, mas sabe ele é um garoto de programa e me deixou sozinha depois que fizemos sexo. O que? Ah sim claro, eu paguei pra ele tirar minha “virgindade.”

O dialogo parecia completamente esquisito na minha mente, não conseguia imaginar eu tendo aquele tipo de conversa com alguém que nem ao menos conhecia.

Talvez eu estivesse apenas com fome pensei olhando cobiçosamente para caixa de pizza que

estava sobre o banco do passageiro. Eu já havia lido alguns casos clínicos onde pessoas que haviam passado por grandes períodos sem comida sofressem alguns transtornos.

Para apoiar minha teoria meu estomago escolheu exatamente aquele momento para roncar. Pensei em Brenda me esperando em casa, ela não ia ligar se eu tirasse apenas uma lasca para me contentar aquele momento. Abri a caixa da pizza deixando que o aroma do queijo derretido invadisse o carro. Sem me importar com ausência de guardanapos ou talheres peguei um pedaço razoável da pizza e mastiguei de uma só vez. Me senti imediatamente melhor. Sorri ao lembrar que quando criança algo que sempre me acalmava quando estava chorando fosse por qualquer motivo era um mingau quente. Talvez no final das contas eu realmente só estivesse com fome.

Sorri engolindo o ultimo pedaço que estava mastigando e decidi que Brenda não se importaria de eu pegasse mais um, eu poderia passar novamente na pizzeria e comprar uma outra pizza embora achasse que nenhuma de nós duas fôssemos capazes de comer duas pizzas inteira.

Estava mastigando e me sentindo bem melhor

quando levantei meu olhar e encontrei Leon caminhando pela calçada.

Engoli a massa que havia dentro da minha boca com tanta dificuldade que foi um milagre eu não ter me engasgado. Senti minha mão tremer levemente e tentei inutilmente desviar minha visão. Eu não estava preparada para encontra-lo.

Ele usava dessa vez uma jaqueta de couro, o cabelo estava preso na nuca, mas haviam alguns fios rebeldes que balançavam ao redor do seu rosto, ao seu lado uma mulher loira de cabelos muito curtos usando um vestido vermelho parecia rir de algo muito engraçado enquanto segurava tranquilamente em seu braço.

- Ok Liz – eu disse para o silêncio do meu carro, estranhando o som da minha voz –É agora que você não faz nada de estranho. Você se controla e volta para casa. Não tem nada que precise dizer a ele.

Eu realmente tentei me convencer disso, mas quando a mulher loira ficou na ponta dos pés e beijou os lábios de Leon eu simplesmente agi.

- Ao inferno com isso – murmurei com os dentes trincados abrindo a porta do meu carro.

Desci do carro com tanta pressa que nem ao

PERIGOSAS NACIONAIS

menos me lembrei que precisava trancar a porta. Eles estavam apenas alguns passos do outro lado da rua bem diante do romântico restaurante e pareciam completamente alheios a tudo o que acontecia ao redor.

Atravessei a rua sem me importar com o movimento dos carros, passei como um furacão ao lado de algumas mesas que estavam cuidadosamente postas nas calçadas, mas os esparsos casais sentados nelas, não pareceram notar minha presença. Parei em frente a Leon e a mulher loira assim que eles estavam entrando num carro que deveria custar pelo menos um terço da minha faculdade.

- Leon! – chamei com a voz afoita me odiando por isso.

Surpresos o casal virou-se na minha direção, eles continuavam de mãos dadas numa intimidade bem explícita de que se conheciam a um longo tempo.

O olhar de Leon ficou fixo no meu rosto, pensei que poderia encontrar ali um traço de raiva, surpresa, irritação, mas não havia nada. Leon me olhava como se nunca tivesse me visto em toda sua vida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Leon – repeti odiando a forma como eles estavam olhando para mim, como uma criança mal-educada em busca de atenção – Nós precisamos conversar.

- O que está fazendo aqui Elizabeth? – perguntou Leon, parecendo bastante desinteressado – Não temos nada pra falar um para o outro.

- Algum problema Leon? – perguntou a loira pelo menos dez centímetros mais alta do que eu. Agora que estávamos perto podia ver em seu rosto perfeitamente maquiado que ele provavelmente devia ter a idade da minha mãe. Na mão esquerda usava uma belíssima aliança de casamento e parecia não se importar nem um pouco com isso.

- De forma alguma Sara – respondeu Leon tranquilamente – Isso é apenas um contratempo.

- Eu não sou um contratempo? Por que não atendeu minhas ligações?

- Já disse que não temos nada a discutir Elizabeth – a voz dele não havia se alterado em nenhum momento ao contrario da minha. Ele parecia muito serio e resoluto. Detestei ele por isso – Vá para casa.

- Não vou sair daqui enquanto você não me der uma explicação coerente. Por que foi embora

PERIGOSAS ACHERON

aquela noite?

- Ah já estou entendendo – disse Sara, a acompanhante loira de Leon olhando com um sorriso em minha direção – Ela é uma de suas novas clientes.

Leon não confirmou a informação, seus olhos continuaram fixos em mim mas eu não conseguia decifrar o que havia por detrás deles.

- Minha querida – era Sara falando, ela tinha um timbre rouco e bastante afeminado, tentei não prestar atenção nela, mas não consegui – Sei que você deve estar encantada com Leon, se já esteve com ele a sós num quarto, mas entenda sou uma mulher que viaja bastante e quando tenho oportunidade Leon é minha companhia predileta, e hoje reservei a noite apenas para nós dois. Vocês podem combinar algo num outro momento, e você pode fazer as perguntas que precisar, ou dar asas a sua imaginação romântica de adolescente.

Senti meu rosto arder, enquanto uma onda de humilhação varria cada parte do meu rosto. Já havia sido humilhada inúmeras vezes na escola, o ensino médio poderia ter sido descrito como treino intensivo de tortura, e mesmo assim nenhuma daquelas humilhações havia me preparado para

sentir aquilo que as palavras me provocaram.

Em outros tempos eu provavelmente viraria minhas costas em silencio e iria embora dali o mais rápido possível, tentaria fingir a mim mesma que aquilo nunca havia de fato acontecido e com o tempo a vergonha se tornaria mais fácil de lidar. Mas, eu não era mais uma estudante de ensino médio, ou uma simples garota que se importava com o que qualquer pessoa pudesse dizer ao meu respeito. Fechei as palmas de minhas mãos sentindo minhas unhas afundarem em minha pele. Eu não iria embora dali sem uma resposta não importava quantas vezes Sara tentasse me humilhar, ela não me conhecia e não fazia idéia de como aquela havia sido uma semana infernal. Meu colegial era um passeio no parque comparado a tudo que eu tinha vivenciado a após conhecer Leon.

Com o rosto ainda em chamas trinquei o maxilar e dei um passo em direção a Sara que continuava sorrindo em minha direção.

- Eu não estou falando com você! – murmurei alto o suficiente pra que ela entendesse o recado.

Vi espanto e raiva se mesclarem na sua feição enquanto ela abria a boca indignada, não parei para apreciar o estrago que fizera ao ego daquela mulher

e parei a dois passos de Leon, pela primeira vez desde que havíamos nos conhecidos não me senti intimidada por sua altura. Ele não cumprira sua parte no trato, a única coisa que eu queria ali era uma resposta e eu não iria embora sem uma.

- Não me interessa seus motivos – comecei sentindo as palavras me deixarem de forma tremula. Eu tremia da cabeça aos pés e não sabia dizer se era de nervosismo ou pelo vento frio ao meu redor – Mas, eu não vou embora enquanto você não me disser por que não aceitou meu dinheiro! Qual o problema Leon, ele não era bom o suficiente para você?

Pela primeira vez vi uma centelha de algo luzir em seus olhos azuis. Dentro do meu peito meu coração galopava como um enlouquecido, agora que havia começado a falar que estava colocando para fora exatamente aquilo que tanto me atormentava eu não conseguia mais parar.

- Nós tínhamos um trato! – continuei aumentando meu tom de voz – E você não cumpriu sua parte! Por que não levou o dinheiro Leon? O que você acha que estava fazendo, algum tipo de brincadeira? Ou melhor uma caridade? Caridade pra pobre garota que não é capaz de conseguir levar

nenhum homem pra cama?...

- Elizabeth chega...

- Não! Você vai me ouvir eu...

- Leon? – chamou Sara, virei em sua direção apenas pra me surpreender com o olhar venenoso que ela lançava em nossa para nós dois – Me corrija se me estiver enganada, mas essa garotinha petulante está me dizendo que você não cobrou pra se deitar com ela.

- Ela não faz a menor idéia sobre o que está falando – respondeu Leon. Eu podia ver que seu maxilar estava rígido, assim como sua postura. Respirei fundo e disse a mim mesma que não iria deixar aquilo me intimidar.

- Você me enganou! – continuei sentindo a adrenalina correr muito rápido em minhas veias – Você...

- Chega Elizabeth! – exigiu Leon sobrepujando minha voz.

- Não – exigiu Sara agora que parecia muito interessada em minha historia – Deixe a garota continuar, eu quero saber exatamente sobre o que ela está falando!

Leon percorreu seu olhar sobre nós duas, Sara parecia fuzila-lo com sua expressão, mas eu disse a

mim mesma que não iria me intrometer em seus problemas, aquilo não me dizia respeito. Eu estava ali com um único objetivo de obter minha resposta.

- Você quer conversar? – perguntou Leon por fim me encarando ameaçadoramente – Ótimo você conseguiu, nós vamos conversar!

Sem dizer mais uma palavra Leon agarrou meu braço com força, e começou a caminhar em direção ao restaurante.

- Entre no carro e me espere – ele disse para Sara quando já estávamos a poucos metros das mesas que ocupavam a calçada.

Tentei me soltar do seu aperto, mas ele parecia como uma algema, bati meus pés como uma criança que não quer arrastada para o banho, mas Leon pareceu não se importar nem um pouco. Pensei em gritar pedindo socorro, mas enquanto observava a expressão seria de Leon percebi que aquilo não iria adiantar.

Passamos em frente ao restaurante e Leon entrou no lugar me carregando a tira-colo, dessa vez eu estava realmente chamando a atenção de todos, mas Leon não parecia nem um pouco preocupado com isso. Ele continuou com seu passo apressado segurando meu braço como se

conhecesse o lugar perfeitamente. Atravessamos uma porta onde lia-se ‘permitida entrada somente de funcionários’, enquanto eu protestava alto.

- Me solta! Leon solta meu braço!

Viramos um pequeno corredor, depois de atravessarmos uma cozinha repleta de olhares espantados. Leon abriu uma porta e me jogou dentro de um cubículo minúsculo entrando logo em seguida e fechando a porta atrás de si mesmo.

- Seu idiota! – comecei a dizer massageando meu pulso dolorido. Estávamos dentro do que parecia ser um armário de limpeza. O lugar era abarrotado de coisas e cheirava sabão em pó e desinfetante. – O que pensa que está fazendo?

- Você queria conversar não? – respondeu Leon tão alto quanto minha voz estava – Pronto agora você pode falar as baboseiras que quiser!

- Baboseiras?

- O que pensa que está fazendo vindo até aqui Elizabeth? Ainda por cima dizendo essas coisas na frente da Sara? Ela é uma das minhas melhores clientes, e uma das mais cimenta ainda por cima!

- Se você tivesse atendido minhas ligações, eu não ia ter vindo até aqui!

Leon deu um passo a frente pressionando meu

corpo contra a parede, suas mãos apoiaram do lado da minha cabeça. Senti minhas pernas ficaram moles, e não fui capaz de desviar meu olhar que dessa vez me aterrorizava e hipnotizava ao mesmo tempo.

- Você é tão inteligente – respondeu Leon num murmúrio ferino – Não chegou a levar em consideração o fato de que talvez eu não quisesse falar com você.

Engoli em seco incapaz de responder, estar tão perto novamente de Leon deixava minha cabeça confusa e cheia de pensamentos desconexos. Senti o perfume dele com tanta intensidade que tive de fechar meus olhos para manter minhas mãos longe dos seus cabelos. Aquilo não era justo, estar tão próximo daquele jeito, fazendo com que todas as lembranças horríveis daquela semana insuportável fossem embora.

- Por que foi embora? – perguntei tentando manter o controle sobre meu timbre. Eu não queria demonstrar o quanto ele me afetava.

- Você já havia conseguido o que queria Elizabeth. Que diferença iria fazer se tivéssemos acordado na mesma cama?

- E me deixou um bilhete? – perguntei

indignada – um mero bilhete com uma frase de um livro qualquer!

- Eu não lembro o que escrevi – respondeu Leon dando de ombros.

Seu rosto pairava acima do meu tão perto como estivera na noite em que havíamos trocados beijos e caricias. Fiquei espantada ao notar o quanto àquelas lembranças eram vividas na minha memória. E aterrorizada ao perceber que no fundo desejava que tudo aquilo acontecesse novamente.

- Mentiroso – respondi entre dentes.

Leon sorriu pela primeira vez, mas seus olhos embora aquele sorriso não chegasse a seus olhos que ainda estavam escuros e tempestivos.

- Elizabeth – ele começou lentamente, como se tivesse a necessidade de explicar algo extremamente complexo para uma pessoa capaz incapaz de compreender – Você realmente acha que eu iria me lembrar do que escrevi pra uma cliente a mais de uma semana? Sei que deve ser difícil para você acreditar, mas eu estive bastante ocupado desde o nosso ultimo encontro. Sabe como é trabalhando.

As palavras eram cruéis, duras dentro do meu peito sentia o ritmo dolorido que meu coração

palpitava. Me sentia uma tola por ficar magoada, por continuar com aquela conversa sem sentido. Aquele não era o Leon que havia tirado minha virgindade. De repente tudo parecia fazer sentido, o homem a minha frente não passava de um talentoso ator que usava suas habilidades para tirar dinheiro das mulheres. Vender o produto perfeito, o cavalheiro perfeito.

Não podia nem ao menos dizer que havia sido enganada afinal de contas havia sido eu mesma que procurara um homem como aquele. Os fins sempre justificavam os meios não? Deveria ser assim na teoria. Eu não deveria me importar com as palavras de Leon, ou com suas atitudes e mesmo assim eu me importava mesmo assim a forma como ele agia me magoava profundamente.

- Você escreveu uma frase de um livro de Jane Austen – eu disse incapaz de conter o tremor em minha voz – Você realmente acha que eu vou acreditar que você não se lembra o que escreveu? Desde quando um homem conhece de cor qualquer frase que seja de um livro de romance?

- Você realmente quer saber por que eu escrevi aquela frase Elizabeth? – o tom de Leon havia mudado, de certa forma eu sabia que ele estava

perdendo sua paciência comigo. – Então deixe-me explicar para que você pare de confundir seu mundo de fantasias e teorias com a realidade. Uma das minhas clientes gostava de ouvir frases desses livros românticos enquanto eu estava dentro dela fazendo meu serviço. Você acha isso estranho? Eu poderia te contar várias outras táticas que preciso executar para seguir na minha profissão. Pelo preço que ela me pagava eu seria capaz de recitar a bíblia se ela me pedisse. Então por favor não fique lisonjeada com uma frase qualquer escrita num papel.

- Está vendo isso – perguntou Leon abaixando a gola de sua jaqueta e mostrando manchas roxas que passeavam por toda extensão do seu pescoço, fui incapaz de conter um suspiro quando e desviar meus olhos daqueles machucados – Tenho um par dessas nos meus pulsos também. Algumas clientes gostam de ouvir frases de amor, romance essa em específico gosta de prender uma coleira no meu pescoço e brincar comigo como se eu fosse um animal. Você acha que eu me importo? Desde que o dinheiro esteja na minha conta bancaria eu deixo elas fazerem o que quiserem comigo, assim como deixei que você fizesse aquilo que tinha vontade.

Eu sabia que deveria responder algo, provavelmente uma coisa que fosse espirituosa e mostrasse o quanto eu realmente não ligava a mínima para o que Leon fazia com suas clientes, mas mesmo assim estava chocada, mesmo sabendo que o que ele dissera era verdade, eu gostaria de não ter de acreditar naquilo.

- Já chega – murmurei incapaz de continuar com aquela conversa.

- O que você pensou Elizabeth? Que nossa noite havia sido algo especial? Que poderíamos ter terminado nossa historia dormindo os dois juntos na cama daquele hotel?

Trinquei os dentes com força erguendo meu rosto agora apenas centímetros do rosto de Leon. Eu estava cansada, magoada ferida e nem ao menos sabia o motivo por me sentir daquela forma. Eu não ia deixar ele falar aquelas coisas para mim, sem me escutar também.

- Se o dinheiro era assim tão importante para você, então porque deixou-o em cima daquela maldita mesa junto com o seu bilhete sem sentido? Qual o problema Leon, meu dinheiro era diferente das suas outras clientes?

O rosto de Leon mostrou espanto,
PERIGOSAS ACHERON

imediatamente ele soltou meu corpo e distanciou-se colando suas costas contra a parede exposta do minúsculo comodo. Agora que estávamos longe eu podia respirar com mais facilidade, deixar meus pensamentos claro. Era muito mais fácil continuar a discutir dessa forma.

Leon passou as mãos pelos cabelos, ele parecia frustrado e bastante irritado, mas pela primeira vez desde que chegara ali eu não ligava a mínima para os sentimentos dele. Queria esclarecer de uma vez por todas como me sentia e dizer a ele algumas poucas verdades.

- Acha realmente que eu me importo com você, ou com aquele estúpido bilhete! Você é um covarde, um idiota que não entende absolutamente nada! Eu sabia desde o principio o que estava fazendo quando contratei seus serviços, você foi a única pessoa que não cumpriu com o combinado.

- Acho que você não tinha idéia do que estava fazendo quando me ligou. Mas é apenas uma garota mimada com o bolso bem cheio para comprar todas suas vontades!

- Você não me conhece, não sabe nada a respeito da minha vida, não tem o direito de me julgar dessa forma!

PERIGOSAS NACIONAIS

- Está enganada – respondeu Leon agora seu tom de voz era frio e distante – Eu tenho bastante experiência com as mulheres para saber quando elas estão se iludindo com alguma coisa, não se iluda comigo, é você quem não me conhece que não sabe nada a respeito do meu mundo.

- Você...

- Quer saber porque deixei o dinheiro aquela noite Elizabeth? Você é tão inteligente não conseguiu encontrar essa resposta?

Eu não respondi meu maxilar estava trincado com tanta força que eu duvidava que qualquer palavra conseguisse ultrapassá-lo. Eu estava indignada e cheia de raiva, meu corpo inteiro tremia em revolta.

Leon se aproximou de mim seus olhos azuis me encarando de muito perto, senti meu coração explodir dentro do meu peito e me detestei por deixar que aquele homem tivesse um efeito tão devastador sobre mim.

- Quando fizemos sexo – começou Leon seu rosto pairando alguns centímetros do meu – Eu gozei dentro de você, isso é algo que alguém com a minha profissão nunca faz, você consegue entender o porque Elizabeth?

PERIGOSAS ACHERON

Eu sentia como se não houvesse ar suficiente naquela sala para que eu pudesse respirar. Meus olhos ardiam e me incomodavam terrivelmente. Eu entendia agora perfeitamente porque Leon me deixara o dinheiro aquela noite. Arrependimento era um sentimento poderoso. Ele havia se arrependido de ter feito sexo comigo, aquele dinheiro era para que eu ficasse calada, e não dissesse nada sobre aquela noite.

Desviei meu rosto incapaz de suportar mais seu olhar, meus olhos recaíram sobre a pizza que eu ainda segurava em uma das mãos. Eu devia estar parecendo tão débil e insignificante quanto aquele pedaço de comida naquele momento. Havia sido um erro completo ter descido do carro, ter procurado Leon. Meu deus havia sido um erro completo ter conhecido aquele homem.

- Eu vou depositar o valor do seu encontro na sua conta – minha voz agora era apenas um murmúrio não havia sentimento algum – Você cumpriu sua parte, fizemos um acordo e você fez o seu serviço.

- Você não entendeu nada do que eu acabei de dizer?

- Eu entendi! – respondi mais alto do que

planejara sentindo minha garganta arder – É você que não entendeu que eu não quero que aquele encontro seja uma caridade. Eu não estou nem aí pelo fato de que você gozou enquanto fizemos sexo, e que alguém como você não pode fazer isso enquanto trabalha, mas você foi pra cama comigo e vai receber seu dinheiro por isso! Ou eu irei contrata-lo de novo e de novo até você receber seu maldito pagamento.

Havia algo de muito errado comigo, meu peito subia e descia num ritmo acelerado. Eu não conseguia me reconhecer naquela garota irritada, descabelada que gritava com praticamente um desconhecido sobre a noite em que havia feito sexo. Não conseguia entender os sentimentos que rondavam escondidos dentro do meu peito. Dor de decepção, uma frustração tão imensa que parecia que era capaz de envolver todo meu ser.

- Eu não irei novamente para a cama com você – respondeu Leon e suas palavras pareceram como espinhos sob minha pele, eu não conseguia entender o motivo mas ele parecia me desprezar profundamente.

- Não estou pedindo isso, acho que você deixou bem claro o quanto ir pra cama comigo foi um erro,

mas eu não vou desistir Leon.

- Não pode me obrigar a fazer isso Elizabeth.

- Talvez não mas posso transformar sua vida em algo bastante desgastante, eu imagino o que suas outras clientes iriam pensar se eu viesse sempre tirar satisfações com você. Na verdade, eu imagino o que aquela mulher lá fora está pensando sobre nós dois conversando aqui dentro durante tanto tempo.

O maxilar de Leon enrijeceu, seus olhos perderam o brilho enquanto me observavam duramente. Tentei não pensar no que estava fazendo. Chantagem era algo que eu nunca havia feito com ninguém, não conseguia entender porque um assunto como aquele estava me tirando completamente fora do sério. Me transformando em outra pessoa.

- O que você quer Elizabeth.

- Você não quer ir para a cama comigo? Ótimo eu também não quero, mas já que faz tanta questão de trabalhar para receber seu pagamento, eu preciso de um acompanhante pra ir a festa dos meus pais de Ação de Graça. Me acompanhe e não precisara nunca mais me encontrar na sua vida.

- Você só pode estar brincando comigo.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Estou falando muito serio Leon, você pode escolher entre isso ou em ter de conviver comigo e suas clientes por um tempo.

O silêncio pesou entre nós dois, eu podia sentir meu coração bater duramente contra minhas costelas, sentia meu rosto arder, mas me forcei a não desviar meus olhos do homem a minha frente. Leon estava em silencio, seu olhar era indecifrável, não havia brilho algum em seus olhos azuis, invejei sua postura controlada. Eu não tinha a menor idéia do que estava fazendo.

Leon não me respondeu a principio aproximou-se de mim e com um único movimento eu estava contra seu corpo, suas mãos em minha cintura e meus pés mal alcançando o chão. O olhar dele sobre meu rosto parecia que era capaz de me devorar completamente, nossas bocas estavam tão próximas que por um momento pensei que fôssemos nos beijar meu coração parecia enlouquecido contra meu peito, então assim como começara Leon me soltou de qualquer forma, o frio rapidamente invadiu meu corpo assim como a vergonha deixando meu rosto ardido.

- Você vai se arrepender dessa decisão Elizabeth.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sem dizer mais nada Leon deu as costas para mim e saiu daquele minúsculo quarto de limpeza me deixando para trás, pateticamente ainda segurando um pedaço de pizza na mão. Eu demorei um longo tempo antes de ser capaz de encontrar o movimento das minhas pernas e sair daquele lugar.

Em nenhum momento eu duvidei da afirmação de Leon, eu sabia com uma certeza quase que sobrenatural que iria me arrepender de tudo aquilo, mas por agora o mal já estava feito.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Dez

- Isso não é uma boa idéia – repetiu Brenda pelo que parecia ser a milésima vez – Não vai dar certo, de jeito algum isso vai funcionar.

Fechei a porta do carro com mais força do que pretendia, Brenda estava me tirando fora do sério com aquele discurso interminável, ela não precisava ficar repetindo algo que eu já sabia. Droga eu sequer havia dormido a noite remoendo meus pensamentos e pensando em como eu estava completamente ferrada.

- Sua mãe vai interroga-lo, ela vai dissecá-lo, ela vai puxar a ficha dele na Interpol eu juro Liz, eu nem conheço esse cara, mas já estou com dó dele, e se ela descobrir que ele é m garoto de programa... Liz ela vai acabar com você!

- Brenda! – me virei com pressa e segurei os ombros da minha amiga que parecia estar mais assustada do que eu mesma – Respirei ok? Minha mãe não vai descobrir nada sobre o trabalho do Leon, é uma festa, nós vamos, nos fingimos que comemos e conversamos e eu vou voltar para cá.

PERIGOSAS ACHERON

Provavelmente minha fala não foi o suficiente para convencê-la, eu podia ver espelhado em seus olhos verdes os mesmos medos que rondavam meus pensamentos. Brenda estava coberta de razão, se minha mãe descobrisse alguma coisa sobre o homem que eu estava levando para sua festa de Ação de Graças, eu ia implorar por uma morte lenta e dolorosa antes que ela tivesse tempo de acabar comigo.

Respirei fundo e tentei espantar os pensamentos sombrios, minha mãe era uma mulher rígida, dura e fria, mas ainda era minha e mãe e eu era uma mulher adulta, não precisava ficar dando satisfações de cada passo que tomava, ela não ia descobrir nada a respeito de Leon. Eu estava torcendo com cada célula minha para que estivesse certa.

- Certo – respondeu Brenda balançando os cachos desorganizados na cabeça. Estávamos paradas em frente ao nosso apartamento Brenda ainda usava pijamas e pantufas de coelhos que chamavam a atenção de cada pessoa que passava na calçada, ela parecia não ligar de forma alguma para isso.

Um vento gelado soprava nas ruas e o céu tinha

uma cor estranha, um branco acinzentado. Pedia em silêncio que aquilo não fosse um sinal de neve, a última coisa que eu precisava era ficar presa na casa dos meus pais com Leon por todo um fim de semana. Isso sim seria como uma sentença de morte.

- Quando chegar eu vou te ligar – disse a Brenda que parecia estar tremendo ali fora com seu pijama fino – E pelo amor de Deus tente não se atrasar, sua mãe é capaz de vir aqui atrás de você!

- Liz, sério na sua situação você não precisa se preocupar comigo, eu não estou levando um garoto de programa para jantar com meus pais.

- Você quer falar isso mais alto?

-Ah certo. Desculpa.

- Por que não convidou o David?

- Porque eu gosto dele, e não quero que morra de tédio. Não é por nada Liz, mas sabe o quanto eu não gosto dessas festas elitistas que sua mãe adora promover, eu mesma adoraria ter escapado se meu pai não tivesse me chantageado dizendo que iria cortar minha mesada por um mês caso eu não fosse a essa festa estúpida.

Balancei a cabeça em silêncio, os pais de Brenda pareciam ser bastante liberais em relação a

filha, mas em determinadas ocasiões conseguiam ser tão controladores quanto minha mãe.

Olhei para o final da rua engolindo seco minha saliva, se não pegasse a estrada aquele momento provavelmente chegaria atrasada, mas no fundo não queria entrar naquele carro e dirigir até minha casa. Não quando minha cabeça e minhas ações eram uma bagunça completa.

- Não se atrase! – repeti mais uma vez pra Brenda contornando meu carro. Eu não queria admitir em voz alta, mas provavelmente não conseguiria enfrentar meus pais e Leon ao mesmo tempo, se não tivesse ao menos um rosto camarada por perto.

- Vai logo! – respondeu ela, que parecia estar tão nervosa quanto eu.

Definitivamente aquilo não ia dar certo!

Dei a partida e liguei o aquecedor, não sabia dizer se estava tremendo devido ao vento gelado ou meu estado de nervosismo. Dirigi lentamente sentido o coração pesar no peito e tentando esquecer as cenas da noite anterior.

Eu e Leon discutindo num armário de vassouras, os olhos gélidos dele sobre mim, eu gritando palavras tão fortes que nunca pensei que

seria capaz de dizer a ninguém, Leon beijando outra mulher...

Eu estava confusa, nunca me sentira daquela forma, minhas escolhas tinham me levado a uma direção que eu nunca poderia ter imaginado. Eu sabia que não devia ter ido atrás dele, o que eu estava realmente esperando? Um pedido formal de desculpas? E mesmo assim eu agira como uma louca e no final havia obrigado-o a me acompanhar a festa estúpida dos meus pais! Onde eu estava com a minha cabeça?

Parei num sinal vermelho e encostei a testa contra o volante, eu mal havia levantado e já me arrependia profundamente, a única coisa que queria naquele momento era voltar para minha cama até toda aquela confusão ter magicamente desaparecido. Era pedir demais?

Como uma resposta a minha pergunta o sinal ficou verde dizendo claramente que eu não tinha escolha alguma sobre aquele assunto. Tive de conter a vontade alucinante de virar o volante do carro e voltar para casa, mas sabia que minha mãe nunca me perdoaria se eu não comparecesse a sua reunião anual, para que ela pudesse me exibir como um troféu. Um diamante lapidado. Com toda

certeza meu castigo seria bem maior do que perder minha mesada.

Fazendo uma pequena curva percebi que não estava preparada para me reencontrar com Leon tão cedo, somente de pensar nele minhas mãos ficaram tremulas sobre o volante. Obriguei-me a respirar lentamente pela boca, a ultima coisa que precisava naquele momento era passar mal. Não estava preparada provavelmente nunca estaria e mesmo assim quando meus movimentos se tornaram mecânicos e estacionei em frente ao Joe's, ele já estava displicentemente ali me esperando.

Havia uma pequena maleta de couro aos seus pés, o cabelo dessa vez estava solto, ele usava um elegante casaco preto e segurava um copo de café. Abaixei o olhar para as minhas calças jeans surradas e meu moletom da época do colegial. Era tão injusto ele parecer tão bonito daquele jeito antes das oito horas da manhã. Senti como se meu estomago estivesse escorregando para dentro do meu corpo quando ele me reconheceu dentro do carro. A onda de vergonha me atingiu em cheio enquanto ele simplesmente abria a porta e colocava de qualquer forma sua elegante mala que agora eu podia ver que era de couro no banco de trás e

sentava ao meu lado.

Nada de ‘bom dia’, nenhuma piada irritante, apenas o desconfortável silêncio. Engoli seco tendo certeza de que aquilo iria ser muito mais complicado do sequer eu poderia ter imaginado.

Voltei a dirigir e cruzei a cidade rumo ao sul, minha mãe morava em Boston, ela adorava a cidade e desde que me conhecia por gente não poupava elogios sobre o lugar. Quando meus pais ainda eram casados, varias propostas foram feitas ao meu pai para ele em outras cidades, Miami, Los Angeles, Nova York. Minha mãe nunca considerou nenhuma delas, e meu pai sempre as dispensou. Acho que isso foi o máximo que o amor dele por ela, foi capaz de fazer.

Eu realmente tentei não me perder em pensamentos relacionados aos meus pais, eu não era uma daquelas filhas que faziam visitas constantes mesmo morando tão perto. Havia construído meu próprio lugar em Cambridge, estudando em Harvard, logicamente porque era o que minha mãe havia planejado pra mim desde sempre, afinal segundo ela, o que mais você poderia desejar além de estudar em uma das melhores universidades do mundo e morar em

Boston? Só de pensar nela repetindo essas palavras já me sentia mais deprimida.

Tentei não lançar muitos olhares de soslaio para Leon, afinal de contas eu estava dirigindo e ele roubava tanto minha atenção simplesmente por estar a tão próximo de mim que eu realmente precisava me preocupar com o fato de causar um acidente se não estivesse totalmente focada na estrada.

Meu coração parecia estar entalado na minha garganta batendo tão rápido que me incomodava, eu estava segurando o volante com tanta força que provavelmente iria arranca-lo dali quando tivesse que sair do carro. Queria que ele dissesse algo, mas também tinha receio do que poderia ser, mas detestava aquele silencio ao nosso redor. Eu podia ser alguém mais estúpida e confusa?

Soltei um suspiro involuntário e imediatamente me arrependi até aquele momento eu não havia reparado no perfume de Leon, provavelmente porque estava ocupada demais me lamentando pelas minhas escolhas, mas agora que estava completamente ciente da presença dele ao meu lado era incapaz de não notar. Até mesmo o perfume dele me atordoava, meu coração pulou dentro do

meu peito de forma alucinada. Definitivamente não estava certo eu sentir aquilo por ele. Embora eu realmente não tivesse idéia do que ‘aquilo’ significava.

Foi nesse momento em meio a pensamentos tão complexos que meu estomago resolveu que seria uma boa reclamar que estava com fome. Eu pude sentir o calor se espalhar gradativamente sob minhas bochechas.

Leon estava com os lábios no seu copo de café e me olhou como se tivesse dado conta da minha presença ao seu lado somente naquele momento.

- Não vou dividir meu café com você Elizabeth. Não importa quanto seu estomago ronque.

Ótimo! A ultima coisa que eu precisava para me sentir melhor era nossa conversa começasse sobre uma gafe como aquela. Eu estava me saindo muito bem.

- Não estou com fome – respondi empinando o nariz. Eu não ia deixar que ele me intimidasse, não depois de ontem.

- Seu estomago, discorda dessa informação. Uau esse café está realmente delicioso.

Maldito, ele não perdia uma oportunidade que fosse de me perturbar! Mas, eu não ia mais cair

nesse truque, eu era uma mulher vacinada contra o vírus Leon!

- Tenho certeza que sim, mas eu não gosto de café.

- Você é uma péssima mentirosa Elizabeth.

- Eu não estou mentindo! – respondi um pouco mais alto do que pretendia, embora estivesse mentindo descaradamente, eu adorava café desde criança.

- Não sei porque você insiste não quando fica tão vermelha desse jeito – respondeu Leon apontando para as minhas bochechas e bebendo mais um pouco do seu café.

Olhei de soslaio para o espelho retrovisor apenas para constatar o que já imaginara meu rosto vermelho como um tomate maduro. Não conseguia imaginar nada mais embaraçoso.

- Ótimo você venceu ok? Eu adoro café desde sempre e esqueci completamente que precisava comer alguma coisa antes de viajar, mas não dormi direito e não estava com fome quando acordei então... Bem você me entendeu.

- Isso ainda não vai me fazer dividir meu café com você.

Desviei os olhos da estrada irritada, ele parecia

estar realmente se divertindo com aqueles olhos estupidamente bonitos e sorrindo com a barba por fazer, era uma imagem que deixava meu cérebro completamente desnordeado.

- Tudo bem! Pode continuar me perturbando, eu não vou pedir desculpas por ontem a noite se é isso que você quer que eu faça, então vá em frente, nem mesmo você vai conseguir me fazer sentir pior depois de ser obrigada a ir nessa festa estúpida.

- Bem não é como se eu tivesse tido muito escolha, mas ao menos estou ganhando para isso.

A voz dele não estava fria como ontem a noite, mas eu notei que havia algo mais. Leon estava tão infeliz quanto eu sendo obrigado a ir a um lugar que não queria. Eu só podia desejar que aquilo acabasse o mais rápido possível.

Tentei me concentrar novamente na estrada enquanto o silêncio novamente se infiltrava entre nós dois, pelo visto nós não íamos discutir a noite anterior. Se ele preferia assim melhor para mim então. Não era como se aquela estivesse entre minhas noites prediletas para recordar.

A paisagem havia se modificado assim que eu dirigia seguindo sempre ao sul. A cidade havia ficado para trás e não havia muito o que observar

enquanto estávamos na auto estrada. Não ia demorar muito agora até estar de volta. O nervosismo parecia uma cobra enroscada no meu estomago.

Enquanto estava imersa em pensamento Leon abaixou a janela ao seu lado e uma brisa gélida invadiu o carro deixando meu rosto rígido ele pareceu se divertir enquanto o vento balançava seu cabelo, eu realmente tive de desviar a atenção antes de causar um acidente. Em seguida ele voltou a fechar a janela e me surpreendeu me perguntando.

- Alguma dica, sobre o que eu devo fazer essa noite? Já que bem, praticamente estou sendo seqüestrado.

- Você não está sendo sequestrado lembra está recebendo para isso lembra? Acredite em mim quanto menos você souber será melhor. Menos danos colaterais.

- Eu vou ser seu namorado? Essa é a historia que você contou para o seus pais? Por que se for eu acho que você ao menos devia me dizer o nome deles, sabe como é para não ficar tão estranho.

- O que? – eu perguntei alterando meu tom de voz. Como ele era capaz de dizer aquelas coisas, como se fossem a coisa mais simples do mundo? –

Não, você não vai ser meu namorado. Olha meus pais nem sabem que estou levando alguém comigo tudo bem? Eu só droga Leon, eu não queria que nada disso tivesse acontecido, você só precisava ter aceitado o dinheiro.

- Não vou discutir isso novamente com você Elizabeth – a voz dele voltara a ser dura – Você quer que eu te acompanhe a essa festa e receba por isso. Sem problemas, estaremos livres depois disso.

Eu não lancei um olhar em direção a Leon, eu só podia imaginar o quanto ele devia estar ansioso para se livrar de uma cliente como eu. Tentei pensar em outras coisas e mudar a direção da nossa conversa.

- Eu não espero ficar muito tempo nessa festa – comecei tentando ser o mais pratica possível – Vou apresenta-lo como um colega, conversamos um pouco deixo minha mãe dar uma boa olhada em mim e vamos embora. Ela não vai causar problema quando eu disser que preciso terminar meu relatório.

- Então vamos mentir para o seus pais, dizendo que sou um dos seus colegas da faculdade. Posso escolher qualquer curso?

Mordi meus lábios, eu também não ficava nem

PERIGOSAS NACIONAIS

um pouco contente tendo de mentir pro meus pais, mas não era como se pudesse chegar ali dizendo a verdade. Eu realmente não sei o que Leon queria que eu dissesse a eles.

- Não se preocupe com meus pais, principalmente com minha mãe, ela estará muito ocupada me aterrorizando com seu interrogatório anual.

- Você poderia ter convidado outra pessoa Elizabeth, realmente não precisava se importar tanto assim por causa do dinheiro.

- Eu não tinha mais ninguém que pudesse convidar.

Assim que respondi me arrependi automaticamente. Senti os olhos azuis de Leon focarem em meu rosto e fui incapaz de devolver o olhar. A verdade contida naquela frase me assustava tanto quanto envergonhava. Não havia outra pessoa que eu pudesse convidar, nem que eu desejasse estar comigo aquele momento além de Leon. Tudo era tão complicado.

- Não se preocupe – respondi sem confiança alguma no que estava dizendo – Nós dois queremos que tudo isso acabe o quanto antes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Onze

Para o restante da viagem não houve mais muito diálogo entre nós. Eu ignorei de propósito as duas vezes em que meu celular vibrou no bolso da minha calça, não precisa ser nenhum tipo de vidente para saber que era minha mãe. De forma alguma eu iria conversar com ela naquele momento.

Quando entramos em Boston meu estomago parecia uma cratera vazia, eu não sabia dizer se era de fome ou nervoso, ou uma mistura nada agradável de ambos. Ao meu lado Leon mostrou-se bastante interessado pela cidade. Tive vontade de perguntar se ele já havia estado ali, e quais outras cidades já visitara, mas desisti. As coisas já eram complicadas o suficiente entre nós dois, para que eu ficasse sabendo ainda mais sobre ele.

Atravessei uma boa parte da cidade evitando ao máximo o centro histórico, naquele momento ele devia estar bastante movimentado. A maioria das ruas longe do centro estavam desertas, dirigi em silêncio refazendo o caminho que tão bem eu conhecia

quando entrei na rua particular que levava em direção a minha casa, pensei que devia estar bem próxima de ter um ataque de pânico.

Eu me lembrava daquelas árvores que ladeavam a estrada formando um arco denso e escuro, assim como o portão de ferro que ficava ao final dele e se abriu em silêncio assim que nos aproximamos, localizada em cima de uma colina ficava a casa que estava a gerações na família de minha mãe. Imponente eu austera igualzinha a dona. Olhando para ela senti saudades do meu pequeno e bagunçado quarto no apartamento que dividia com Brenda.

- Essa é sua casa? – perguntou Leon ao meu lado, pela primeira vez parecendo realmente espantado.

- É da minha mãe – respondi envergonhada. Definitivamente eu não gostava daquela ostentação que minha mãe parecia adorar.

- Pobre menina rica – comentou Leon para me perturbar.

Eu tentei pensar em algo bastante sarcástico para devolver como resposta, mas minha mente estava ocupada demais processando todo aquele nervosismo que parecia estar me correndo por

dentro! Eu provavelmente devia estar dirigindo a dois km por hora pela propriedade que na verdade era minha própria casa, mas eu não estava nem um pouco animada com a possibilidade de encontrar com minha mãe. Em algum lugar daquela casa eu sabia que ela estava andando e lançando ordens tão naturalmente quanto respirava. Eu ainda não estava preparada para encontrá-lo. Provavelmente nunca estivesse.

Estacionei o carro bem longe da confusão de pessoas e veículos que havia perto da porta principal. A ultima coisa que eu queria naquele momento era passar pelas portas da frente da casa enfrentando o crivo das amigas da minha mãe que faziam parte da Sociedade de Leitura, uma organização para mulheres ricas e sem mais nada para fazerem com seu tempo que usavam a desculpa de se reunirem para discutirem um livro, mas na verdade ficavam dissecando a vida pessoal de cada família influente na cidade. Minha mãe claramente era a presidente da organização.

Saltei do carro como se tivesse molas em minhas pernas, ao contrario de mim Leon desceu lentamente aproveitando a vista. Eu detestei o fato dele parecer estar mais tranqüilo do que eu mesma

estava em minha própria casa.

- Ok – eu disse sem fôlego colocando minha mochila desbotada em minhas costas. Eu não era como Leon e tinha uma maleta própria pra pequenas viagens – O plano é o seguinte vamos entrar pelas portas do fundo, você não fala com ninguém, você não responde para ninguém, você finge que não está vendo ninguém, se alguém vier falar com você, então você simplesmente fala que é o paisagista e sai andando.

Não esperei uma resposta sai contornando a imensa mansão, me embrenhando entre as plantas e arvores milimetricamente plantadas no jardim. Nos meus calcanhares eu pude ouvir a voz de Leon:

- Você pode me explicar, por que estamos nos comportando como penetras na sua própria casa?

- Escuta aqui – eu disse parando de repente e Leon praticamente tropeçou em mim – Droga você é muito alto, com certeza alguém vai te ver.

- O que você quer que eu faça? Rasteje na grama como um combatente de guerra passando sob arame farpado, talvez isso te deixasse feliz.

- Olha não é uma má idéia, você vai estar implorando por um tiro na cabeça assim que minha mãe te prensar contra a parede essa noite.

PERIGOSAS NACIONAIS

- O que? – respondeu Leon sendo irônico – Eu duvido que ela seja pior do que você Elizabeth, mas parece que na sua família, insanidade é genético.

- Por que você está me ofendendo? Estou tentando te ajudar a entrar ali que é uma arena de leões!

- Elizabeth eu não conheço sua mãe ou ninguém da sua família, por favor, eles não podem ser tão terríveis assim.

- Você não faz a menor idéia – respondi exasperada. Deus do céu não fazia cinco minutos que eu havia chegado e já estava com vontade de ir embora.

- Bem ao menos eu estou ganhando para isso.

- Você pode, por favor, esquecer esse assunto por um segundo e parar de dizer isso em voz alta?

- O que você quer...

- Shhhh – interrompi Leon agarrando sua mão com força. – Ta ouvindo isso?

Leon olhou para mim como se eu fosse uma alucinada que estava longe dos seus remédios, mas então uma risada nasalada cortou o ar fazendo com que calafrios percorressem minha espinha.

- É a mãe de Brenda – respondi sussurrando – Ela não pode encontrar com a gente aqui ou então

PERIGOSAS ACHERON

minha mãe vai saber que chegamos em menos de um piscar de olhos. Juro por deus que elas se comunicam por telepatia.

- Elizabeth você está esmagando minha mão!

- Shhhh eu já mandei ficar quieto!

Eu sei que provavelmente deveria estar parecendo realmente uma louca correndo pelo jardim com um homem de um metro e noventa me seguindo, mas eu realmente não estava numa posição naquele momento que pudesse ligar para isso.

Contornei toda a casa amaldiçoando o sistema de irrigação que fez questão de nos deixar levemente molhados numa manhã fria de outubro.

- Droga Elizabeth – resmungou Leon correndo atrás de mim – Sabe quanto me custou esse casaco? É Armani!

Eu gostaria de responder que compraria quantos casacos ele quisesse assim que estivéssemos a salvo, mas estava naquele momento completamente sem fôlego. Assim que nos aproximávamos dos fundos da casa, o barulho da algazarra parecia diminuir, eu vi um carregador sair da cozinha levando embora num pequeno carrinho de mão caixas vazias, olhei para os lados para ter certeza de

que ninguém estava nos vendo e corri para a porta que eu sabia que sempre ficava aberta.

O calor e o cheiro de biscoitos assados me acertaram em cheio trazendo lágrimas aos meus olhos, o lugar estava completamente atulhado de compras em cima das mesas e do balcão ao lado da pia. Eu podia ouvir a voz dos convidados ao longe, mas sabia que ninguém iria se aventurar ali. Não no território de Amelie.

E foi nesse exato momento quando eu estava sentindo que talvez tudo não estivesse drasticamente perdido que ela surgiu vindo do corredor gritando com sua voz rouca e inesquecível.

- Vocês são surdos? A entrega das flores é na porta da frente da frente! Eu não quero nem um pouquinho de terra na minha cozinha enquanto estou assando meu peru, vocês entenderam...? Senhorita Liza?

- Shhhhh – eu disse correndo e tapando delicadamente os lábios daquela mulher que me conhecia desde a época que eu usava fraldas – Mamãe não sabe que cheguei, por favor, não conte a ela!

Amelie me lançou um olhar assustado que foi

rapidamente substituído por um irritado. Ela continuava do mesmo jeito de sempre uma pequena negra rechonchuda usando um coque grisalho muito bem atado na nuca.

- Tire essas mãozinhas ossudas da minha boca – começou Amelie a plenos pulmões – O que aconteceu com a sua educação? É assim que você se comporta naquela escola, enquanto esquece completamente dessa mulher aqui que segurou sua mão quando você achou que era capaz de comer meia melancia sozinha e quase morreu de dor de barriga?

- Ohh Amelie! – minha voz estava pastosa e praticamente irreconhecível, mas pela primeira vez que chegara ali eu estava realmente aliviada – Me desculpe, mas estou tão nervosa, minha mãe e essa festa simplesmente me tiram fora do sério. Amelie ela não pode saber que eu estou aqui, não antes das três da tarde.

- Ta certo, ta certo, mas solte meu braço Liz, ou não conseguir usar ele para fazer a salada que você tanto gosta. Eu sei como madame Sandler é, ela deixaria até nosso senhor Jesus Cristo louco num dia como hoje. Não se preocupe que de mim ela não vai saber uma palavra.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Obrigada Amelie. Eu...

- Agora mocinha vamos corrigir seus modos e me diga quem é esse belo espécime que você trouxe a tiracolo hein?

Olhei espantada em direção a Leon que parecia estar se divertindo muito com a cena em frente a ele. Ao lado dele Amelie era tão baixa que alcançava apenas metade do seu peito. Eu sabia que precisava pensar em algo, mas minha mente era como uma gigantesca tela em branco.

- Ele? – perguntei sentindo minha boca muito seca de repente – Ele não.... Sabe Amelie ele é.

- Sou um colega de estudos da Elizabeth – respondeu Leon tão educado e encantador como eu sabia que ele era incapaz de ser verdadeiramente. Estendeu a mão e delicadamente cumprimentou Amelie como um perfeito cavalheiro do século vinte. O sem vergonha. – Encantado em conhecer a senhora. Meu chamo Leon.

- Ora vejam só, eu não sabia que rapazes da sua idade ainda sabiam cumprimentar uma senhora como eu. Fico feliz que Liz esteja convivendo com pessoas assim naquela escola onde prefere a própria casa. Perdoe a minha menina, sabe ela tem muitos números na cabeça isso não faz bem para ninguém.

PERIGOSAS ACHERON

- Amelie!

- Ora fique quieta – respondeu minha primeira e única babá enquanto começava a desempacotar os vários pacotes sobre a bancada – Você só estuda e não faz mais nada da vida, isso não vai acabar bem para você sabe muito bem disso! E agora tem tanta coisa na cabeça que até esqueceu de como ser educada.

- Acredito que Elizabeth apenas esteja nervosa – comentou Leon aproximando-se de Amelie, que eu podia jurar que estava sorrindo de maneira como se tivesse encantada – A senhora precisa de ajuda com esses pacotes?

- Oh meu querido você é mesmo um amor não? Mas não se preocupe com a velha Amelie, eu já tenho anos de pratica com as festas dos Sandler e sei muito bem organizar essa cozinha, mas vocês devem estar com fome não? Aposto que Liz não lhe deu nada para comer. É um milagre não ter morrido de fome enquanto mora sozinha.

Eu pude ver enquanto Leon me lançava um olhar de esguelha que ele estava adorando aquela situação. Eu pensei o que ele iria fazer se eu pisasse em seu pé com toda força.

- Deixe que eu preparo um lanche, enquanto a

casa está nessa loucura e depois ajudo a preparar o seu quarto rapaz. Minha menina aqui não avisou que iria trazer ninguém com ela, mas não se preocupe essa casa tem quartos demais para o seu próprio bem.

Enquanto falava Amelie abria e fechava gavetas tirando dos armários pães tomates, cremes e o que havia sobrado de um frango assado. Rapidamente ela desfiou o frango e temperou ele, depois cortou os tomates e montou um lanche exatamente como ela fazia quando eu chegava do colegial.

- Agora vamos – comandou ela retirando a mochila que ainda estavam nas minhas costas – comam enquanto podem, vocês dois devem estarem cansados, mas podem dormir um pouco ou ao menos tentar se aquela amiga da sua mãe a senhora Cooper permitir. Só deu sabe porque a mulher ri daquela forma.

Mastiguei o primeiro pedaço do meu lanche saboreando cada pedaço daquele gosto que lembrava tanto minha infância e adolescência. Eu não conseguia me lembrar de um momento onde Amelie não estivera comigo. Não era nenhum segredo que ela me conhecia melhor do que meus próprios pais. Em determinados momento eu

chegava a pensar, que ela realmente se importava mais comigo do que eles.

- Isso está delicioso senhora – comentou Leon como um perfeito bajulador. Ele não ia perder uma oportunidade de encantar qualquer mulher que passasse em sua frente.

- Ora menino muito obrigada, enquanto estiver aqui e ficar com fome pode pedir o que quiser. Essa velha aqui gosta de ver todo mundo com a barriga cheia.

Leon sorriu e percebi que ele já havia devorado mais da metade do seu lanche, ou ele estava realmente com fome, ou sendo sincero dizendo que havia realmente gostado.

- Mas me diga Liz – começou Amelie enquanto separava os ingredientes para uma massa sobre o balcão – Por que eu nunca soube desse seu amigo? Ou você só está dizendo que ele é seu amigo, porque é assim agora que as moças chamam os rapazes que elas levam para a cama?

Eu tinha certeza de que poderia ter engasgado se tivesse mastigando ainda meu lanche, mas, estava com tanta fome que já havia devorado-o completamente. Sorte a minha. Ao meu lado Leon começou a rir alto como se Amelie tivesse contado

uma piada superengraçada.

- Amelie! Eu não... Meu deus.

- Ora não faça essa cara de assustada garota, nós já passamos a muito tempo da fase onde você descobre de onde vem os bebes. Acha que eu não sei o que as garotas da sua idade ficam fazendo quando vão para... Como chama realmente essa sua nova escola? Oras tanto faz, talvez esse moço ao seu lado seja o motivo de você não voltar um final de semana que seja para vir visitar sua mãe.

- Eu não vou discutir minha vida sexual com você Amelie – respondi me levantando sentindo meu rosto arder – Você me conhece o suficiente para saber que eu nem tenho vida sexual, então, por favor, pare de tornar esse dia pior do eu está sendo.

Amelie me lançou um olhar carrancudo dando de ombros e quebrando dois ovos sobre o balcão já untando com farinha de trigo.

- E você – eu disse pra Leon – pega suas coisas que eu vou te mostrar seu quarto.

- Mas eu ainda não terminei de comer!

- Então termina logo, eu realmente to precisando descansar um pouco ou vou acabar enlouquecendo.

Leon sorriu em minha direção e mastigou tão

lentamente quando pode o ultimo pedaço do seu sanduíche. Nos parecíamos duas crianças brincando de cabo de guerra. Ridículo.

- Deixe o rapaz no segundo andar, ele vai ter uma visão boa do jardim.

- Mas o segundo andar é onde fica o meu quarto! – ressaltei me sentindo indignada, a ultima coisa que eu precisava era saber que Leon estava num dos quarto no mesmo corredor que o meu, com tantos quartos vazios naquela casa. Seria o suficiente para me deixar acordada a noite inteira.

- Por que está gritando Lizza? Pensei que tivesse deixado bem claro que o pobre rapaz aqui não representa perigo algum para você. O que eu não consigo entender, se tivesse sua idade e conhecido alguém como ele...

- Ok – interrompi Amelie levantando da minha cadeira – Essa conversa está ficando muito estranha, eu vou levar Leon lá para cima antes que minha mãe acabe descobrindo que eu cheguei e me obrigue a ficar fazendo sala para suas amigas.

Leon levantou-se sorrindo descaradamente, eu só podia imaginar o quanto ele estava se divertindo e rindo da minha cara por dentro.

- Muito obrigada pelo lanche Amelie estava

delicioso.

- Por nada meu amor, peça qualquer coisa que precisar enquanto estiver debaixo desse teto e ignore Lizza se ela estiver te perturbando, a pobrezinha não sabe muito bem lidar com as pessoas. Acredite não foi desse jeito que eu a criei.

Leon sorriu ainda mais, eu conhecia muito bem aquele sorriso traiçoeiro, ele estava deixando bem claro para mim que já havia conseguido mais uma para o time “Leon”. Ótimo, definitivamente perfeito. Eu não conseguia desejar nada mais além de que aquele dia terminasse de uma vez. Prometi a mim mesma que nunca mais iria fazer absolutamente nada por impulso. Como sair chantageando por aí garotos de programa.

- Rapaz – perguntou Amelie enquanto uma de suas delicadas mãos ainda eram seguradas por Leon – esse seu sotaque é francês não? Quase não dá para perceber, mas minha tia-avó tinha uma amiga francesa e eu reconheceria esse jeito de falar em qualquer lugar. Você tem parentes em Nova Orleans? A maioria dos franceses que eu conheço ficam por aquelas bandas.

Enquanto observava Leon percebi que alguma coisa estava errada, lentamente ele tirou sua mão de

Amelie e afastou-se lentamente. Francês? Leon poderia ser francês? Eu não tinha certeza, tinha estudado a língua a muito tempo atrás e já havia esquecido quase que completamente, mas Amelie podia estar certa. O sorriso havia morrido no rosto de Leon e ele se tornara muito cauteloso.

- Infelizmente não tenho nenhuma família em Nova Orleans – respondeu Leon sendo muito educado – Mas com certeza sempre tive curiosidade de conhecer a cidade.

- Você iria adorar, toda minha família é de lá, vou visitar minha irmã todos os anos. Bom Deus você deixaria minhas sobrinhas doidinhas, sim senhor. Mas, agora chega de ficar ouvindo essa velha tagarelar, ou esse maldito peru vai sair atrasado e Madame Sandler vai me fazer escutar um sermão sem fim. Lizza o que está fazendo aí parada que ainda não levou o rapaz para descansar?

Revirei os olhos nas órbitas, claro agora somente Leon estava cansado, afinal ele era o modelo francês irresistível!

Irritada dei as costas a Amelie e cruzei a cozinha indo em direção a sala de jantar e depois a entrada da mansão. Leon não perdeu um segundo para me perturbar.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Se sua mãe tiver metade do charme de Amelie, então com certeza eu vou me divertir muito nessa festa Elizabeth.

- Não existem duas pessoas tão diferentes no mundo como Amelie e minha mãe. Acredite em mim.

- Mesmo assim Elizabeth agora estou curioso para conhecê-la. Depois de Amelie, acho que ainda posso me surpreender.

- Você vai ficar surpreso disso tenha certeza.

Sem dizer mais nada enquanto Leon me seguia cruzamos o salão que estava sendo decorado com todo esmero pelos funcionários que minha mãe contratara, ninguém pareceu ligar muito para nós dois. Eu estava um pouco nervosa pensando que poderia encontrar com minha mãe a qualquer momento em um dos corredores, mas pelo horário era mais provável que ela estivesse almoçando com seu comitê, enquanto passava as ultimas coordenadas sobre a festa e atualizava suas amigas sobre as fofocas de quem iria comparecer ou não. Quanto ao meu pai, eu não precisava temer de encontra-lo antes da festa propriamente dita. Ele não era louco de aparecer em casa carregando sua esposa vinte anos mais nova enquanto minha mãe

PERIGOSAS ACHERON

ainda estava dando os últimos retoques na festa.

Em silencio subimos as escadas de madeira que levavam ao segundo andar, havia varias pessoas que eu nunca tinha visto em minha vida transitando pelo lugar. Definitivamente aquele na minha opinião não era a melhor forma de se passar o feriado de Ação de Graça. Com um bando de estranhos e funcionários ao redor.

O corredor onde meu quarto ficava estava do mesmo jeito que eu me lembrava, o mesmo tapete italiano cobrindo o corredor assim como os delicados quadros de flores que tentavam deixar o lugar menos sombrio.

Havia cinco quartos naquele andar, o meu era o ultimo perto das janelas que davam para os fundos da casa, fiz questão de deixar Leon no primeiro quarto o mais longe do meu possível.

- Você fica aqui – eu disse incapaz de esconder meu mal humor – Deve ter toalhas e roupa de cama dentro dos armários, acho que você consegue se ajeitar. A festa é as sete em ponto. Até lá eu não existo para ninguém.

- Onde fica seu quarto? – perguntou Leon parecendo bastante interessado.

- Por que você quer saber?

- Você viu o tamanho dessa casa? Eu provavelmente ficaria dias perdido caso virasse num corredor errado, pelo menos preciso de um ponto de referencia.

- Você pode enganar Amelie com esse charme barato, mas vai precisar de um pouco mais do que isso para me convencer. Descanse Leon, acredite em mim a parte difícil ainda nem começou.

Virei as costas sem esperar ele me responder mas pude ver um breve vislumbre do seu sorriso o canalha, estava se divertindo as minhas custas! Deus do céu ainda não eram duas horas da tarde e eu já me sentia completamente exausta. Se Brenda pelo menos estivesse ali podíamos juntar tentarmos nos esconder no meu quarto enquanto falávamos mal de nossas mães. Mas de certa forma eu não podia culpa-la por tentar atrasar o maximo possível para vir aquela festa estúpida.

Irritada e com os ombros doendo abri a porta do meu quarto e me joguei em minha cama enterrando meu rosto no edredom que era meu fiel companheiro desde os pesadelos no segundo ano. Eu poderia ficar ali um bom tempo ainda usando tênis e calça jeans e tentar dormir, se não me sentisse tão frustrada com tudo que estava

acontecendo.

De qualquer forma tirei a mochila de minhas costas e com os pés arranquei os tênis de qualquer jeito e me virei para cima encarando profundamente o teto do meu quarto. Por que aquele não podia ser um feriado como qualquer outro? Por que eu simplesmente não podia chegar em casa e aproveitar como uma pessoa normal, ao invés de ter de me preparar para uma festa onde não conhecia mais da metade das pessoas. Por que minha mãe insistia em fazer isso todos os anos?

Eram tantos porquês inúteis que só de tentar encontrar respostas para eles eu já me sentia ainda mais cansada. Me levantei sabendo que embora estivesse cansada e com sono, não conseguiria dormir ou descansar cinco minutos que fossem. Meus nervos estavam em frangalhos, e sabia que nem havia enfrentado meu maior desafio que era o encontro com minha mãe.

Passei as mãos nos cabelos desfazendo o coque que fizera hoje mais cedo enquanto observava meu quarto. Havia passado grande parte da minha adolescência naquele lugar com o rosto virado em direção a um livro estudando o tempo todo. De certa forma era um pouco acolhedor olhar para ele

agora anos depois e perceber que nada havia mudado. Ali ainda continuava sendo meu santuário dentro da minha própria casa.

Caminhei até meu guarda-roupa e não fiquei nem um pouco surpresa em encontrar um vestido longo cuidadosamente embrulhado numa capa pendurado entre minhas coisas. Minha mãe com certeza não havia perdido tempo, eu provavelmente encontraria em algum lugar ali algum sapato que ornasse perfeitamente com o vestido escolhido por ela e ele seria exatamente meu numero.

Abri a capa do vestido para ver o que minha mãe havia me reservado dessa vez. Serio mãe pêssego? Eu ia usar um vestido pêssego? Claro porque não ia ornar maravilhosamente com minhas sardas. Obrigada mãe!

Fechei o armário exasperada e atravessei todo o quarto me sentando na bancada que havia sob a janela. Eu não sabia lidar com aquela situação. Minha vida havia se transformado numa sucessão de eventos sem lógica e parecia que a cada momento tudo ficava pior.

Eu não devia estar naquela festa. Devia estar em casa, na minha casa mesmo na segurança do meu quarto longe das loucuras da minha mãe e

principalmente longe de Leon, claro isso se estivesse falando de um mundo perfeito, mas ao contrário eu estava presa em casa, prestes a ter de usar um vestido ridículo com um homem que me mexia com meus sentimentos mais do que eu queria admitir.

Claro que isso nem de longe era o fim da história, na verdade eu estava esquecendo o importante fato de que ele só estava ali porque eu havia chantageando-o, e ainda se tudo isso não estivesse bom o bastante ele era um garoto de programa.

Pensar dessa forma em tudo isso só me deixou ainda mais frustrada. Eu tinha um plano perfeito, como havia conseguido estragar tudo daquela forma? Por que Leon ainda estava em minha vida?

Eu já havia perdido minha virgindade ótimo era hora de seguir e frente, mas minhas ações diziam exatamente o contrário. Toda vez que pensava em Leon minha mente era bombardeada por imagens da noite em que havíamos ficado juntos. Dos lábios dedos sobre os meus, seus dedos tocando minha pele. A mera lembrança já era o suficiente para fazer meu coração aumentar os batimentos. Deus do céu eu era um caso perdido!

Irritada comigo mesmo tirei meu velho moletom, eu precisava me manter em movimento ou acabaria enlouquecendo definitivamente. Sim um banho era uma ótima idéia!

- Você sabia que tem uma banheira jacuzi no meu banheiro? Todos os quartos de hospedes aqui da sua casa são chiques assim?

Parei de chofre no meio do meu quarto usando apenas sutiã e jeans e meu cérebro parecia se recusar a processar o que estava acontecendo. Parado em frente a minha porta usando apenas jeans e uma regata preta estava Leon como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo.

- O que você está fazendo aqui? – eu perguntei entre dentes sentido toda raiva acumulada durante aquele dia fervilhar em minhas veias.

- Bem – respondeu andando pelo meu quarto e mexendo em minhas coisas tranquilamente – Um, eu estou entediado. Dois, acho justo poder perturbá-la depois da pequena conversa pouco civilizada que tivemos ontem, e você me obrigou a participar. E três, eu estava muito curioso para ver seu quarto.

- Fora! – eu realmente tentei não gritar, mas aquele não era um bom momento pra controle de

ânimos.

- Algodão – disse Leon se virando em minha direção e com um aceno de cabeça indicando meu sutiã. – Eu nunca pensei que isso pudesse me deixar excitado.

Senti o rosto arder e as palavras fugiram da minha língua lancei as mãos para o alto praguejando mentalmente enquanto buscava meu maldito moletom que eu não tinha a menor idéia de onde tinha colocado. Claro que aquele não era o meu dia de sorte então Leon acabou sendo mais rápido.

- Devolve - pedi entre dentes sentindo meu rosto tão quente sabendo que eu devia estar praticamente roxa aquela altura.

- Hum quentinho ainda – claro que o canalha levou a maldita blusa até o nariz e aspirou fazendo com que minhas pernas ficassem bambas.

- Leon você tem idéia do que a minha mãe vai fazer se ela entrar aqui e encontrar eu vestindo sutiã e um homem que ela nunca viu na vida no meu quarto?

- Mas, eu ainda estou de roupa que mal poderíamos estar fazendo. Para ela ficar realmente intrigada ela precisaria me encontrar seminu como

você. Assim.

O canalha sem vergonha achou que aquele era um bom momento para tirar a regata e agora estávamos ambos sem a parte de cima de nossas vestimentas. Eu que provavelmente aquele momento devia estar sofrendo um derrame cerebral achei que seria uma boa idéia cobrir meus olhos como uma puritana do século dezoito. A verdade por trás de toda aquela atitude é que eu não podia confiar em mim mesma com Leon no mesmo quarto com partes de roupa faltando.

- Leon, por favor, coloque isso de volta – pedi de olhos fechados batendo o pé com uma criança mimada.

- Não – ele respondeu, podia ouvir o sorriso em sua voz - Eu prefiro que você fique exatamente assim como está, nos dois ficamos muito melhor assim.

- Ok tudo bem então – eu disse abrindo meus olhos de uma vez, pensando que aquele era um bom momento para tentar psicologia reversa – Faça o que você achar melhor. Eu não ligo.

- Seu quarto é exatamente como você Elizabeth – ele respondeu mudando completamente de assunto como se aquilo fosse algo normal - Não

estou nem um pouco surpreso. E eu aposto que você nunca trouxe um homem aqui.

Não era possível que eu ficasse ainda mais envergonhada do que estava, então simplesmente cruzei os braços e tentei desviar meu olhar do corpo de Leon. Eu não ia cair naquele joguinho sexual ridículo.

- Não, eu nunca trouxe nenhum homem aqui no meu quarto. Satisfeito? Será que você pode ir embora agora?

- Hum acho que não. Sua janela é bem próxima do chão – comentou ele sentando-se na minha bancada – Se eu tivesse te conhecido na sua adolescência poderia escala-la durante a noite e a gente poderia descobrir qual a sensação de fazer sexo nessas bancadas antiquadas.

- Se você tivesse me conhecido na minha adolescência, provavelmente iria escrever ‘perdedora’ em minhas costas e transar debaixo das arquibancadas como qualquer adolescente comum.

- Você me conhece Elizabeth, meu gosto é um pouco mais requintado do que saia de pregas e pompons.

- Não, eu não te conheço e agora quero que você saia do meu quarto!

Me virei pensando que não tinha alternativas minha única chance de escapar daquela situação ridícula era me trancar dentro do banheiro, mas claro que Leon previu isso.

Com apenas duas passadas ele puxou minha cintura junto ao seu corpo e caímos com os membros embolados em cima de minha cama.

Tentei empurra-lo e chutar suas pernas, mas ele era infinitamente mais forte do que eu, em menos de um minuto meus braços estavam firmemente presos sob minha cabeça e Leon sorria para mim, nossos rostos tão próximos que eu poderia sentir o hálito dele contra minhas bochechas me deixando excitada.

- Me solta! – murmurei entre dentes mexendo meu corpo precariamente.

- Pare de se mexer dessa forma Elizabeth estou ficando excitado.

Fiquei estática como uma estatua e pela primeira vez pude notar como nossos corpos estavam próximos, o calor do corpo de Leon se infiltrava despertando sensações que eu julgara que nunca mais seria capaz de sentir.

- Você acredita em tudo que digo Elizabeth? – sussurrou Leon perto do meu ouvido, eu

simplesmente odiava o fato de que ele conseguisse me segurar apenas com uma das mãos enquanto a outra ficava livre para traçar pequenos círculos nos meus braços – Estou excitado desde o momento em que entrei nesse quarto e te encontrei usando apenas esse sutiã.

- Você está mentindo!

- Isso é uma coisa que você nunca vai descobrir – bom Deus, por que ele tinha de ter esse sorriso torto tão ridiculamente perfeito?

- O que você acha que sua mãe faria se encontrasse-nos assim. Acho que dessa forma provavelmente ela poderia imaginar uma ou duas coisas.

Fechei os olhos sentindo que meu coração ia pular para fora do meu peito a qualquer segundo. Eu não era capaz de lidar com Leon, eu nunca seria. Não importava se conseguia ou não admitir em voz alta. Estava irremediavelmente atraída por aquele homem. Eu não tinha mais salvação.

- Leon... – murmurei incapaz de reconhecer a rouquidão em minha voz.

- Me diga o que você deseja – pediu ele tão docemente, seus olhos azuis hipnóticos nos meus tirando o pouco ar que ainda havia em meus

PERIGOSAS NACIONAIS

pulmões – Eu faria qualquer coisa Elizabeth.

- Eu não.. Eu.

Leon deslizou lentamente a ponta do seu indicador pelos meus lábios. Podia sentir o tremor percorrer meu corpo a excitação deixando cada poro da minha pele sensível. A vontade de romper a pequena distancia que nos separava era excrucitante.

- Você realmente quer que eu te largue Elizabeth? Realmente quer nossos corpos longe um do outro?

Balancei a cabeça em negativa, eu havia há muito tempo perdido minha capacidade de raciocinar. Os olhos dele eram tão azuis e brilhavam de uma forma bela. Eu percebi que ele sorriu de canto quando nossos lábios estavam tão próximos que apenas um fio de cabelo podia ficar entre eles.

- Mas eu quero – murmurou ele no ultimo segundo.

Antes que eu pudesse entender o que estava acontecendo Leon saiu de cima de mim e em seguida eu estava com o meu moletom sendo jogado na minha cara.

- Mas que merda...?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Esse é o seu castigo senhorita Sandler – respondeu Leon completamente controlado vestindo sua regata. Como ele sabia onde estavam nossas roupas? Jesus o quarto ainda estava rodando para mim. – Espero que você tenha aprendido com isso para não se intrometer no meu trabalho.

- Do que você está falando? – perguntei incrédula.

- Tem idéia do prejuízo que você me arrumou com Sara ontem a noite? Aquela mulher é uma das maiores vadias que já pisaram na face da terra e por sua casa, eu vou ter que a atura-la pelos próximos três meses.

- Eu não...

- Você não sabe de nada Elizabeth e mesmo assim tem essa péssima mania de ainda se intrometer! Portanto espero que tenha aprendido algo com tudo isso. Eu sou um garoto de programa, o melhor que tem a fazer é ficar longe de mim.

Leon caminhou para fora do meu quarto como se nada tivesse acontecido entre nós. Eu estava tão chocada que ainda segurava minha blusa de encontro ao peito completamente sem ação.

- Agora – declarou Leon segurando a porta atrás de si antes de fecha-la – Estamos quites.

PERIGOSAS ACHERON

Inconformada com o que acabara de acontecer atirei meu moletom com força enquanto Leon fechava a porta e saía incólume do meu quarto! Desgraçado. Cai na cama sentindo meu corpo ainda levemente tremulo por causa de suas provocações. Definitivamente não tinha como piorar.

Capítulo Doze

É um fato consumado que quanto mais você deseja que o tempo passe rapidamente parece que ele decide trabalhar contra você. Parada em frente ao meu banheiro me sentindo como um gigantesco pêssigo em caldas eu olhava de forma desconsolada para o relógio que tinha sua imagem refletida no espelho. Estava maquiada com os cabelos puxados para trás presos com grampo e tanto spray fixador que provavelmente aquela gosma ia levar uma semana para sair completamente. Claro que aquilo era mais um dos benefícios da festa da minha mãe.

Caminhei de volta para o meu quarto entediada e frustrada odiando o som daquele estúpido vestido. Me perguntei se poderia existir algo tão chamativo quando aquele vestido e fiquei em duvida. Eu estava ridícula em tantos níveis que só de olhar minha sombra contra a parede do meu quarto eu já me sentia pior.

Talvez minha mãe estivesse me punindo por não ter deixado ela fazer uma imensa festa de

PERIGOSAS ACHERON

quinze anos, e agora eu provavelmente seria a piada da temporada. Em pêssego.

Sentei em minha cama ouvindo o farfalhar de metros e metros de tecido, me perguntei quais minhas chances de fingir estar passando mal e ser levada para longe dali. A desculpa da ‘dor de ouvido’ sempre funcionara antes da minha mãe descobrir a real causa pra que não querer ir a escola. Provavelmente naquele caso ela me empurraria escada abaixo com dor de ouvido de qualquer forma. Cruzei os braços enquanto olhava para minhas prateleiras de livros que ficavam fixadas nas paredes sobre minha escrivaninha. Meu estado de humor era tão deprimente que eu não conseguia encontrar consolo nem nos meus livros.

Encostei a cabeça nos travesseiros pensando que realmente aquele era um bom momento para passar mal. Não queria ir aquela festa estúpida, usando um vestido estúpido, naquele dia estúpido. Na verdade, eu não queria fazer nada naquele momento, a não ser ficar ali sentada esperando o fim do mundo.

Minha vida era uma bagunça tão grande que eu tinha certeza que nunca mais iria me recuperar. Aspirei profundamente tentando impedir o

formigamento chato que sentia nos cantos dos meus olhos. Minha mãe acabaria comigo se eu borrasse aquela maquiagem. Enfiei o nariz ainda mais no travesseiro, com certeza não foi uma boa idéia.

O cheiro dele estava completamente impregnado nas roupas de cama. Levantei tão rápido como se tivesse levado um choque que percorreu todo meu corpo. Revoltada com a situação tirei as fronhas os lençóis e com as mãos transformei tudo numa gigantesca bola de roupas. Eu iria levar tudo para que Amelie pudesse se livrar daquele cheiro! Eu não queria nada de Leon no meu quarto, o menor resquício que fosse. Talvez fosse uma boa idéia levar tudo aquilo pra fora e queimar, assim não existiria nenhuma possibilidade de nada dele ficar naquele lugar.

Parecia um ótimo plano para mim, mas minha mãe escolheu aquele exato momento pra entrar no meu quarto e me encontrar com os braços cheios de roupa de cama com cara de culpada. Ninguém mais sabia bater na porta.

- Lizza? – perguntou ela como se de repente estivesse entrado no quarto errado – O que está fazendo com essas roupas? Você vai amassar seu vestido.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Derrubei coca-cola no edredom estou levando pra Amelie se não vai manchar.

- E o que fez com os travesseiros para precisar tirar até as fronhas?

- Ahn, nada na verdade só achei que seria uma boa aproveitar a viagem.

- Lizza – começou minha mãe bem baixinho estreitando o olhar – largue essas roupas imediatamente.

Eu realmente pensei que aquele seria um bom momento para desafia-la, mas desisti no ultimo momento. Definitivamente eu não precisava de mais confusão. Larguei minhas roupas de cama no chão e fiquei ali parada sem realmente saber o que fazer.

- Muito bem – continuou minha mãe se aproximando de mim – Vamos concertar o estrago com seu vestido. Endireite essas costas.

Não havia estrago algum com meu vestido, mas claro que ela não iria admitir isso. Meredith Sandler era o tipo de mulher nunca estava enganada. Olhando para ela com atenção era inegaval nossa semelhança. O mesmo tom de cabelo embora o dela fosse muito mais curto que o meu, o mesmo nariz delgado. Assim como eu minha mãe não era

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

considerada uma mulher bonita, embora vestida daquela forma com um elegante vestido preto com corte reto, ela parecia estar cem vezes melhor do que eu usando camadas e camadas de pêssego.

- Assim está melhor – ela endireitou os delicados óculos contra o nariz e me olhou profundamente me avaliando. Eu tinha esquecido como aqueles olhos castanhos eram astutos - Por que não foi me procurar assim que chegou?

- Você estava ocupada com a festa, eu não quis atrapalhar, além disso eu estava cansada.

- Como vai Harvard? Espero que tudo bem você mal volta para casa Lizza.

- Tenho estado ocupada – respondi com um aceno de ombros, pela forma como seus olhos estreitaram eu percebi que não devia repetir aquilo naquela noite enquanto ela estivesse me observando – Você sabe relatórios, é o fim do curso.

- Eu imaginei, seu pai estava preocupado com você. Soube que trouxe um acompanhante.

- Um colega – respondi procurando minha bolsa de mão que estava em algum lugar por ali – Nada de especial.

- Eu conheço?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Quem?
- Seu colega? Qual o nome dele?
- Leon – respondi encontrando a bolsa e atirando de qualquer forma um batom ali dentro que ficaria intocado o resto da noite.
- Esse Leon tem sobrenome? – perguntou minha mãe cruzando os braços. Aquilo não era um bom sinal.
- Não lembro, mas isso é realmente tão importante assim mãe?
- Bem, me desculpe se te incomoda o fato de que eu gosto de me manter informada sobre as pessoas que estão debaixo do meu teto.
- Nós vamos chegar atrasadas.

Eu não estava me saindo bem com as primeiras perguntas que eu sabia que eram apenas o começo de uma longa serie delas, mesmo assim não me importava muito naquele momento, a única coisa que eu não queria naquele momento era falar sobre Leon.

- Lizza – disse minha mãe por fim descruzando seus braços – Você sabe o que essa festa significa para mim espero que sua atitude mude consideravelmente assim que estivermos entre os convidados.

PERIGOSAS ACHERON

Eu balancei a cabeça em concordância, não queria adicionar a minha mãe lista de problemas que estava se tornando astronômica.

- Então vamos, quero muito conhecer esse seu colega de faculdade.

Quando descemos para o salão de festas ele já estava parcialmente cheio. A maioria das pessoas estavam aglomeradas na entrada e transitavam livremente entre o hall e os outros cômodos. Parada ali em cima eu podia quantificar a dimensão do problema que seria estar naquela festa. Senti meu estomago incomodado se remexer como se tivesse em cólicas, a vontade de dar meia volta e correr para o meu quarto era imensa, mas minha mãe estava parada ao meu lado tendo certeza que eu não iria fazer nada de estúpido como sair correndo por exemplo.

- Essa festa será um grande evento – afirmou a minha mãe talvez mais para si mesma do que para mim – Tenha certeza de conversar com todos nossos amigos Lizza, e por favor, comporte-se.

Claro afinal eu precisava ouvir aquele tipo de coisa, era uma criança de seis anos de idade.

- Veja – continuou minha mãe indicando

alguém discretamente entre as pessoas que estavam chegando – Seu pai e sua companheira, você não faria o favor de recebe-los por mim. Eu ainda preciso acertar alguns assuntos da festa.

O que minha mãe queria dizer realmente era ‘vá na frente e prepare o terreno, enquanto eu vou pegar minhas armas’. Eu podia ver meu pai de braços dados com uma garota que com certeza não deveria ser muito mais velha do que eu caminhando livremente pela casa e atraindo praticamente todos os olhares, eu sabia que aquilo feria profundamente o orgulho de minha mãe, mas conhecia ela o suficiente para saber que ela nunca iria chorar ou lamentar-se por ter sido trocada pelo ex-marido. Para minha mãe o orgulho valia muito mais.

Sem ter uma escapatória descia as escadas segurando o estúpido vestido e atenta as pessoas ao meu redor. Eu ainda não tinha encontrado Leon e aquela altura não saberia dizer se isso era algo bom ou ruim. Sentia-se como se houvesse uma guilhotina sobre minha cabeça que poderia despencar a qualquer momento. Eu não gostava nem de imaginar as milhares de possibilidades que podiam fazer aquela festa dar errado.

Respirei fundo sentindo meu coração gelado

contra minhas costelas e parei em frente ao meu pai com um sorriso forçado.

- Lizza! – respondeu ele assim que me viu sorrindo abertamente – Você está... Bem muito bem. Ótima festa! Sua mãe sempre consegue se superar não? Onde ela está?

Paul Blake não era o tipo de homem que você iria olhar duas vezes na rua. Vindo de uma família humilde e sem muitos recursos entrara na faculdade usando uma bolsa de estudos conseguida através do futebol. Ninguém esperava que o garoto com ombros largos fosse tão bom com os livros ou acabasse se casando com uma das solteiras mais cobiçadas da cidade. Olhando para ele agora eu podia ver os anos pesando em seus ombros, as rugas em volta dos olhos claros que não foram compartilhados comigo pela genética, o cabelo marrom fino e com fios brancos. Aquele homem havia sido meu herói infantil, talvez o único enquanto eu fugia de uma mãe tão controladora que não me deixava ser eu mesma. Agora ele não podia estar mais longe da figura emblemática que eu criara para me proteger. De braços dado com uma mulher com sorriso falso exibindo um corpo monumental eu me perguntava se ele encontrara a

felicidade tão desejada depois de tantos sacrifícios. De certa forma eu sempre soubera que não havia amor entre meus pais, apenas um companheirismo velado. Verdade seja dita ninguém conseguia entender tanto minha mãe quanto o homem a minha frente e mesmo assim aquilo não havia sido o suficiente nem mesmo o bastante para salvar o casamento deles.

- Ela está ocupada – respondi focando a visão em meu pai e ignorando a mulher ao seu lado – Provavelmente dando ordens para que tudo saia a seu gosto.

- Entendo, realmente a festa esse ano parece estar maior. Estou feliz que esteja aqui Liza você parecia um pouco diferente quando te liguei. Algum problema em Harvard?

Era tentador pensar que eu poderia contar a meu pai os problemas pelo qual estava passando. Em minha cabeça imaginei uma cena onde nos sentaríamos na biblioteca e eu contaria tudo o que estava acontecendo sem esconder absolutamente nada. Eu falaria sobre Leon e como ele me tirava completamente fora do sério. Explicaria sobre aqueles sentimentos estranhos que eu estava sentindo e depois quando estivesse finalmente

aliviada meu pai explicaria tudo de forma analítica minha real situação e eu como uma adulta responsável poderia resolver meus problemas. Era tão tentador que realmente só existia em minha imaginação.

- Os trabalhos do ultimo semestre tem sido um pouco desgastante – respondi mentindo sabendo que ele não iria perceber – Mas, não se preocupe estou bem.

- Você sabe que pode contar comigo ou sua mãe não Lizza? Queremos ajuda-la.

Balancei minha cabeça sorrindo pensando o quanto aquelas palavras me causavam náuseas. Eu não passava de um produto cuidadosamente administrado pelo meus pais. Eu duvidava profundamente que eles fossem realmente me ajudar se soubessem a verdade sobre Leon.

- Meu Deus – exclamou meu pai de repente – Onde estou com a cabeça! Lizza quero que conheça Sybil. Você provavelmente já deve ter ouvido falar dela é uma pena que não possa ter ido ao nosso casamento.

- Olá Liz! – Talvez fosse apenas uma impressão minha, mas a voz dela era terrivelmente aguda e infantil – Estou tão feliz por finalmente nos

conhecermos.

Engoli em seco forçando meu maxilar a continuar sorrindo e estendi minha mão para Sybil. Aquilo estava saindo muito pior do que eu imaginara. Olhando para aquela mulher não podia evitar me perguntar o que meu pai havia visto nela? Eu não conseguia entender como minha mãe podia suportar isso.

- Obrigada Sybil – respondi mantendo o teatro – Eu realmente estava ocupada com a faculdade e tudo mais. Por favor, aproveitem a festa.

Eu não podia mais suportar aquilo olhei ao redor buscando uma fuga desesperadamente e vi Brenda cruzar a porta de entrada da festa. Eu poderia reconhecer aqueles cachos em qualquer lugar. Provavelmente nunca devo ter me sentindo tão aliviada em toda minha vida.

- Eu preciso cumprimentar os outros convidados – respondi tentando conter minha euforia – Se precisarem de alguma coisa é só pedirem aos empregados.

Virei minhas costas tão rápido que pensei que poderia ter um mal jeito no meu pescoço. Não queria dar nenhuma chance de continuar aquela conversa ridícula com meu pai e seu bichinho de

estimação. Sai dali o mais rápido que conseguia sem correr e me equilibrando nos meus estúpidos saltos. A ultima coisa que eu precisava naquele momento era me preocupar em levar um tombo no meio de toda aquela gente.

Brenda estava parada em frente as escadas provavelmente procurando a mãe e tentando evita-la ao máximo. Eu sabia que somente ela poderia entender minha situação. Agarrei seu braço com toda força assim que cheguei perto dela e arrastei-a para longe de todo mundo. Todos os cômodos pareciam estarem cheios de pessoas, mas no final acabei achando um lugar escondido entre uma planta ornamental que ficava próxima a entrada da cozinha. Nos duas nos encolhemos naquele canto enquanto Brenda olhava para mim sem entender absolutamente nada.

- Meu deus – exclamou ela assim que soltei seu braço – Obrigada pela calorosa recepção agora será que você pode me explicar o que está acontecendo. Espera! O que é isso que você está vestindo?

Usando um elegante e curto vestido preto Brenda parecia infinitamente mais bonita do que eu usando metros de tecido pêssego. Além de bela na maior parte do tempo Brenda conseguia ter um

estilo de beleza impecável, comparando com a minha mãe e a dela. Não era nenhuma surpresa os garotos da nossa época do colegial ficarem loucos por ela e me ignorarem completamente.

- Shhhh – eu pedi quase em prantos – Você quer que a minha mãe ou pior a sua mãe descubram onde estamos? E não venha me falar dessa coisa horrível que estou usando tudo bem? Acredite em tenho um espelho no meu quarto. Foi idéia da minha mãe.

- Você tem certeza que essa mulher te ama? – perguntou Brenda se aproximando ainda mais de mim entre as folhagens – Droga eu pensei que fosse conseguir despistar minha mãe. Tem idéia de quantas mensagens ela já me mandou no celular.

- Posso imaginar, eu ouvi ela assim que cheguei com Leon. Claro que eu não fiquei pra dar a chance dela me cumprimentar. Ela iria perguntar sobre você e eu sereia obrigada a dar um relatório completo.

- Fez muito bem, como se não bastasse ela me chantagear a vir a essa festa. Espera repete o que você disse – Brenda estava praticamente gritando – Você realmente trouxe ele aqui! Você quer dizer o garoto...

PERIGOSAS NACIONAIS

- Será que você pode calar essa boca – pedi mais uma vez beliscando seu braço para chamar sua atenção – Sim ele está aqui, eu acho pelo menos. Não encontrei com ele desde que cheguei nessa festa ridícula e fui encurralada pelo meu pai e sua nova esposa.

- Você tem idéia Liz de como isso pode dar errado? Você precisa encontra-lo. Eu não quero nem imaginar o que sua mãe vai fazer se....

- Você acha que eu não pensei nisso? – respondi sentindo a exasperação na minha voz – Estou desesperada, e como se isso tudo não bastasse minha mãe já sabe que eu trouxe ele como acompanhante e quer conversar com ele!

- Você está completamente ferrada.

- Ei – me virei desesperada para encarar minha amiga que estava espremida junto comigo entre um vazo gigante e a parede – Esse é todo o apoio moral que você tem para me dar?

- Foi você quem começou com essa historia! Além disso...

Normalmente Brenda não era o tipo de pessoa que perdia a fala. Ela era capaz de continuar falando e falando ininterruptamente caso precisasse, então quando percebi que seu olhar

PERIGOSAS ACHERON

estava fixo acima do meu ombro e ela estava completamente em silencio, eu sabia antes mesmo de me virar quem ela estava encarando de boca aberta.

- Onde você estava? – perguntei me virando e puxando Leon para trás do imenso vaso. Eu não queria saber o que uma pessoa fora daquela situação poderia imaginar vendo aquela cena.

- É nesse momento em que eu pergunto o que vocês duas estavam fazendo escondidas aqui atrás, ou simplesmente não falo nada – comentou Leon tranquilamente como se aquele fosse nosso comportamento normal.

- Fica quieto – eu pedi sentindo minhas mãos trêmulas enquanto segurava a manga do seu paletó.

- Será que você pode me dizer onde diabos estava?

Leon me lançou seu sorriso torto, ele estava deslumbrante usando terno e gravata azul escura cuidadosamente feita em torno do seu pescoço. O cabelo estava cuidadosamente penteado mostrando seu rosto anguloso, seu maxilar firme e seus olhos deslumbrantes. Era uma visão de deixar qualquer mulher muda. Como Brenda continuava atrás de mim.

- Sai mais cedo do meu quarto, porque não

suportava mais ficar ali trancado, e assim que coloquei meus pés no salão um grupo de mulheres veio conversar comigo, acho que eram amigas da sua mãe. Todas eram clientes em potencial. Eu poderia praticamente me aposentar se tivesse esse grupo como clientela.

- Leon pelo amor de Deus! Fique longe do grupo de leitura da minha mãe, elas são todas loucas e a minha mãe é a rainha dela, se ela descobre que você está tentando ir pra cama com as amigas dela, provavelmente vai comer o seu fígado! E o meu porque foi eu quem te trouxe aqui!

- Quanto mais você fala da sua mãe Elizabeth, mais eu quero conhece-la, afinal com todo esse charme que você descreve ela.

- Ele te chama de Elizabeth? – perguntou Brenda de repente recuperando a fala – Nem seus pais te chamam desse jeito! E não se preocupe eu posso me tornar sua cliente a qualquer momento sabe meus pais são ricos!

- Brenda!

- E quem é essa escondida atrás do seu vestido Elizabeth. Gosto dela tem senso de humor.

- Eu me chamo Brenda – respondeu minha colega de quarto traidora, sorrindo como se Leon

fosse um suculento bife. Eu conhecia muito bem aquele sorriso de predadora – Eu moro com a Lizza, desde o começo da faculdade e conheço ela desde sempre.

- Aposto que você tem uma ou outra historia interessante sobre ela. Ela é sempre assim, você deve saber afinal moram juntas.

- Você não faz idéia! – respondeu Brenda sorrindo – Teve uma vez que...

- Eu imagino que a conversa esteja fantástica – interrompi Brenda entre dentes – Mas, sem querer ser chata eu ainda estou presente.

- Eu não ia contar nada de mais Lizz.

- Eu tenho certeza que não Brenda, mas de qualquer forma eu prefiro que você não conte nada ao Leon, e você seu irresponsável vai passar o resto da noite ao meu lado em silencio. Eu já estou correndo perigo o suficiente.

- Desculpe Brenda – respondeu Leon dando de ombros e me ignorando completamente – Mas, Elizabeth está pagando então...

Foi a primeira vez na vida em que vi Brenda ficar vermelha. Eu sabia que Leon era o tipo de homem de tirar o fôlego de qualquer mulher, mas minha colega de quarto era o tipo de mulher que

comia garotinhos apaixonados no café da manhã. Se ela era capaz de ficar naquele estado enquanto Leon simplesmente sorria para ela, era prova o suficiente de que eu nunca poderia lidar com ele, e de que provavelmente aquele era o fim do mundo.

- Agora você... – eu comecei, mas então meu coração travou em meu peito quando eu fixava meu olhar na minha mãe que estava bem diante de nós.

- Lizza – ela disse sem perder o sorriso educado – o que você está fazendo escondida nesse canto?

Minhas pernas perderam a sustentação e eu pensei que poderia desmaiar aquele momento, com toda certeza aquilo era bem possível já que minha cabeça parecia estar rodando rapidamente. Tentei encontrar uma explicação coerente, razoável, mas minha boca parecia cheia de areia. Não importava toda minha inteligência e rapidez de raciocínio, diante da minha mãe eu ainda era apenas uma criança assustada.

Para minha surpresa e confirmação de que aqueles eram realmente os fins dos tempos foi Leon que veio ao meu socorro.

- Elizabeth estava ajudando a amiga que derrubou um pouco de champagne na roupa.

- Ah claro. Olá Brenda, está tudo bem com seu

vestido? Se precisar pode usar algum emprestado de Lizza que está em seu quarto.

- Tudo bem senhora Sandler, era apenas algumas gotas de champagne o vestido é preto não ira aparecer.

- Que bom, minha querida. Sua mãe a está procurando, você já teve a oportunidade de cumprimentá-la.

- Ainda não – respondeu Brenda vacilante – Acho que farei isso agora.

Sem me lançar um segundo olhar Brenda caminhou de volta para festa. Eu duvidava que ela estivesse indo procurar sua mãe, mas isso não significava que ela não fosse encontrar Brenda. A mulher era um verdadeiro cão farejador.

Engoli em seco e cravei as unhas pequenas na palma de minha mãe para me manter alerta. O momento que eu tão temera estava se desenrolando a minha frente e eu me sentia incapaz de enfrentá-lo.

- E você meu jovem, creio que ainda não tivemos o prazer de sermos apresentados.

- Realmente senhora – respondeu Leon a minha mãe tão tranquilamente como se tivesse ensaiado o movimento até atingir a perfeição – Meu nome é

PERIGOSAS NACIONAIS

Leon, eu sou um colega de Elizabeth da faculdade e hoje seu acompanhante.

- Vocês se conheceram em Harvard?

- Exatamente, tivemos algumas aulas juntos. Ela é realmente uma ótima companheira de estudos.

- Qual o seu curso se me permite a curiosidade Leon?

- Química. O instituto fica perto do prédio de física por isso conheci sua filha.

Calmo completamente tranqüilo, era assim que Leon mentia para minha mãe. Meu coração batia de forma ensurdecadora dentro do meu peito, não podia acreditar no que estava vendo, mas minha mãe parecia acreditar naquela historia. Talvez contra todas as expectativas eu ainda pudesse ser salva.

- Química – respondeu minha mãe com um sorriso – interessante, vocês não me acompanhariam num drink? Eu gostaria imensamente de um e você meu jovem pode me contar mais a respeito do seu curso.

Minha mãe não era o tipo de pessoa que lidava bem com negativas por isso quando ela virou suas costas lancei um olhar significativo para Leon e

PERIGOSAS ACHERON

ambos começamos a segui-la como dois soldados obedientes.

Embora não fosse uma pessoa carismática minha mãe parecia ter assumido completamente as funções de anfitriã. Assim como eu, ela era a filha única de uma influente família de Boston que sempre tivera altas expectativas em relação a ela, mas diferente de mim ela não parecia como alguém que não conseguisse lidar com essas expectativas. Enquanto cruzávamos as salas repletas de pessoas a todo momento minha mãe parava para cumprimentar alguém que eu nunca vira em minha vida. Ela sorria estendia a mão e sabia exatamente o que dizer. Sempre centrada e muito controlada. Completamente diferente de como eu me sentia naquele momento.

Eu podia sentir a presença de Leon atrás de mim. Pairando ao meu redor desviando meus pensamentos, eu não podia pensar num pior encontro do que aquele onde eu, minha mãe e Leon pudéssemos estar juntos no mesmo lugar.

Com passos precisos minha mãe nos levou praticamente até os fundos da mansão. Ali entre corredores repletos de empregados eficazes, onde o som de valsa mal ultrapassava as paredes ela se

dirigiu para uma pequena sala com delicados sofás e quadros com temas florais.

- Desculpem por isso – pediu ela chamando um garçom com um acenar de mãos – Mas, eu gosto de conversar com um pouco de privacidade, sempre que possível.

O garçom impecavelmente vestido aproximou-se de nós carregando três taças numa bandeja reluzente. Minha mãe serviu-se e entregou uma taça a Leon. Champanhe logicamente. Meus dedos deslizaram sobre o pequeno cabo da taça por reflexo. Minha garganta estava fechada como um cofre, eu duvidava que seria capaz de engolir uma gota daquilo.

- Então Leon – começou minha mãe sentando elegantemente em uma das poltronas – Diga-me como conheceu Lizza?

Os olhos de Leon buscaram os meus num relance, tive de controlar o tremor em minhas mãos. Meu coração batia tão alto que eu podia jurar que minha estava ouvindo-o. Ela estava testando a nos dois.

- Depois de quatro anos de curso, você acaba conhecendo todo mundo do campus – respondeu Leon tomando um gole da sua bebida

displicentemente.

- Não nego que fiquei surpresa quando soube que Liz estava trazendo um acompanhante para a festa. Conheço muito bem minha filha, e até hoje acho surpreendente o fato dela ser amiga de Brenda Thompson devido, como posso dizer a personalidade de ambas. Você deve compreender que quando soube que ela trazia um acompanhante masculino eu fiquei no mínimo curiosa.

- Elizabeth e eu temos assuntos e gostos em comum – respondeu Leon simplesmente.

Mordi meus lábios sabendo que precisava participar daquela conversa. Minha mãe não seria convencida tão facilmente se eu ficasse ali todo o tempo muda como uma planta.

- Leon me ajudou algumas vezes em relatórios e trabalhos – respondi incapaz de encarar minha mãe e controlando o tremor em minha voz – Voz pode dizer que nossa relação é puramente acadêmica.

- Acadêmica? – perguntou minha mãe parecendo realmente interessada.

- Completamente acadêmica – respondi praticamente sem fôlego.

- Você poderia dizer o mesmo Leon –

perguntou minha mãe.

O olhar de Leon sobre mim era indecifrável ele sorriu com o canto dos lábios e levantou sua taça em minha direção como um brinde e respondeu sorrindo:

- É exatamente aquilo que Elizabeth diz ser.

Tive de me conter para não soltar o ar que parecia estar contido a muito custo em meus pulmões. Incrédula vi minha mãe acenar em concordância enquanto saboreava seu champanhe. Então era isso eu havia passado no teste? Estava livre, sem mais torturas?

- Entendo – respondeu minha mãe por fim parecendo abatida de alguma forma que eu não era capaz de compreender – Bem não se pode culpar alguém por ter esperanças não? Mas realmente agora vendo vocês dois juntos confesso que percebo como fui tola.

- O quer dizer com isso? – perguntei incapaz de entender o que ela queria dizer com aquela informação.

Minha mãe olhou em minha direção parecendo genuinamente surpresa. Eu não fazia idéia dos motivos pelo qual estávamos tendo aquela conversa.

- Bem Liz – começou ela vacilante – Você deve entender como fiquei surpresa Amelie me disse que você havia trazido um rapaz para casa. Você nunca fez isso antes, então supus que ele seria seu namorado ou alguma coisa do tipo.

Senti meu rosto arder enquanto minha mãe explicava seus pensamentos, desviei meu olhar de Leon que de repente parecia bastante interessado na conversa. Bebi um gole de champanhe que queimou minha tranqueia enquanto caía como uma bomba em meu estomago. Me sentia como uma idiota parada ali em frente a minha mãe.

- Você sabe que eu não tenho tempo para namoro – respondi assumindo minha postura analítica – Não quando estou terminando minha faculdade.

- Bem Liz esse é realmente um ponto importante, mas talvez seja necessário que você comece a pensar em pouco mais em seu futuro.

- Meu futuro? – perguntei sem entender absolutamente nada – O que meu futuro tem haver com isso? Pensei que você apoiasse meus estudos, sempre me incentivou.

- É claro que sim – respondeu minha mãe vindo em minha direção e segurando minhas mãos como

PERIGOSAS NACIONAIS

se realmente se importasse – Mas, você entende que não pode continuar estudando até o fim da sua vida não?

- O que quer dizer com isso? – Será que ela conseguia ouvir o rancor em minha voz?

- Ora Liz não se faça de boba. Eu quero dizer que você precisa pensar em constituir uma família, filhos uma casa. Todas as pessoas desejam isso, eu aposto que até mesmo seu colega deseje isso, talvez não com você. Veja é compreensível Leon é um homem extremamente bem-apegoado e você minha filha é tão tímida, é claro que vocês nunca poderiam ter um romance, mas um casamento é constituído muito mais do que somente amor.

- Eu não tenho tempo para pensar nisso – respondi incapaz de desviar meus olhos do rosto da minha mãe. Eu não entendia porque ela estava me dizendo todas aquelas coisas. Não havia nada para mim além dos estudos, dos números das formulas – Eu preciso continuar, meu mestrado...

- Você tem responsabilidades com essa família Liz, as pessoas esperam isso de você. Eu, seu pai esperamos que você constitua sua própria família. Ora Liz até mesmo que na sua idade estava praticamente noiva!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Seu casamento com meu pai foi um completo fracasso – respondi soltando minhas mãos dela – Como pode desejar isso para mim?

Percebi quando os olhos dela tão parecidos com os meus se estreitaram, que eu não deveria ter dito algo como aquilo em voz alta enquanto ela me respondia:

- Meu casamento com o seu pai não foi um fracasso como você mesma diz, nos dois vivemos nossa experiência como casal e tivemos uma filha. Você melhor do que ninguém deveria entender isso.

Desviei o olhar incapaz de suportar aquela conversa, senti os dedos da minha mão apertarem a pequena haste da taça de vidro em minhas mãos. Eu fazia tanta força que estava surpresa de não sentir o objeto de partir em mil pedaços contra minhas mãos.

Eu sempre soubera que meus pais eram manipuladores, mas realmente nunca me importara com aquilo. Eu sabia que também possuía minha parcela de culpa afinal sempre fizera tudo aquilo que eles pediam por também desejar os mesmos objetivos. Mas aquilo? Eu não estava nem de longe preparada para pensar em construir uma família.

PERIGOSAS ACHERON

Pelo amor de deus eu nunca tivera um relacionamento na vida.

- Liz – chamou minha mãe me obrigando a encarar seus olhos – Vamos por favor, não faça essa cara sim? Hoje é um dia para celebrarmos, eu não estou dizendo que você precisa ficar noiva na próxima semana. Apenas que analise melhor sua situação no momento. Talvez uma pós-graduação não seja o mais adequado a se fazer imediatamente. Mas, você é jovem e extremamente inteligente sempre poderá estudar Liz.

- Claro mãe – respondi sentindo como se algo tivesse borbulhando bem no meio do peito. Sem pensar nas conseqüências virei todo o conteúdo da taça em meus lábios sentido a bebida rasgar minha garganta e provocar lágrimas estúpidas em meus olhos – Como quiser.

- Bom agora que estamos resolvidos – exclamou minha mãe como se tivesse falando sobre o tempo – Que tal seu amigo Leon me acompanhar alguns instantes? Eu tenho uma ou duas amigas extremamente interessadas nele.

Desviei meu olhar até Leon ao ouvir seu nome. Ele estava reclinado confortavelmente na poltrona como se fosse o dono do mundo bebendo

champanhe. Eu não podia me sentir mais humilhada como naquele momento com minha mãe me cobrando daquela forma na frente dele. Uma parte de mim sabia que ela fizera de propósito. Aquela conversa, suas boas maneiras eram uma forma de me mostrar a quão ingênua eu estava sendo sonhando com algo que jamais eu poderia alcançar. Eu e Leon não fazíamos parte do mesmo mundo embora tivéssemos nos encontrado. Sentado a minha frente a poucos metros de mim, ele parecia mais distante quanto uma estrela do outro lado do universo.

Como se tivesse entediado de ouvir duas mulheres fofocando ele levantou-se deixando sua bebida em cima de uma das pequenas mesas próximas a poltrona onde estava dizendo:

- Claro! Eu adoraria acompanhá-la.

Como se já não fosse o suficiente percebi as bochechas de minha mãe ficarem rubras de triunfo. Tudo corria como ela planejava, agora ela poderia exibir Leon para todas suas amigas e ofuscar a nova mulher do meu pai. Tudo milimetricamente planejado, traçado com paciência. Perfeito.

Eu não os acompanhei enquanto eles saíam da sala de braços dados conversando tranquilamente.

Logo as vozes dele morreram no corredor.

Silencio. Sozinha sentei lentamente na poltrona onde Leon estivera a apenas alguns instantes sentido meu peito dolorido. Passei as mãos contra os braços aproveitando do calor ocasionado pela fricção daquele momento.

Eu nunca errara tanto na minha vida quanto no momento em que decidira trazer Leon até minha casa. Onde eu estava com a cabeça? O que estava tentando provar a mim mesma? Que poderíamos ter uma segunda chance? Ele gostaria de mim se pudesse me conhecer melhor?

Ri dos meus próprios pensamentos percebendo o quão estúpido eles eram. Quão estúpidas minhas esperanças haviam sido. Ingênuas patéticas e frágeis.

Senti as lágrimas se acumularem nos cantos dos meus olhos e por um momento desejei me acabar num pranto sem fim borrando minha maquiagem e afundando minha cabeça no meu travesseiro, mas então apenas por teimosia decidi fazer exatamente o oposto. Minha com toda certeza iria sentir que havia vencido se me encontrasse chorando então eu decidi que por mais difícil que fosse não iria chorar. Era ridículo se pensar que meu nariz ardia

PERIGOSAS NACIONAIS

como se tivesse pimenta nele, mas coisas de mais haviam me sido tiradas aquela noite, eu faria de tudo para conservar aquele pequeno pedaço de orgulho próprio.

Respirei fundo pela boca e ouvi de forma longínqua o barulho da festa. Meus pais que me esperassem sentados se eles pensavam que eu iria aparecer ali com um sorriso no rosto. Estava cansada de ser um animal de estimação sempre sendo exibido. Chega de festas, de homens, de corações feridos e sonhos estraçalhados. Eu tinha que admitir que estava muito melhor sozinho, e estando sozinha tinha algo que eu era imbatível em fazer quando criança. Algo que tirava meus pais completamente fora do sério.

Eu era perita na arte de me esconder. Sai da pequena sala caminhando rápido e ignorando todos ao meu redor. Ninguém iria me encontrar até aquela festa ter terminado.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Treze

Quando criança embora adorasse a imensa biblioteca que tínhamos em casa, tentava me manter o mais longe possível do lugar. Ali em silêncio com as cortinas fechadas era onde minha mãe trabalhava, escrevendo teses e ensaios sobre todos os romances que ficavam expostos de maneira imponente nas imensas prateleiras de carvalho.

Eu andava na ponta dos dedos dos meus pés até as imensas portas duplas e via as costas de minha mãe encurvadas em cima da sua escrivaninha metodicamente arrumada, tinha vontade e me enfiar naquele lugar escuro cheirando a canela e fumaça da lareira e me sentir protegida, das perseguições na escola, das aulas de balé que machucavam minhas pernas e da imensa pilha de lições extra que pareciam cada vez mais se acumular em minha mochila, mas embora desejasse aquilo profundamente eu sabia que aquele lugar não me pertencia. Os livros o cheiro inebriante, as imensas prateleiras arrumadas com precisão tudo ali era de

minha mãe. Eu sabia que não seria bem-vinda, era por esse motivo então que eu virava as costas e corria até o fim do corredor onde ficava o escritório do meu pai. Ali eu sabia que a porta estaria sempre aberta assim como a janela deixando o sol ou pingos de chuva entrarem, haveria uma confusão de papeis e mapas no chão então eu poderia deslizar entre eles até a gigantesca mesa onde ele trabalhava e ali embaixo ouvindo o som do arranhar do lápis contra o papel eu poderia me esconder do mundo, da minha mãe talvez até mesmo de mim mesma e voltar quando tivesse me sentido melhor.

Ouvi o som abafado dos meus próprios passos sobre o carpete enquanto fazia o caminho mais curto até o escritório do meu pai. Ele deixara a casa a tanto tempo e mesmo assim minha mãe não tinha sido capaz de se desfazer daquela sala. Abri a porta com cuidado sem conseguir afastar as lembranças de minha infância. Eu sempre fazia aquele caminho quando estava confusa, e me sentindo insegura. Ali havia sido meu lugar secreto onde todos os problemas pareciam ficarem mais distantes quando estava ali. Embora agora eu fosse uma adulta torcia para que aquela sala ainda tivesse o mesmo poder de afastar meus problemas mesmo que fosse por

pouco tempo.

Fechei a porta com cuidado afastando completamente qualquer som da festa de minha mãe. Caminhei pelo lugar sentindo o cheiro tão conhecido de madeira e tapetes empoeirados. O lugar estava limpo e arrumado o que deixava a atmosfera um pouco estranha. Quando trabalhava meu pai era um especialista em criar confusão. Mais uma das qualidades que minha mãe detestava nele.

Olhei para a prateleira onde ele deixara seus livros, eu não conseguia afastar a idéia de que meu pai desejara tanto ir embora daquela casa que nem ao menos se importara em levar suas coisas. Ali estavam seus livros da faculdade, os mesmos livros agora com paginas amarelas e cheias de rabiscos onde eu aprendera a fazer meus primeiros cálculos.

Com delicadeza passei a ponta dos dedos nas lombadas empoeiradas, cálculos, formulas, números. Por que a vida não podia ser daquela forma? Uma equação exata. Sem duvidas, sem erros, sem falhas. Apenas uma formula absolutamente certa.

Suspirei ouvindo o som da minha própria respiração se espalhar pela sala. Estava cansada.

Meus pensamentos eram uma confusão sem começo ou fim, me sentia perdida em minhas próprias decisões como se fosse uma estranha para mim mesma. Eu realmente queria resolver tudo aquilo, mas não tinha certeza se conseguiria.

Estava irritada comigo mesma com minha mãe, com suas exigências e demandas sem fim. Eu estivera fazendo durante toda minha vida tudo o que ela me pedira e mesmo assim agora eu percebia que meu esforço nunca seria o suficiente. Minha mãe sempre estaria exigindo, pedindo mais, exercendo seu poder para me transformar em tudo aquilo que ela desejava e achava ser o certo.

Quando exatamente tudo tinha se transformado em algo tão complexo? Eu não tinha a formula para resolver aqueles problemas, eu realmente não sabia o que dizer para minha mãe, ela não iria me ouvir de qualquer forma.

Frustrada caminhei até a imensa mesa de trabalho de meu pai, com certeza ela me parecia muito maior quando criança, mas mesmo assim eu engatinhei até embaixo dela e me sentei com as costas apoiadas em suas pernas largas. O ridículo vestido pêssago formava um lago ao meu redor, eu não dava a mínima importância se ele iria ficar todo

sujo e empoeirado por eu estar ali embaixo. Eu só queria apenas alguns momentos de privacidade e paz para ficar sozinha e me afundar em autopiedade, mas até mesmo isso parecia ser demais. Parecia que a única coisa que eu era capaz de fazer era continuar pensando no discurso de minha mãe e Leon, que provavelmente naquele momento devia estar rindo as minhas custas junto com ela. Mesmo estando longe dos dois ambos eram suficientemente capazes de me torturarem a distancia.

Afundi o rosto entre meus joelhos sentindo uma vontade imensa de quebrar alguma coisa, estava tão irritada que mal percebi os passos de alguém no corredor e a porta do escritório do meu pai sendo aberta. Prendi a respiração com força por uma fresta embaixo da mesa eu vi um par de calças masculinas se movimentar com cautela. A pessoa fechou a porta atrás de si e caminhou tranquilamente pela sala. Ótimo nem mais privacidade pra sofrer a gente conseguia na nossa própria casa.

Ainda espiando o intruso vi ele parar ao lado da prateleira de livros do meu pai. Talvez fosse um garçom que estava fazendo uma pausa do serviço, ou algum convidado bêbado que se perdera

enquanto procurava o banheiro. Bem fosse qual fosse o caso eu não ia ajudar o sujeito de forma alguma, a ultima coisa que eu queria no mundo era sair debaixo daquela mesa. Talvez ele se cansasse logo e fosse embora. Definitivamente eu não queria companhia naquele lugar.

Emburrada observei enquanto o intruso caminhou de forma decidida até a escrivaninha de meu pai e para minha surpresa bateu contra a madeira como se aquilo fosse uma porta.

- Elizabeth – disse a ultima voz que eu gostaria de ouvir naquele momento – Será que você pode sair debaixo dessa mesa? Está se comportando como uma criança!

- O que você está fazendo aqui Leon? Pensei que estivesse bajulando as amigas da minha mãe! Vá embora! A casa é minha e eu posso me comportar do jeito que eu quiser!

Eu sabia que estava sendo uma tremenda idiota, provavelmente aquele deveria ser o momento onde eu deveria me comportar com classe e elegância e conversar com Leon como se nada tivesse acontecido mostrando minha maturidade e superioridade. Mas, a ultima coisa que eu era naquele momento era superior e madura.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Eu ainda estou vendo seus pés – continuei cruzando meus braços como se aquilo significasse alguma coisa, ele não podia me ver – Eu já disse para você ir embora! Você não deveria ter me procurado.

- Eu não vou sair daqui sem antes falar com você Elizabeth.

- Bom isso é realmente algo ruim, porque no momento eu não quero falar com ninguém especialmente com você!

- Há alguns dias atrás eu também não queria falar com você – respondeu Leon com sua voz parecendo irritada – mas você foi bastante insistente, então eu vou mostrar que também sei ser insistente.

- Você quer dizer chato não?

- Um chato reconhece outro certo? Agora saia daí debaixo Elizabeth!

- Eu não vou sair daqui Leon! E pare de conversar comigo, será que você não entende que eu quero ficar sozinha?

Houve um minuto de silencio entre nos dois eu podia sentir as lagrimas na minha voz eu estava ficando cada vez mais histérica e melosa! Eu realmente não ia suportar o fato de que a qualquer

PERIGOSAS ACHERON

momento eu poderia cair no choro na frente de Leon! Seria o tipo de desastre que eu sabia que não poderia me recuperar! Droga por que ele apenas não podia ir embora?

- Se você não vai sair daí Elizabeth então eu terei que tirá-la a força! Eu realmente não estou com muita paciência no momento!

- Você não teria coragem! - respondi empinando o nariz pros pés dele, até mesmo eu sabia que aquilo seria uma atitude drástica demais até mesmo para Leon.

- Ok – ele respondeu simplesmente – Lembre-se foi você quem pediu.

Segundos depois Leon estava colocando de lado a cadeira da escrivaninha e me puxando pelos braços como se eu fosse uma criança mal-educada que estivesse fugindo de tomar banho.

- O que você está fazendo? – praticamente gritei enquanto estávamos ambos agachados embaixo da mesa de carvalho – Me deixe em paz!

- Você quer parar de se mexer por um segundo ou vai acabar batendo a cabeça nessa mesa! Eu vou te tirar daqui, não vou conversar com você enquanto esta escondida nesse lugar.

Sem muito esforço o que era algo bastante

vergonhoso para mim Leon me levantou de onde eu estava e me fez parar diante dele. Seu rosto estava carrancudo, seus olhos azuis brilhavam perigosamente e mesmo assim ele não perdia sua beleza desumana. Bom deus seria pedir demais ficar longe cinco minutos longe daquele homem ser ter meu senso critico prejudicado pela sua figura.

- Eu não quero conversar com você! – disse desviando meu olhar de Leon e tentando soltar meus braços que ele ainda segurava – Agora vá embora!

- Eu irei embora assim que tiver acabado de dizer uma ou duas coisas para você Elizabeth, e acredite você vai me ouvir!

- Foi minha mãe quem te mandou aqui não? – Aquela altura eu estava praticamente cuspiando minhas palavras eu nunca pensara que podia sentir tanta raiva em minha vida, como sentia naquele momento – Aposto que ela te contou exatamente onde eu estava, ela também te disse que era aqui que eu costumava me esconder quando ela brigava comigo porque eu não havia ido bem numa prova ou num dos inúmeros estúpidos cursos que ela me matriculava?!

- O que? – perguntou Leon parecendo

realmente confuso, seus olhos azuis se estreitaram agora eu estava enjaulada em seus braços, e mal conseguia me mover. A proximidade dos nossos corpos me deixava inebriada mas nem mesmo aquilo seria capaz de aplacar a raiva e a magoa que formigavam dentro do meu peito.

- Você pode voltar para minha mãe e dizer...

- Não estou aqui por causa de sua mãe Elizabeth – Leon respondeu praticamente gritando – *Merde!* Você quer parar de falar durante cinco minutos e me ouvir?

Eu tentei me soltar dos braços de Leon, mas todo o esforço foi em vão. Com um único movimento Leon me empurrou de encontro a prateleiras de livros atrás de mim pressionando meu corpo contra o seu e tapando minha boca com uma de suas mãos.

- Agora – ele disse tranquilamente embora seus olhos estivessem estreitos – Você vai me ouvir e nem pense em morder minha mão você está ouvindo Elizabeth?

Vencida pela pressão que o corpo de Leon exercia sobre o meu achei que seria melhor assumir uma outra posição. Empinei o nariz encarando seu rosto e tentando fingir que não estava com as

pernas bambas.

Eu não podia falar já que ele tampava minha boca com uma das mãos, por isso tentei lhe lançar meu melhor olhar de raiva e falta de interesse. Ele não pareceu muito convencido.

- Em primeiro lugar - começou Leon – Por que você sempre tem de ser tão cabeça dura? Faz idéia do tempo que fiquei andando por essa casa até te encontrar?

Tentei responder, mas minhas palavras saíram completamente como grunhidos contra sua mão.

- Shh você não vai falar é minha vez, agora você só escuta!

Eu balancei a cabeça e resmunguei mais um pouco, mas Leon parecia bem decidido a ter a vez de falar.

- Eu sou francês – ele disse, a pequena afirmação foi o suficiente pra que me fizesse parar de me mexer como uma louca e prestar atenção – Não conheci meus pais se você realmente quer saber, passei a infância migrando entre orfanatos e algumas famílias e lares temporários que definitivamente não tinham condição nenhuma de ter filhos. Eu não me lembro direito como foi a primeira vez que eu fiz um programa, mas com

certeza eu não ganhei nada comparado ao que tiro hoje de cada mulher que cruza meu caminho. A vida que escolhi Elizabeth não me deixar orgulhoso, mas não coloco a culpa nos meus pais e nem deixo a ausência deles me controlar.

Encarei seus olhos profundamente me busca de mentiras, mas a única coisa que encontrei foi seu olhar firme contra o meu. Ele não parecia estar mentindo, eu acreditava nas palavras de Leon. Tentei imagina-lo como um adolescente sozinho nas ruas vendendo o próprio corpo por dinheiro ou sabe lá mais o que. Senti meu coração se apertar dentro do peito, queria tocar seu rosto envolve-lo em meus braços consolar de alguma forma aquele Leon que parecia que havia se perdido no mundo, mas ele não havia terminado.

- Eu não tenho a menor idéia de como pais deveriam se comportar – ele continuou agora com mais ênfase- eu não sou nenhum exemplo a seguir, mas com certeza sua mãe também não está fazendo o melhor dos trabalhos! Mas, por que você aceita isso Elizabeth? Ouvir ela dizer tudo aquilo para você sem nem ao menos erguer a voz para revidar? O que há de errado com você?

- O que você queria que eu fizesse? – gritei de

volta arrancando a força a mão de Leon dos meus lábios – Você acha que ela iria simplesmente ficar ali em silêncio me ouvindo enquanto eu discordava dos planos que ela traçara pra mim?

- Sim! Era exatamente isso que você devia ter feito, e não se acovardar e colocar o rabo entre as pernas como você fez naquela sala!

- Você não me conhece! – respondi enfurecida sentindo as lágrimas pinicarem meus olhos – Não conhece minha mãe, ou as milhares de forma que ela tem de convencer uma pessoa.

- Você está certa, eu não conheço sua mãe, e depois disso eu realmente não tenho o mínimo interesse em conhece-la melhor, mas você Elizabeth com certeza eu posso dizer um ou duas coisas a respeito de você com certeza absoluta!

- É mesmo? – Meu corpo tremia, eu sentia como se ondas de fúria estivessem percorrendo de um passo a frente ficando apenas centímetros de Leon encarando bem dentro dos seus gélidos olhos azuis – E o que você teria a dizer sobre mim?

Leon segurou meu rosto firme com suas mãos erguendo-o em sua direção. Eu me apoiei em seus braços apenas para não perder o equilíbrio e cair em cima dele. O aroma dele chegava até mim

deixando cada pedaço da minha pele exposta em alerta. Eu me sentia completamente atraída por ele, como se aquilo estivesse desde sempre em minha natureza.

- Você é a mulher mais inteligente e cabeçadura que já existiu na face da terra – respondeu Leon num sussurro contra meus lábios, seu sotaque estava muito mais acentuado – Você tem esse jeito de exigir as coisas que me dá vontade de brigar com você a cada dois minutos. Você é tão linda que deixa minhas pernas tremendo como se eu fosse um adolescente que tivesse acabado de descobrir o sexo oposto. E você monopoliza completamente meus pensamentos e a noite meus sonhos e eu deveria odia-lá por isso e me manter afastado de você, mas quer saber de uma coisa. Eu não consigo!

- Leon você...

- Será que você pode ficar ao menos quieta, enquanto eu digo tudo isso para você de uma vez? Eu não acredito em amor Elizabeth, não fazendo o que eu faço para viver, mas quando estou com você, quando sinto seu toque sobre o meu eu quase chego a desejar que isso realmente exista.

- Leon – respondi sentindo uma lágrima

escorrer por minha bochecha – Isso não pode ser verdade. Por que está fazendo isso comigo?

- Por que você não pode acreditar? Por que sua mãe disse que um homem como eu não olharia duas vezes para alguém como você? Ela está enganada Elizabeth, ela nunca deveria ter dito isso para você. Meu deus você poderia ter o homem que desejasse a qualquer momento!

Eu realmente tentei responder mas existiam tantos soluços presos na minha garganta que era difícil respirar no momento. Leon trouxe meu corpo e aconchegou-o contra o seu promovendo uma outra onda de lágrimas que explodiram em meu corpo fazendo meus ombros chacoalharem loucamente.

- Ok – ele disse sua voz acima da minha cabeça agora que eu estava com meu rosto enterrado em seu pescoço – Eu provavelmente devo ter feito algo errado já que você não para de chorar. Digamos que essa não era a maneira que eu achei que você ia reagir.

- Como você esperava que eu reagisse? – perguntei indignada ainda aninhada contra seu pescoço. Eu não ia deixar que ele me olhasse, não depois que meu rosto devia estar parecendo um

desastre natural.

- Bem eu imaginei algo como beijos e roupas sendo espalhadas pelo chão.

Eu não consegui me conter e tentei pisar no pé dele com minha ridícula sandália de salto alto. Ele como sempre saiu melhor desviando facilmente do meu ataque.

- Você é tão pretensioso, deve ser o DNA francês – respondi com a voz abafada por seu pescoço – Você não consegue ser modesto nem quando é romântico? Além do mais eu duvido que continuaria com essa idéia depois que visse o estado atual do meu rosto.

Assim que disse a frase me arrependi amargamente pois Leon ergueu meu queixo obrigando-me a olhar em sua direção. Eu perdi o fôlego enquanto seus brilhantes olhos estavam sobre mim e seus lábios entre abertos tão próximos do meu.

Lentamente enquanto nos encarávamos Leon deslizou seus dedos pelo caminho que minhas lágrimas fizeram limpando-a com tanto carinho que eu senti meu coração tremular dentro do meu peito.

- Eu adoro seu rosto Elizabeth – ele disse tão

gentilmente que eu mal podia acreditar em meus ouvidos – O formato dele, a cor dos seus olhos e cada minúscula sarda em suas bochechas.

- Ninguém em sã consciência pode gostar das minhas sardas.

- Eu adoro elas – afirmou Leon – Eu poderia te provar isso beijando uma por uma, mas no momento eu prefiro beijar outra parte do seu corpo.

Eu não tive tempo para perguntar a Leon que parte seria, pois, os lábios dele estavam sobre os meus com tanta ânsia que eu esqueci completamente onde estava. Meus braços seguraram o corpo dele na necessidade de mantê-lo perto de mim. Como eu podia ter suportado tanto tempo estando longe dele? Eu precisava de Leon, da mesma forma que precisava de comida, água e oxigênio para sobreviver.

Eu respondi ao beijo ardente me entregando completamente aqueles desejos, aquelas sensações. A língua de Leon dançou com a minha dentro da minha boca, as mãos dele percorreram meu pescoço, descendo por minha clavícula deixando um rastro de chamas em meu corpo. Senti minha respiração ficar presa em minha garganta e afastei meu rosto afogueado de Leon sentindo como se

meu coração fosse explodir dentro do meu peito.

- Leon – sussurrei de formula trêmula contra seus lábios – Não podemos fazer isso aqui... minha mãe ela.

- Esqueça ela Elizabeth – pediu Leon e eu me assustei com a urgência que havia na voz de Leon – Por favor, não me peça para parar. Eu preciso de você.

Os lábios dele se chocaram contra os meus, numa explosão de sabor que retirou o fôlego dentro de meus pulmões. O gosto dele já estava registrado em minha mente de tal maneira que senti-lo novamente daquela forma foi como recuperar algo que havia sido tirado e mantido longe de mim, e agora o laço forte da saudade finalmente parecia ter se tornado mais frouxo ao redor de meu coração.

A parte racional em minha mente sabia que eu não deveria corresponder aquele beijo, mas meu corpo meu instinto tomou conta de minhas ações fazendo com que meus braços enlaçassem seu pescoço, meus dedos se perdendo na maciez do seu cabelo. Não deveria ser daquele jeito, daquela forma tão fácil tão deliciosa, deixando meu coração agitado como se fosse um pequeno beija-flor. Era para aquilo ser apenas um arranjo temporário entre

nós, algo puramente carnal, no máximo uma transação de negócios bem-sucedida. Então por que? Por que aquele beijo havia despertado aquele sentimento de júbilo que parecia aquecer todo meu peito?

Os lábios dele se desprenderam dos meus, apenas por um único instante para que pudéssemos recuperar nosso fôlego, as mãos dele posicionadas em minha cintura deixavam minha mente muito consciente do seu contato, a maneira como sua pele parecia queimar sobre o tecido diáfano do meu vestido.

- Leon... – choraminguei deixando que minhas pálpebras se fechassem perdida naquele momento. Havia tantas coisas acontecendo na minha cabeça naquele instante. Tantos pensamentos que conflitavam com os sentimentos que borbulhavam em meu peito, e toda aquela confusão me assustava. Era aterrorizante não compreender o que eu estava sentindo.

- Você tem algum protesto pra fazer? – perguntou ele subindo suas mãos, delicadamente de minha cintura pousando na base de meu pescoço, o simples toque enviou uma corrente de calafrio que percorreu todo meu corpo, a imagem do corpo dele

brotou em algum canto de minha mente, deixando minhas bochechas aquecidas. Eu jamais iria admitir em voz alta mas, desejava poder ver seu corpo novamente, apreciá-lo agora com mais paciência e desenvoltura embora eu não tivesse a mínima ideia de como fazer isso.

- Acho que essa é a primeira vez que consigo deixá-la completamente sem palavras – continuou Leon, suas lentas carícias, sua voz era como mel sobre minha pele exposta, seu polegar deslizando por meu lábio inferior, extremamente sensível e inchado. Naquele momento me sentia completamente dividida entre a necessidade de beijá-lo e continuarmos aquele diálogo que era extremamente importante em minha cabeça. – Eu gosto muito de você quieta Elizabeth.

- Aproveite enquanto pode, - respondi me aproximando mais dele enquanto minhas mãos escorriam por suas costas, minhas unhas grudando no tecido de seu terno elegante que provavelmente estava completamente amassado agora – Estou formulando argumentos completamente plausiv...

Ele me beijou novamente e não pude conter o riso nem a euforia em meu coração. Por que aquele contato era tão fácil? Por que estar com ele daquela

maneira fazia com que eu sentisse que era alto tão certo... Natural. Eu não sabia responder... Ao menos naquele instante não era capaz de aceitar aquela resposta que parecia rodear as bordas de meu coração.

- Você acha que meus beijos são bons argumentos? – perguntou Leon, enquanto se afastava de mim mais uma vez.

- Acho – respondi sendo completamente sincera, porque naquele momento a única coisa que eu queria era continuar em seus braços beijando-o por completo – Leon... Eu acho...que te amo...

As palavras escaparam de minha boca, como se tivessem criado vida própria. Dentro do meu peito meu coração saltou como se tivesse acabado de pular de um precipício. A minha frente os olhos azuis de Leon tornaram-se mais brilhantes enquanto o rosto dele assumia uma expressão que eu não era capaz de identificar. O silêncio entre nós se prolongou até que a única coisa preenchendo meus ouvidos era o som de nossas respirações enchendo o cômodo, toda aquela ansiedade deixou meu corpo esticado como a corda de um arco retesado, cruzando o pequeno espaço que nos separava, eu puxei o corpo dele contra o meu

PERIGOSAS NACIONAIS

fazendo com que nossos lábios se chocassem mais uma vez. Como se dessa maneira eu pudesse recuperar aquelas palavras que pareciam pairar sobre nossas cabeças de forma ameaçadora.

Uma parte de mim temeu que ele não fosse corresponder aquele beijo desengonçado e impensado, mas quando nossos lábios se encontraram novamente, Leon devorou minha boca com uma ferocidade que me deixou completamente extasiada fazendo com que todos os outros pensamentos fossem abandonados em minha cabeça então...

- Elizabeth! O que está acontecendo aqui?

A voz de minha mãe soou como um badalo de um sino muito próximo, fazendo com que nós dois nos separássemos ao mesmo tempo. Parada na porta, com uma mão sobre a fechadura lançando um olhar completamente severo em minha direção, observei minha mãe incapaz de encontrar uma resposta coerente pela primeira vez em minha vida.

Meu mundo inteiro estava completamente de cabeça para baixo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Catorze

Rolei por minha cama, pelo que pareceu ser a centésima vez consecutiva. O som dos lençóis raspando contra minha perna pareceu encher meus ouvidos, me deixando completamente ciente da ausência de sons ao meu redor, da forma como a escuridão acolhedora de meu quarto se fechava sobre minha cama mergulhando o mundo numa luz cinzenta azulada.

Não precisava olhar para o relógio que ficava sobre meu pequeno criado mudo, para saber que logo a madrugada estaria terminando, embora naquele momento a noite ainda se mantivesse completamente presente no céu. A festa organizada por minha mãe acabara apenas há algumas horas, e não fazia muito tempo que os últimos convidados haviam se retirados para seus quartos, ou mesmo voltado para seus hotéis ou casas alugadas. Todo aquele estardalhaço organizado por ela deveria ter me deixando completamente exausta, eu deveria estar dormindo naquele momento completamente vencida pelo cansaço, mas em compensação

PERIGOSAS ACHERON

continuava ali a mente em total alerta os pensamentos em completa desordem em minha cabeça, enquanto tinha a nítida sensação que deveria estar em qualquer outro lugar.... Mais precisamente no último quarto que ficava no corredor do andar de cima.

O pensamento enviou mais uma onda de desconforto me obrigando a mais uma vez buscar um lugar confortável em minha cama. Não importava qual era a minha linha de raciocínio, todos os meus pensamentos no final acabavam me levando até ele, como se meu próprio cérebro tivesse envolvido em algum tipo de complô me obrigando a encara-lo sem nenhum tipo de pausa.

Leon...

O nome dele ressoou em minha mente, me deixando ainda mais alerta e ansiosa embora eu não tivesse a mínima ideia do por que estava me sentindo assim. Era verdade que nós havíamos nos beijado... Mas, era normal reagir dessa maneira? Eu nunca havia me sentindo dessa forma em nenhuma das vezes que beijara antes...

Pensar em Leon, ou em nosso beijo enviou uma onda de desconforto que pareceu pairar sobre meu estômago como se de repente ele fosse mais leve

que meu próprio corpo. Eu já havia lido em centenas de livros, a descrição daquela sensação, como se houvessem borboletas flutuando em meu corpo, e embora a alusão fosse completamente implausível, eu poderia compreender agora completamente porque as pessoas insistiam em descrever aquela sensação daquela forma.

Era completamente impossível ter borboletas flutuando em meu estômago naquele momento... Mas, eu realmente sentia como se elas fossem completamente reais.

A única coisa que eu precisava fazer era pensar em Leon, e na forma como ele havia percorrido seus lábios macios contra os meus e pronto... Todo meu corpo parecia ser preenchido por todas aquelas sensações que estavam a flor da pele me impedindo de dormir.

Saber daquilo deveria ter sido o suficiente para me deixar irritada. O dia anterior havia sido cansativo, e observando a maneira como minha mãe parecia estar empenhada em fazer aquela festa acontecer, o amanhã estava repleto de uma promessa nefasta repleta de atividades que eu provavelmente iria detestar comparecer, e simplesmente não seria capaz de recusar. Um

pesadelo por completo. Aquilo deveria ser o suficiente para me deixar agoniada, mas meu cérebro simplesmente se recusava a se irritar, enquanto reprisava repetidamente atrás de minhas pálpebras o beijo que eu roubara de Leon na biblioteca, e todos os outros anteriores a ele, enquanto um sorriso tomava conta de meus lábios e se expandia na escuridão, embora aquilo fosse completamente tolo da minha parte já que nesse momento parecia que eu estava ignorando toda a cena que ocorrera depois.

A imagem do semblante de desagrado de minha mãe ainda era algo completamente nítido em minha mente, e pensar nela daquela forma foi o suficiente para acalmar um pouco as borboletas inexistente em meu estômago. Eu conhecia muito bem aquele olhar de ferro que ela me lançara, eu havia convivido com ele durante toda minha vida, e sabia que sempre que ele estava presente, algo de bom não iria acontecer, ao menos não para mim... A única diferença é que dessa vez eu não era capaz de me preocupar, porque toda vez que lembrava de cena de minha mãe surpreendendo a mim e Leon numa cena íntima na biblioteca eu só conseguia me preocupar com ele... E com o fato de que um

PERIGOSAS NACIONAIS

minuto atrás eu havia dito que eu o amava.

Quer dizer, eu dissera que tecnicamente achava que o amava, o que nem de longe melhorava em nada minha situação. Eu havia me declarado para Leon e isso simplesmente era um fato.

Rolando mais uma vez sobre a cama incapaz de conter minha ansiedade deixei que minha atenção recaísse sobre o teto acima de minha cabeça. Quando criança antes da separação meu pai havia me ajudado a colar estrelas no teto durante um fim de semana. A simples ideia havia me deixado completo empolgada e quando finalmente a última estrela estava guardada no teto eu não fora capaz de desviar minha atenção delas. Os pequenos adereços de plásticos que brilhavam num tom suave de verde neon quando estavam no escuro haviam sido dispostos sobre o teto seguindo os padrões das constelações que eu começava a aprender na escola, eu passara dias admirando aquela minha pequena proeza, feliz com o resultado final embora tivesse de ignorar as críticas de minha mãe a respeito da minha nova decoração de mal gosto, mas nos dias que se seguiram eu simplesmente não me importava desde que as estrelas continuassem no meu quarto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

As estrelas haviam sumido do meu teto, uma nova camada de tinta e decoração havia coberto meu quarto assim que eu deixara aquela casa para ir para a universidade. Escolhas da minha mãe. As pequenas marcas das estrelas que brilhavam na escuridão em minha infância haviam completamente desaparecido, restando apenas uma suave lembrança em minhas memórias.... Naquela época as coisas pareciam mais simples, a felicidade era encontrada da maneira mais natural possível, como em pequenos pedaços feitos de plásticos que brilham no escuro.... Quando é que tudo passara a se tornar tão complexo, deixando um gosto azedo em minha boca?

Um suspiro cansado, quase como um lamento escapou de meus lábios. Aquela situação existente entre eu e Leon havia escapado completamente do meu controle... Não era aquilo que eu havia planejado quando fizera aquela escolha, era para ser algo descomplicado, simples que não tivesse a chance de se transformar em algum tipo de laço... Então onde, eu havia errado? Como iria consertar aquela situação... E o mais importante, o que faria com aquele sentimento desconhecido e surpreendente que havia brotado em meu peito?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

As perguntas rodearam meu cérebro, numa sucessão ininterrupta, misturadas as lembranças do beijo e o gosto de Leon que ainda pairava entre meus lábios. As dúvidas se acumularam em minha mente, enquanto eu continuava me remexendo em minha cama, fazendo com que minhas pernas se emaranhassem cada vez mais nos lençóis até que tudo ao meu redor parecia estar conectado como um gigantesco nó numa rede que eu mesma estava tecendo, sem perceber o sono tomou conta da minha consciência, enquanto eu sonhava com estrelas coloridas, borboletas de asas agitadas que se transformavam em pontos de interrogação que não tinham respostas...

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Quinze

Talvez eu não devesse tentar prender meu cabelo dessa maneira. O pensamento correu por minha mente enquanto uma mecha teimosa escorria por minha testa. A tentativa patética de um coque levemente bagunçado pairava sobre minha cabeça como um ninho de passarinho abandonado. Se Brenda estivesse aqui ela com certeza saberia fazer algo com seu próprio cabelo e de alguma forma ela ainda seria capaz de consertar o meu mesmo que fizesse isso a contragosto. Ela sabia que de alguma forma precisava me pagar por todas aquelas aulas extras que eu dera em inúmeras madrugadas no último semestre. Mas, é claro que ela não estava ali naquele momento, e agora deixando que meu olhar recaísse sobre a tela do meu celular que estava sobre a penteadeira simplesmente não era mais possível mandar uma mensagem pedindo que ela viesse até meu quarto... Toda a situação parecia fora de controle e tecnicamente o dia nem ao menos havia começado.

Desviando meu olhar deixei que ele se focasse

em meu reflexo a minha frente. Nenhuma quantidade no mundo de maquiagem poderia esconder minhas olheiras naquele momento, ou mesmo a forma como minhas bochechas permaneciam constantemente coradas, enquanto a lembrança de Leon continuava permeando minha mente. Não havia nada de diferente naquele reflexo, o cabelo castanho comum, apenas um pouco mais embaraçado que o normal os mesmos olhos marrons escondidos por lentes de um óculos de leitura que algum tempo já estava fora de moda. Eu conhecia aquela garota minha vida inteira, e ao mesmo tempo não era capaz de reconhecê-la de jeito algum...

Deixando que minhas mãos caíssem sobre meu colo, enquanto o que parecia ser o centésimo suspiro escapava de meus lábios, tentei ignorar embora não fosse capaz a verdade que estava completamente evidente a minha frente, da mesma forma como aquele reflexo que eu simplesmente não era capaz de aceitar.

Estava me escondendo naquele quarto, deixando que o tempo se acumulasse do outro lado da porta em frente ao meu corredor, como se dessa forma em algum momento a coragem de encarar

Leon e todas as escolhas que eu fizera até aquele momento fosse aparecer como um passe de mágica.

Como um beijo podia ter mexido tanto assim comigo? Ou será que todos aqueles sentimentos já estavam ali dentro do meu coração e eu simplesmente não havia sido capaz de perceber isso? Ou não tivera a coragem?

Aquelas perguntas me fizeram desviar o olhar de meu reflexo, como se eu não fosse capaz de olhar para mim mesma enquanto pensava sobre aquilo. Tudo havia saído de controle, e a única coisa que eu conseguia fazer naquele momento era continuar enfurnada em meu quarto, revirando em minha mente da mesma maneira que fizera a noite toda incapaz de encontrar uma resposta. Era patético aquela situação.

O toque estridente como um sino de uma mensagem no celular, chamou minha atenção. Deslizando o polegar sobre a tela desbloqueando o aparelho, senti o estomago despencar em meu corpo quando notei as palavras sucintas de minha mãe no fundo branco. Ela estava requisitando minha presença e definitivamente se ela havia perdido seu tempo para me mandar uma mensagem isso significava que ela não estava fazendo um

pedido.

Lançando um olhar sobre os ombros para a porta do meu quarto trancada atrás de mim, pela primeira vez me perguntei que tipo de artifícios eu poderia usar para permanecer no quarto aquela tarde. Existia algum tipo de desculpa que você era capaz de conseguir quando se transformava num adulto para não ter de enfrentar os problemas da vida?

As pontas de minhas unhas, se apertaram contra a carne macia da palma de minha mão, um sinal de nervosismo que eu não era capaz de controlar, assim como as perguntas que se acumulavam em minha mente. Não queria encontrar minha mãe, eu a conhecia o suficiente para saber que ela faria uma espécie de interrogatório completo a respeito de Leon, e eu não estava preparada para lhe fornecer nenhuma resposta, porque nem mesmo eu era capaz de compreender o que estava acontecendo entre nós dois. Se é que realmente existia alguma coisa entre nós, a não ser um contrato que de alguma forma corria sério riscos de ter sido o pior erro da minha vida.

Com as pernas tremulas me obriguei a levantar, deixando que minhas mãos corressem pelo tecido

diáfano da saia que nada mais era do uma das milhares de escolhas que minha mãe fizera pra mim. O desejo de controle dela sempre havia sido capaz de alcançar até meu guarda roupa, e embora eu detestasse suas escolhas, nunca conseguira vencer naquele quesito ou mesmo em nenhum outro, ali dentro a palavra de minha mãe era absoluta.

Talvez fosse por isso que eu me sentia tão inadequada, e diminuída enquanto deixava que meus dedos se fechassem ao redor da maçaneta do meu quarto, deixando que meus passos me levassem até o corredor vazio, percorrendo o caminho que ia em direção ao salão de festas. O som de música pairava pelo ar assim como os aromas cítricos de laranja, maçã e canela, eu deveria estar me sentindo nostálgica e feliz de finalmente depois de tanto tempo estar de volta em casa, mas tudo o que realmente era capaz de sentir, era uma imensa sensação de incomodo, como se eu precisasse me esforçar constantemente para a caber naquele lugar, no papel que meus pais haviam desenhado para mim durante tanto tempo.

Sabia que aquele não era o momento para deixar que minha mente fosse inundada com tantas

perguntas, que causavam tanto desconforto, mas enquanto caminhava não conseguia afastá-las de minha mente, agora que finalmente eu começara a questionar toda a base da qual minha vida havia sido construída era como se não fosse capaz de conter a avalanche que inundava meu cérebro.

Como planejado eu havia deixado aquela casa para fazer faculdade, os anos que passara longe haviam me feito crescer ao menos no sentido intelectual da palavra. Eu sabia que meus pais se orgulhavam de mim, eu era uma filha exemplar, em quase todos os sentidos, embora também, tivesse consciência de que esperavam mais do meu comportamento. Eu sempre havia sido uma boa filha, mas eles desejavam uma filha excelente. Alguém capaz de estar ao lado deles interagindo com seus amigos, e percorrendo com elegância e desenvoltura os círculos sociais que eles frequentavam. Eu nunca fizera isso, e sendo bastante sincera comigo mesma sabia que jamais faria. Eu não me interessava por aquela vida de meus pais, e com o passar dos anos nossos laços haviam se tornado cada vez mais estreitos e distantes... Mesmo assim ali estava eu cumprindo meu papel esperado de filha exemplar incapaz de

responder porque embora toda aquela situação me deixasse completamente desconfortável...

Meus dedos pairaram sobre o corrimão polido de madeira num tom profundo de mogno enquanto meu olhar deslizava lentamente pelas pessoas que se aglomeravam em pequenos grupos no salão e no hall de entrada de minha casa. O ambiente tinha um ar alegre e divertido, risos e o som alto de conversas chegavam até mim numa atmosfera radiante... e completamente opressora.

Embaixo de minhas costelas, senti meu coração explodir enquanto gotas de suor se acumularam em minha nuca, e de repente me repreendi mentalmente por não ter tido mais força de vontade de tentar conseguir terminar de fazer algum penteado com a massa indisciplinada do meu cabelo. Agora o suor do meu nervosismo iria escorrer sobre minha blusa de seda, e eu já era capaz de ouvir o sermão que minha mãe iria discorrer, e somente de pensar nisso era o suficiente para fazer com que o ar fosse expelido muito rápido de meus pulmões me deixando completamente com a cabeça leve e então tudo sumiu da minha frente desaparecendo por completo enquanto minha atenção recaia sobre ele.

Parado de maneira displicente em frente a

PERIGOSAS ACHERON

porta, segurando uma taça de cidra em uma das mãos Leon parecia completa a vontade em minha casa, como se conhecesse o lugar durante toda sua vida. A contragosto um sorriso surgiu em meus lábios, e embora eu tivesse olhando em sua direção completamente maravilhada por sua imagem. Pela forma como ele vestia um jeans escuro camisa branca e um terno azul simples sobre ombros delgados, e meu coração tivesse duplicado a corrida enlouquecida em meu peito o nervosismo e a ansiedade que quase apenas alguns segundos atrás haviam me feito ter uma crise de pânico, agora pareciam serem empurrados para o fundo da minha mente.

Como ele podia fazer algo assim? Por que ele tinha aquele efeito em mim? Eu não sabia responder, mas naquele momento fiquei feliz que na mesma medida em que me sentia aliviada enquanto dava um passo adiante, sentindo meu corpo pesar como uma tonelada.

Os degraus da escada pareciam terem duplicado enquanto eu me esforçava para colocar um pé após o outro me concentrando para não cair. Eu não o conhecia... Não de verdade e a maneira como nos encontramos era completamente inusitada, nada

ortodoxa e provavelmente sempre seria criticada pelas pessoas que ficassem sabendo da história, mas ali naquele momento enquanto eu deixava que meu olhar ficasse preso a Leon eu não era capaz de me arrepender em nada da escolha que fizera.

Desconforto...

Havia sido isso de uma maneira pura e simples que me levava a encabeçar aquele plano. Como eu pudera acreditar que todos meus problemas seriam resolvidos quando eu perdesse minha virgindade? Como isso poderia me fazer me sentir mais mulher, madura ou adulta?

Pensar nisso agora causava um desconforto envergonhado em minhas entranhas, um tipo que eu jamais havia sentido em minha vida, porque nunca me dera a chance de me sentir daquela maneira. Porque nunca fora sincera comigo para admitir que eu não tinha todas as respostas, que me sentia incompleta e frustrada como qualquer outro ser humano no mundo, que eu também tentava me encaixar, e que o mundo era muito maior do que eu tinha julgado dentro da minha bolha que meus pais haviam passado tanto tempo e esmero construindo.

Tantas coisas podiam ter dado naquele plano que eu executara com tanta confiança... Que a

simples ideia fazia com que um calafrio agourento escorrer por minha espinha... Mas, o acaso que nada mais era do que o caos ou mesmo o movimento de entropia do universo, me fizeram encontra-lo... e me apaixonar por ele... E dessa vez aquele sentimento que fervilhava em meu coração não era uma dúvida mas uma certeza...

- Leon... – minha voz saiu esganiçada da minha garganta, como se alguém tivesse espremendo para fora as palavras em minha laringe. Como eu havia chegado até ele tão rápido? Apenas um segundo atrás parecia existir um quilometro inteiro nos separando.

- Elizabeth – respondeu Leon. A voz dele era controlada e quando os olhos dele se ergueram em minha direção havia algo ali que pela primeira vez eu não sabia dizer o que era. Quase como se ele precisasse esconder por um momento algo que ele não queria que eu encontrasse dentro de si.

Parados em frente a porta olhando em direção um ao outro em silêncio como se não houvesse mais ninguém no mundo, ignorando completamente todas as outras pessoas ao redor, tentei conter as palavras que subiam até minha garganta. A parte racional em meu cérebro sabia

muito bem que aquele não era o momento, o lugar e que provavelmente eu precisava de algum tempo para pensar melhor e raciocinar tudo o que estava sentindo naquele momento, mas aparentemente meu coração que havia sido negligenciado durante toda minha vida, não me daria o benefício da dúvida.

- Leon precisamos conversar! – Eu disse de maneira completamente incisiva e contundente, embora não soubesse nem mesmo por onde começar a dizer o que eu realmente queria naquele momento. Era como se eu estivesse possuída.

- Eu sabia que você diria isso. – respondeu ele de maneira sucinta desviando seu olhar – Mas, não se preocupe eu não pretendo fazer isso ainda mais desconfortável pra você...

- Eu não estou desconfortável.

- É lógico que está Elizabeth, basta perceber como você constantemente continua mastigando seu lábio inferior, se continuar dessa maneira...

- Quer dizer eu estou desconfortável – respondi de maneira irritadiça enquanto o interrompia pela segunda vez consecutiva – Mas, isso não é culpa sua... Por que seria?

Um olhar de surpresa e incredulidade mesclou-

PERIGOSAS NACIONAIS

se no rosto de Leon, enquanto ela desviava sua atenção para algo além de minhas costas, como se de repente ele não fosse mais capaz de continuar a me encarar de frente.

- Bem talvez eu tenha me enganado. – disse ele de maneira muito tranquila – Mas, imaginei que depois de ontem a noite você estaria desconfortável, afinal de contas você tinha deixado bem claro que nosso acordo era estritamente profissional.

- Você não precisa me lembrar disso Leon, sei exatamente o que eu disse pra você... Mas, embora minha parte racional devesse estar realmente desconfortável por ontem à noite... Eu não consigo me arrepender do nosso beijo. Nem mesmo do que eu lhe disse... Leon eu...

- Claramente você não está dizendo coisa, com coisa – respondeu Leon, com um olhar de espanto percorrendo seu rosto enquanto sua mão pousava sobre meu braço atraindo meu corpo para o seu deixando que a cor do azul suave de sua íris ficasse muito mais próxima. – Não interessa o que aconteceu entre nós ontem na biblioteca, aquilo foi um erro. Eu não deveria ter me deixado levar pelo momento, e claramente você está confusa.

PERIGOSAS ACHERON

- Não estou confusa – respondi de maneira enfática, me sentindo completamente contrariada pelo jeito que ele afirmava saber mais dos meus sentimentos do eu mesma – Eu sei exatamente o que estou sentindo nesse momento. Muito obrigada.

- Ah é mesmo, então por favor vamos esclarecer esses sentimentos. Estou curioso.

- Eu... gosto de você Leon.. Eu te...

- Por favor Elizabeth não diga isso – pediu ele num sussurro de voz fechando os olhos como se a simples menção aquelas palavras lhe trouxessem um profundo desconforto.

- Mas Leon – respondi sentindo meu coração pesar como pedra dentro de meu peito – O que você quer que eu faça? Essa é a verdade eu tenho sentimentos por você. Eu não esperava que algo assim fosse acontecer, mas é verdade!

O tom contundente de minhas palavras atraiu a atenção de duas mulheres que passavam ao nosso lado, seus olhares lançados em nossa direção repleto de uma curiosidade mórbida, mas naquele momento eu não podia ligar menos para aquele tipo de atenção, quando todos meus instintos e pensamentos estavam fixos no homem a minha

frente.

- Você está confusa. Não tem a menor ideia do que está falando.

- Eu estou dizendo que te amo Leon, por que é tão difícil assim você acreditar em mim!

- Por que eu sou a porra de um garoto de programa que você conhece a menos de três meses, e que pagou para te levar pra cama. Me explica como pode existir amor entre nós dois!

Até aquele momento eu nunca havia entendido porque as pessoas tinham a mania de dizer que palavras podiam machucar tanto quanto ações, mas naquele momento as palavras de Leon haviam sido capazes de perfurar meu peito, ferindo meu coração que batia com uma dor aguda dentro de meu peito.

Eu não era capaz de explicar aquilo que ele me pedia. Meu conhecimento em física quântica naquele momento não passava de um amontoado de dados insignificantes. Eu não tinha a capacidade de explicar o amor, ou mesmo como ele surgira dentro do meu peito. Apenas era capaz de senti-lo com uma clareza absoluta naquele momento embora não tivesse a mínima ideia de como iria colocar aquele sentimento em palavras.

- Elizabeth. O que você está fazendo?

A voz de minha mãe me chamou de volta para a realidade, como se uma bolha de sabão estivesse explodindo bem a minha frente, lançando um olhar assustado em sua direção, percebi que minha conversa com Leon estava sendo observada como um espetáculo por todos ao redor. O ardor em minhas bochechas tornou-se quase que insuportável enquanto eu tentava imaginar o quanto aquela audiência poderia ter ouvido. Naquele momento eu não sabia dizer como aquilo poderia ficar pior.

- A mesa já está posta – disse minha mãe de forma muito elegante, virando-se de costas para mim, enquanto sua figura regia se erguia no meio daquela confusão como um baluarte de requinte atraindo a atenção de todos – Porque não damos início ao almoço?

A pequena multidão que havia se aglomerado ao entorno dele pareceu se dispersar a contragosto em direção a sala de jantar, mas sua mãe permaneceu ali as costas rígidas usando um vestido elegantemente costurado num tom profundo de vinho, como se ela fosse a própria encarnação do outono. Lançando um olhar gélido em sua direção, dizendo:

- Elizabeth venha aqui imediatamente!

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não queria siga-la ou mesmo dar nenhuma explicação naquele momento, mas sabia muito bem que contrariar minha mãe quando ela tinha dado uma ordem direta definitivamente não era uma boa ideia. Agarrando a mão de Leon, segui a passos rápidos dela enquanto tentava bolar algo em minha mente, uma desculpa que fosse no mínimo convincente para poder sair dali e continuar a conversa que eu verdadeiramente desejava.

Para minha surpresa os passos apressados de minha mãe não foram muito longe, contornando a biblioteca na parte mais ao sul da casa, vi ela sair por uma das portas francesas que davam acesso aos jardins laterais. Ali o murmúrio das vozes reunidas na sala de jantar era completamente indistinto. Definitivamente ninguém naquele momento seria capaz de nos ouvir.

- Elizabeth. O que em nome de Deus você pensa estar fazendo?

A voz dela soou como um chicote enquanto ela se virava para olhar em minha direção, cruzando os braços em frente ao seu trono, numa clássica demonstração de descontentamento.

- Eu não estava fazendo nada demais, nossa conversa era privada, as pessoas apenas...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não me venha com nenhum tipo de desculpa barata – interrompeu minha mãe erguendo seu tom de voz de uma maneira que eu jamais a vira fazer – Eu quero saber, onde você estava com a cabeça de trazer um homem com esse para dentro da minha casa?

O olhar de pedra dela se desviou para Leon atrás de minhas costas, não tive coragem o suficiente para encara-lo naquela situação, mas minha mão direita que continuava em seu braço apertou-o ainda mais próximo a mim, como se dessa forma eu pudesse protege-lo de alguma maneira.

- Mãe, não é o que você está pensando.

- Você sabe o que esse rapaz, se é que realmente podemos chama-lo assim faz para viver?

- Mãe eu...

- Seu comportamento estava completamente diferente, desde que chegou aqui em casa. É claro que isso só pode ser esse tipo de influência. Pensei que eu tivesse lhe ensinado melhor. Que você fosse uma garota mais inteligente...

- Não diga isso – respondi tentando conter o tremor que agora percorria todo meu corpo, deixando até mesmo minhas palavras bambas. Eu

PERIGOSAS ACHERON

nunca havia sido capaz de me defender de minha mãe quando ela começava algum tipo de crítica. Sua eloquência, seu raciocínio rápido e o jeito que ela criava as sentenças sempre eram superiores ao meu. Era uma batalha perdida antes mesmo que eu começasse a me defender, mas dessa vez eu não era a única que precisava ser protegida. – Você não sabe de toda a história... Você não o conhece não pode julgá-la apenas por suposições.

- Suposições? Não estamos falando de teorias aqui garota, mas de um fato. Você trouxe um garoto de programa pra dentro da minha casa!

As palavras dela ecoaram no silêncio vazio do jardim, enquanto eram carregadas pelo vento, atrás de mim o suspiro resignado de Leon foi abafado por um trovão que estourou ao longe. As costas de minha mãe nuvens negras encobriam um pálido sol outonal, antes o fim da tarde muito provavelmente a chuva estaria cobrindo aquele jardim arruinando a festa tão meticulosamente planejada que ela preparara para hoje à noite. Uma parte de mim sentia-se quase contente ao perceber isso.

Apertando meus lábios muito firmes um contra o outro, deixei que minha língua corresse por eles que estavam secos como se eu tivesse engolido um

punhado de areia. Meu coração disparado em meu peito deixava os pensamentos em minha mente frenéticos, mas eu busquei manter a calma embora uma raiva desconhecida que eu nunca tivesse sentido fervilhasse em meu sangue. Pela primeira vez eu queria enfrentar a mulher a minha frente e não perder.

- Ele não é apenas um garoto de programa – respondi forçando as palavras para fora dos meus dentes com muita dificuldade enquanto tentava manter o que havia sobrado da minha compostura – Ele é meu convidado, e você não deveria estar falando com ele nesse tom.

- Você ousa me contrariar? Por causa dele? – perguntou minha mãe, horror tingindo suas feições bonitas deixando-a completamente pálida – Você consegue se ouvir garota? Ele é o tipo de pessoa que você deveria manter sua distância...

- Por que mãe? O que há de tão errado assim nele. Eu o procurei, se você realmente insiste tanto em saber! Fui eu quem paguei pra que ele me levasse para cama e...

A onda de choque e dor se infiltrou por meu rosto, enquanto eu absorvia o choque do tapa que minha mãe havia me dado. Ao fundo um novo

trovão explodiu sobre nossas cabeças, enquanto lágrimas quentes e frescas subiam até meus olhos. Algo se moveu dentro das minhas entranhas, quente viscoso e sem nome uma raiva que parecia estar misturada com mágoa e queimou o fundo da minha garganta enquanto eu dizia:

- Você me bateu... Você nunca encostou um dedo em mim antes. Faz meses que eu não volto para casa, você não me abraçou uma única vez e agora...

- Eu sou sua mãe, eu tenho direito de tentar colocar um pouco de juízo em sua cabeça.

- Mãe... Eu sou uma mulher adulta e você não tem direito algum de me tratar dessa forma, ou ao Leon.

O choque tomou conta das feições da minha mãe, e alguma outra coisa que eu não sabia realmente nomear. Os olhos castanhos dela idênticos aos meus se espantaram enquanto olhavam em minha direção, como se ela estivesse me enxergando pela primeira vez. Como se ela não pudesse reconhecer a própria filha.

- Elizabeth...

A voz de Leon perfurou a raiva que parecia minha mente naquele instante, o toque suave da

mão dele se infiltrou sobre minha pele me ancorando naquela realidade, desconhecida e caótica que eu mesmo havia criado mesmo assim não era capaz de compreender.

- Mãe... – comecei tentando recuperar um pouco do autocontrole que parecia escapar cada vez mais das minhas mãos.

- Eu não entendo Elizabeth – continuou minha mãe dando um passo em minha direção, determinação brilhando em seus olhos enquanto ela me encarava de cima abaixo – Por que está fazendo isso? É algum tipo de rebeldia tardia, uma espécie de revolta adolescente. Você sempre foi uma filha exemplar. Sabe o quão preocupado eu e seu pai estamos, pelas escolhas que você está fazendo? Se associar com esse tipo de gente.

- Eu já pedi para você não se referir ao Leon dessa maneira....

- E você continua o defendendo. Será que não consegue ver o que está fazendo de errado?

- É a minha vida mãe! – respondi também erguendo meu tom de voz – Será que nem ao menos de fazer meus próprios erros?

A dor se infiltrou por meu peito espalhando-se até que todo meu corpo estava dormente. Nunca

antes eu havia discutido ou mesmo brigado com minha mãe daquela maneira... Na verdade durante toda minha vida eu nunca havia erguido minha voz naquele tom. Eu não tinha ideia de como minha garganta podia arder por dentro, assim como meu nariz enquanto eu tentava conter lágrimas quentes dentro dos meus olhos, sentindo como se houvesse uma tempestade rugir dentro do meu peito.

Era um sentimento avassalador e gigantesco que eu não sabia como era possível caber dentro de mim. A racionalidade havia sido deixada de lado em meu cérebro e tudo o que eu respondia, ou mesmo pensava naquele instante era apenas um reflexo. Como se depois de todos aqueles anos eu simplesmente não fosse mais capaz de conter aquela represa.

- Você não está se ouvindo. Essa conversa toda já foi longe demais isso é ridículo Elizabeth. E você – disse ela erguendo um dedo ameaçador diante de Leon apontando-lhe em direção a uma das portas de trás da casa – Eu quero que você saia da minha propriedade imediatamente.

- Mãe, você não pode fazer isso! – rebatei enquanto sentia meus dedos se infiltrarem ainda mais pela manga do terno de Leon.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ah é mesmo, então me de um único bom motivo...

- Eu já lhe disse que ele é meu convidado, além do mais... Eu amo ele.

Um novo trovão explodiu sobre nossas cabeças, dessa vez acompanhado por um clarão logo em seguida. O ar no jardim se eletrificou enquanto as árvores balançaram profundamente enquanto a chuva despencava sobre a casa, mas tudo isso foi abafado pelas risadas de minha mãe que encheram meus ouvidos.

- Você só pode estar brincando Elizabeth, isso tem que ser algum tipo de piada de extremo mau gosto.

- Eu nunca estive mais séria em toda minha vida – respondi, sentindo as bordas do meu coração se contorcerem enquanto observavam o sorriso irônico se infiltrar por meu rosto.

- É mesmo, então vamos ver, o que nosso amigo aqui tem a dizer sobre isso.

Empurrando-me para o lado como se eu não passasse de algum tipo de decoração inoportuna, observei minha mãe, encarar Leon de frente enquanto lhe perguntava:

- Você sabia disso? Dos sentimentos de minha

PERIGOSAS ACHERON

filha por você. Isso seria algo recíproco?

As palavras dela pareceram vibrar no ar, eletrificando minha pele fazendo com que os pelos em meus braços ficassem expostos. Erguendo seu rosto, Leon desviou sua atenção de minha mãe, pousando seu olhar em mim, lento longo duradouro e azul como o céu tempestuoso acima de nossas cabeças.

Se aquele momento fosse um filme, ou os milhares de livros que decoravam a estante de minha mãe as histórias românticas que minha amiga Brenda devorava uma após a outra, então eu sabia que naquele momento ele teria concordado com aquela afirmação. No mais brilhante dos meus sonhos ele teria dito que sentia o mesmo, e então toda aquela briga aquela discussão irracional e sem sentindo finalmente teria valido seu preço. Mas, quando o silêncio ressoou em meus ouvidos a única coisa que eu podia ouvir além do barulho da tempestade, era o som quase inaudível de meu coração se partindo em meu peito.

- Me desculpe Elizabeth... Você sabia que não existia um futuro para nós.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Dezesseis.

Minha mão se soltou do seu braço, como se o simples toque dele pudesse me machucar. A sensação que se infiltrou por meu peito era estranha e inédita ao mesmo tempo. Como se um formigamento se alastrasse por meu corpo, fazendo com que a dor que eu sentia chegasse até minha sobre várias camadas.

- Ao menos alguém aqui ainda parece manter um pouco de sanidade – continuou minha mãe, assumindo novamente sua postura ereta e comportada. Diante dela aquela era uma cena que ela era capaz de compreender, seu mundo comportado e completamente planejado não permitia a existência de filhas desobedientes guiadas por instintos tolos e ingênuos, mas desde que elas pudessem aprender disso como uma experiência transformadora então ela poderia suportar minha transgressão.

Naquele momento eu não poderia me importar menos com a opinião da minha mãe, segurar as lágrimas havia se tornado um trabalho impossível,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma gota escaldante escorreu por meu queixo deixando uma sensação como se minha pele tivesse ficado marcada.

Eu queria desviar minha atenção do rosto de Leon, era agonizante continuar a olhar em sua direção, mas não conseguia encontrar forças para fazer isso ou palavras naquele momento, era como se eu fosse apenas uma expectadora do que acontecia minha vida bem diante de meus olhos, incapaz de opinar ou mesmo decidir o que aconteceria.

- Espero que você não pretenda continuar qualquer tipo de acordo financeiro ou não com minha filha – disse minha mãe, sua voz soando fria até mesmo para meus ouvidos – A questão financeira pode ser acertada entre nós mais tarde...

- Eu não quero seu dinheiro.

- Então por favor, faça a gentileza de se retirar daqui. Você não é bem-vindo debaixo do meu teto.

Por um segundo apenas num único vislumbre eu pude ver o desconforto tomar as feições de Leon, como se com aquelas últimas palavras minha mãe finalmente pudesse também tê-lo machucado, mas o momento passou tão rápido que eu achei que simplesmente não existira.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lançando um último olhar na minha direção, Leon virou suas costas e saiu andando a passos apressados de nossa presença como se nunca mais tivesse qualquer intenção de voltar.

- Leon — murmurei no último instante recuperando os movimentos de meus lábios.

- Elizabeth chega dessa loucura.

Os dedos de minha mãe se infiltraram por meus ombros, seu rosto tomando conta de toa minha visão. Havia raiva e seu olhar e também descrença, embora por cima de tudo estava uma espécie de alívio que ela não era capaz de esconder.

Agora eu era capaz de compreender, minha mãe não se importava com meus sentimentos. Não de verdade, ela até mesmo podia acreditar que eu me apaixonara por Leon, mas isso era algo que não estava em seus planos, na visão que ela planejara para meu futuro. Para o bem ou para o mal minha mãe só era capaz de se importar comigo desde que eu respondesse as suas expectativas.

Saber daquilo fez com que o frio deslizesse por meu corpo, enquanto um tom acinzentado de solidão cobria meus membros me deixando estática diante dela, incapaz de prestar atenção em suas palavras.

PERIGOSAS ACHERON

- Nós teremos uma conversa muito seria assim que essa festa terminar. E não pense que você está liberada de suas obrigações, lave seu rosto aprume seu corpo e entre lá dentro. Você é a minha filha haja como tal.

Não fui capaz de encontrar minha língua dentro de minha boca para lhe dar alguma resposta, qualquer que fosse erguendo seu rosto ela virou seu corpo me deixando sozinha ali fora seus passos ressoando no piso de mármore como se tivesse ganhado uma batalha.

Assim que percebi que finalmente estava sozinha, mais lágrimas escorreram por meu rosto enquanto um murmúrio angustiado escapava dos meus lábios. Erguendo minhas mãos deixei que elas enlaçassem a base do meu corpo num abraço dolorido, enquanto tentava respirar com mais calma para diminuir as batidas frenéticas do meu coração.

Era difícil respirar, embora meus lábios estivessem abertos o ar parecia insuficiente em meus pulmões, meus pensamentos eram uma massa confusa e estranha que eu não era capaz de reconhecer.

Eu me sentia exposta e em carne viva tudo me atingindo em sua máxima potência. Então aquilo

era o que eles chamavam ‘ a dor do amor’? Era ridículo, a pior sensação do mundo, a angústia parecia um ser vivo devorando meu peito. Quem em sã consciência iria querer se apaixonar se soubesse que em alguém momento teria que passar por algo como aquilo?

Mais lágrimas escorreram por meu rosto, enquanto eu caminhava de forma trôpega pela área coberta que dava acesso ao jardim, até que minhas costas tivessem se escorado contra a parede, um apoio firme mais do que bem-vindo naquele momento.

Como meu plano podia ter dado tão errado daquela maneira? Eu havia feito todos os cálculos, pesquisas planejamento. Era para ter sido algo preciso, simples e sem qualquer complicação. Não era para ter existido amor, ou qualquer um daqueles sentimentos que avolumavam em meu coração naquele momento. Eu não sabia lidar com eles, eu não os queria. Era doloroso demais, difícil, impossível. Amar era um pesadelo sim fim.

O som de passos soou no corredor, olhando para a esquerda pude ver uma figura se aproximar correndo saindo da chuva. Me virei rapidamente tentando fazer minha presença invisível. Eu não

tinha nenhuma condição de encarar ninguém naquele momento, e precisava de um pouco de privacidade para chorar minhas mágoas sozinhas e lamber minhas feridas.

Os passos se aproximaram rápidos até desaparecerem a poucos metros de distância-, enquanto uma voz conhecida chamada em minhas costas:

- Liz? O que aconteceu? Por que você está aqui sozinha?

Virei meu rosto sobre meu pescoço parar encontrar a figura de Brenda. Os cabelos cacheados dela exibiam gotas de chuva como perolas, a maquiagem marrom escura estava levemente borrada ao redor dos seus olhos verdes. Molhada daquela forma, carregando sandálias de salto alto em uma das mãos, ela era a imagem da garota sapeca divertida e linguaruda que havia sido minha primeira amiga na infância.

Eu não me lembrava quanto tempo havia se passado entre nós. Brenda era minha vizinha a única criança morando num condomínio fechado de alto padrão, o que naturalmente havia nos transformado em amigas imediatamente. Aqueles primeiros anos haviam sido cheios de brincadeiras

e descobertas; quando fora que as coisas entre nós se transformou em algo estranho? Mais distante e menos íntimo... Quando ela deixou de estar presente na minha vida...

Ou teria sido o contrário? As lembranças em minha mente sobre o colegial invadiram minha memória. Aquela não havia sido uma época da qual eu gostava de recordar. Eu nunca havia sido capaz de me enquadrar realmente, fazer parte de um grupo... Diferente de Brenda. Talvez tivesse sido naquele momento que nossos caminhos tornaram-se mais afastados.

- Meu Deus do que aconteceu com você, você está bem? – perguntou ela se aproximando, deixando que as sandálias que carregava em suas mãos caíssem no chão sem nenhuma cerimônia, enquanto segurava meus ombros me forçando a olhar em seu rosto – Liz, você está chorando o que aconteceu? Onde está Leon?

- Eu... Não sei nem ao menos como te explicar.

- Bem você pode começar do início. Por que você está chorando?

- Brenda... – respondi num fio de voz, incapaz de conter um novo fluxo de lágrimas – Você não entende... Acho que eu estou apaixonada.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Isso seria um excelente motivo para estar chorando. Claro desde que essas lágrimas sejam de felicidade...

- Minh mãe descobriu a respeito de Leon, de todo o plano de que ele é um garoto de programa e eu paguei pra ele me levar pra cama e... Meu Deus Brenda, eu amo ele...

- Bem, demorou um pouco mais do que eu esperava para você perceber, mas finalmente.

- Como...? Como você sabia que eu. Eu nunca imaginei que isso fosse acontecer comigo.

- Não se preocupe Liz. O amor é algo repugnante e maravilhoso praticado por todos nós.

- Não você não está entendendo... Eu não posso ama-lo Liz eu...

- Por que não? Com certeza isso é algum tipo de regra idiota e preconceituosa da sua mãe que...

- Não posso ama-lo Brenda, porque ele não me ama...Eu não sei o que fazer com esse sentimento.

- Quem disse isso? – perguntou Brenda, seus dedos apertando meus ombros de forma dolorida.

- Leon.

- Ele disse que não te ama? – perguntou minha amiga parecendo completamente horrorizada e surpresa ao mesmo tempo – Mas, eu tinha certeza

PERIGOSAS ACHERON

que...

- Leon disse que não podemos ter futuro...

- Liz isso não é a mesma coisa. Onde ele está?

-Eu não sei Brenda... Ele simplesmente foi embora.

Meu olhar se focou ao dela, enquanto as batidas de meu coração pareciam soar de forma dolorida dentro do meu peito. Olhando no rosto conhecido de minha amiga, percebi pela primeira vez que não sabia o que fazer. As perguntas se acumulavam dentro da minha cabeça, como se estivessem se debatendo dentro das paredes do meu cérebro.

- O que eu faço? Não sei o que fazer...

As palavras deslizaram dos meus lábios como se estivessem escorregado quase sem intenção, minha pergunta pairando entre nós duas como se fosse mais pesada que o próprio ar.

- Vá atrás dele! Agora! – gritou Brenda, os dedos dela se apertando contra meus ombros, suas unhas raspando a parte frágil do tecido do meu vestido. Sem nenhum cuidado ela me empurrou em direção ao jardim, grossas gotas de chuva me atingindo com força contra meu rosto.

- Mas... Brenda eu... Como posso ir atrás dele? Você não entende, ele disse que não gosta de mim

eu não quero...

- Não me interessa Liz. Você quer uma resposta, vá conseguir uma dele. Agora, porque a única coisa que eu tenho certeza é de que se você não for atrás dele nesse exato momento, vai se arrepender pelo resto da sua vida.

As palavras dela me atingiram com força, quase como se tivessem me tocado fisicamente, por um momento que passou rápido demais, era como se todo o mundo tivesse parado ao nosso redor. A parte racional em meu cérebro me dizia que nada daquilo que ela estava me dizendo tinha algum sentido, mas meu coração acreditou completamente em suas palavras, e antes mesmo que eu tivesse percebido minhas pernas se mexeram como se tivesse vontade própria, correndo me levando para dentro do jardim.

Pela primeira vez em minha vida, eu estava seguindo o conselho de uma outra pessoa, e a esperança quase difusa que teimava em continuar enraizada dentro do meu coração. Com a chuva batendo contra meu rosto, corri pelo jardim da minha casa de infância, esperando ainda ser capaz de encontra-lo, torcendo para que minha história e a de Leon, não tivesse chegado a seu capítulo final.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Dezesete

O salto dos meus sapatos se afundou na grama encharcada embaixo de meus pés deixando meus passos difíceis e perigosos. Na terceira vez quando meu pé, se infiltrou por um buraco escondido no chão graças a chuva torrencial que caia sobre minha cabeça, desisti de continuar com aquilo, e retirei as sandálias largando-as de qualquer maneira no gramado atrás de mim.

Naquele momento eu não era capaz de imaginar o que alguém poderia pensar me vendo correr segurando meu vestido pesado contra os joelhos completamente molhada enquanto corria pelo jardim. Torcia para que todos os convidados estivessem seguros e bem secos aproveitando o almoço que minha mãe se esforçara tanto em organizar, ficando completamente longe das janelas.

Eu não era capaz de encontrar nenhuma explicação razoável para meu comportamento, e se fosse extremamente sincera pela primeira vez não me importava nem um pouco com o que as pessoas

PERIGOSAS ACHERON

poderiam supor de minhas ações.

Aquele sentimento de liberdade era extasiante, ao mesmo tempo que aterrorizador. Eu nunca até aquele momento havia agido seguindo apenas meus instintos, todas minhas decisões, escolhas haviam sido pautadas no racional planejadas tudo o que eu fizera possuía um proposito bem delimitado, deixar que o destino o acaso e meu coração guiassem meus passos era assustador... Por que se tudo aquilo, todos meus esforços fossem em vão então como eu poderia me recuperar dessas escolhas? Como eu iria explica-las a mim mesma?

Tentei afastar aqueles pensamentos de minha cabeça, enquanto continuava a correr, o fôlego preso em minha garganta queimava enquanto o esforço de continuar me movimentado deixava minhas pernas tremulas, cada passo provando ser mais difícil que o outro.

A chuva forte se transformara num temporal fazendo com que a água escorresse dos seus sem nenhum tipo de piedade. A minha frente o mundo parecia encoberto por uma cortina cinzenta, o vento chicoteando as gotas de chuva contra meu corpo de forma dolorida, enquanto eu precisava levar uma das mãos em frente ao rosto para enxergar poucos

metros a minha frente.

Eu havia contornado a casa pelos fundos indo em direção a parte mais afastada da propriedade. Aquela casa estava na família da minha mãe a três gerações, que se orgulhavam dos imensos terrenos do pequeno bosque que circundava toda a extensão da propriedade terminando num lago rodeado por algumas colinas.

Não tinha a menor ideia se Leon tinha tomado aquele caminho ou qualquer outro, mas de onde estávamos o jardim principal dava acesso apenas aquele ponto ao fundo da residência. Ele provavelmente teria tomado aquele caminho... Ou será que eu estava enganada e ele havia feito algum tipo de desvio tentando se esconder da chuva?

O medo me assaltou deixando meu corpo ainda mais trêmulo enquanto ondas de frio deslizavam por meus membros, as pontas dos meus dedos que seguraram a barra de minha saia e meus pés estavam completamente insensíveis, eu não conseguiria continuar daquela maneira por muito tempo... O pensamento se infiltrou por minha mente, enquanto a parte racional em meu cérebro gritava de maneira muito audível para que eu simplesmente interrompesse aquela loucura.

PERIGOSAS NACIONAIS

Resolvendo ignorar essa parte por completo, impulsionei meu corpo adiante torcendo para encontra-lo, dizendo a mim mesma que continuaria ali fora o tempo que fosse necessário, sabendo que eu não era capaz de desistir.

Há poucos metros a frente percebi o contorno sombreado do bosque surgindo em minha visão, as copas das árvores se envergavam com força os galhos nus expostos por completos enquanto folhas multicoloridas voavam em todas as direções, enquanto outras pousavam ao longe sobre a superfície cinza mercúrio do lago metros mais adiante.

Usando o que restara das forças em minha perna subi a colina mais próxima, enquanto meus pés escorregavam na grama molhada meus dedos se enlameando por completo. Não era capaz de imaginar a expressão da minha mãe quando voltasse para casa, era como se naquele momento eu tivesse tentando compensar anos de brincadeiras ao ar livre e bolos de lama que ela nunca tinha me dado a chance de praticar.

Os músculos em minha panturrilha protestavam enquanto eu subia a colina, mas assim que alcancei o topo meus pulmões conseguiram respirar de

PERIGOSAS ACHERON

maneira mais aliviada, enquanto gotículas de chuva se prendiam em meus cílios. Girando meu corpo notei que minha casa estava ao longe em minhas costas, completamente iluminada e parecendo aconchegante enquanto eu continuava ali fora encharcada. Deixei então que meu olhar percorresse toda a extensão da propriedade buscando encontra-lo, torcendo, rezando por alguma espécie de milagre acontecer naquele momento.

Por um momento longo que deixou meu coração pesado e frio dentro do meu peito, tudo o que havia diante de mim era uma chuva gélida e constante e árvores seminuas que não ofereciam nenhum tipo de abrigo com seus galhos retorcidos, até que ao longe eu consegui encontrar um pequeno ponto azul, se movendo rapidamente e com dificuldade que tentava contornar o lago.

- Leon!

Meu grito foi carregado pelo vento, minha voz completamente abafada pelas gotas de chuva embora seu nome ressoasse em meus ouvidos.

Ele não pareceu me escutar, ou será que não tinha se importado? Respirando fundo e tentando controlar o medo que parecia devorar minhas

entranhas, corri colina abaixo o mais rápido que minhas pernas podiam suportar.

- Leon! Pare! Por favor me escute.

As costas dele se tornavam cada vez mais próximas, agora eu era capaz de perceber enquanto me aproximava correndo que o ponto azul que havia sido capaz de enxergar era o terno dele que ele usava como uma espécie de proteção precária sobre sua cabeça, enquanto tentava avançar contra a chuva.

Enquanto eu corria uma imagem brilhou em minhas lembranças num flash que me deixou sem fôlego. Na primeira vez que eu havia o encontrado, eu correria o mais rápido que era capaz tentando me desvencilhar dele, a situação agora era completamente inversa, e o desespero se se agarrava em meu coração, enquanto uma lágrima quente deslizou por minha bochecha, misturando as milhares de gotas de chuva se ricocheteavam em meu rosto. Eu precisava fazer com que ele me ouvisse.

- Leon, por favor. Me escute...

Dessa vez eu sabia que minha voz havia sido capaz de atingi-lo, os passos dele se tornavam mais lentos enquanto ele tentava subir a colina mais

próxima e íngreme a sua frente. Por um momento as costas dele ficaram imóveis, os braços sobre sua cabeça tremendo enquanto tentava segurar o terno sobre sua cabeça numa tentativa de se manter seco, as calças completamente molhadas assim como eu estava.

- Vá embora Elizabeth, volte para sua casa, não temos nada para conversar!

- Pare com isso! É logico que temos que conversar minha mãe... Leon por favor, você pode me esperar apenas um momento e me ouvir.

As palavras ficaram presas em minha garganta, a dificuldade de respirar enquanto eu falava e corria deixou meus pulmões ardendo enquanto uma dor aguda atravessava minhas costelas, usando o que sobrara de minhas forças, corri até ele alcançando-o exatamente no alto da colina, minhas se infiltrando de qualquer maneira sobre o tecido escorregadio de seu terno arrancando-o de suas mãos fazendo com que ele olhasse em minha direção.

- Me ouça... Por favor Leon. Não vá embora assim!

A expressão dele parecia ter sido esculpida em pedra enquanto ele olhava em minha direção, os olhos completamente frios e distante, azul

acinzentado exatamente como as nuvens tormentosas sobre nossas cabeças, ou as águas do lago atrás de suas costas. A boca era uma linha fina e pálida como se ele tivesse contendo milhares de palavras atrás dela. Por um momento algo rastejou na parte de trás do meu pescoço me dizendo que talvez todo meu esforço tivesse sido em vão.

- Você ainda não entendeu? O que mais eu preciso dizer para você compreender Elizabeth. Nós não temos mais nada para conversar.

- Você está mentindo Leon – respondi, os dentes em minha boca batendo como castanholas, agora que havia parado de correr o vento gélido da chuva se infiltrava sobre minha pele como garras.

- É mesmo, e por que eu faria algo assim? Você realmente se acha muito importante não é mesmo. Deve ser algum tipo de traço genético.

- Me desculpe... Eu sei que minha mãe te ofendeu e eu sinto muito por isso, mas por favor eu...

- Vá embora Elizabeth já estou farto de você e dessa maldita chuva!

Ele virou as costas mais uma vez, um passo de cada vez descendo a colina a sua frente, corri para alcançá-lo sabendo que ele não estava disposto a

me escutar de maneira alguma, mas sabendo que eu não podia mais conter as palavras que borbulhavam dentro de mim.

- Leon droga me escute! Não faça isso, então tudo o que você disse ontem a noite era uma mentira!? Por que você está fazendo isso?

- Eu não estou fazendo nada! Nós nunca tivéssemos um relacionamento, não haja como isso fosse uma espécie de termino – gritou ele em resposta seu rosto contorcido numa careta enquanto olhava para mim sobre os ombros.

- Qual é o seu problema Leon!– gritei de volta para ele deixando que a raiva de toda aquela situação e impotência surgisse em meu corpo enquanto a picada dolorida de minhas unhas se infiltrava sobre as palmas da minha mãe. – Tudo isso é por que eu disse que gostava de você? Você está fugindo de mim, ou de seus próprios sentimentos?

Os passos dele ficaram suspensos enquanto ele parava deixando que a chuva encharcasse completamente seu corpo, a camisa branca de linho grudando em seus contornos, deixando completamente exposto a tempestade, mas naquele instante ele parecia a minha frente ainda mais

vulnerável, enquanto olhava em minha direção, como se de repente por algum tipo de descuido do destino ou acaso eu tivesse conseguido penetrar por sua armadura observando exatamente o que tinha debaixo. Algo que era completamente frágil e estava ferido.

- É isso não é? – perguntei sentindo o gosto doce da chuva em meus lábios em minha língua enquanto tremores chacoalhavam meu corpo. – Você não suporta que eu diga quais são meus sentimentos por você.

- Você não sente nada por mim Elizabeth. Tudo isso que acha que sente não passa de uma confusão momentânea. Uma rebelião passageira que eu entendo completamente depois de ter conhecido sua mãe.

- É uma pena que você tenha tanta certeza disso Leon, porque está completamente enganado. Você não pode ditar o que existe ou não existe em meu coração.

Um sorriso sarcástico brincou em seus lábios, embora calor algum tocasse seus olhos. Agora eu conhecia muito bem aquela expressão, o tipo de sorriso sedutor e sem sentimento algum que ele usava em seu portfolio para se vender. A forma

como ele sorria, inclinando seu rosto deixando que apenas um de seus lábios se levantasse mais que o outro era algo completamente sedutor e irresistível. Mas, também era ensaiado uma fachada criada para atrair as pessoas enquanto ele era capaz de se manter completamente afastado delas.

Caminhando em minha direção, ele deu alguns passos até estar abaixo de mim, seu olhar virado para cima em minha direção, como se me desafiasse ou mesmo aos céus sobre nossa cabeça, deixando bem claro para todo mundo que ele não iria se curvar em hipótese alguma.

- Você não tem ideia do que está falando – começou ele, sua voz soando áspera gasta, e ressentida completamente diferente do timbre de voz que eu me lembrava. O sotaque havia se tornado mais proeminente quase áspero demais enquanto suas palavras se tingiam de uma emoção crua e pungente – Você não passa de uma garota ingênua, mimada e cheia de dinheiro que achou que poderia resolver todos seus problemas afetivos comprando um homem para te levar para cama, e agora acredita que está apaixonada por ele. Uma dúzia de beijos e algumas palavras coloridas e pronto sua receita de romance está feita não é assim

que as coisas funcionam pra você? Simples e perfeito como uma equação matemática?

As pontas de meu cabelo balançaram enquanto eu negava suas palavras se pregando ao meu rosto enquanto eu negava suas palavras afiadas. Eu sabia que ele estava fazendo aquilo para me ferir, me atacar me manter distante, e embora estivesse doendo permaneci com os pés firmes no chão deixando que a lama se acumulasse cada vez mais sobre minhas solas o frio se infiltrando pelos dedos dos meus pés, porque eu sabia que ele estava errado e certo ao mesmo tempo, e aquilo dilacerava meu coração.

Como eu podia ter sido tão estúpida? Com toda minha inteligência, meus anos de estudos eu realmente havia acreditado que bastara comprar a companhia de alguém, o toque a experiência sem realmente experimentar, vive-la, como se tudo o que eu precisasse fazer era riscar aquilo como de uma lista de afazeres. Eu tratava minha vida apenas como objetos concretos a serem alcançados, e havia arrastado Leon para o meio de tudo aquilo, sem em nenhum momento me preocupar com o que poderia acontecer com ele... Sem me preocupar com o que poderia acontecer com nos dois... Agora ambos

PERIGOSAS NACIONAIS

estávamos machucados e eu conseguia compreender por que ele não era capaz de acreditar em minhas palavras.

- Leon...

- Deixe-me deixar bem claro uma coisa Elizabeth, eu não sou seu projeto de caridade... Também não preciso de sua piedade.

- Eu sei disso, e sei que você está dizendo tudo isso porque está machucado, mas isso não faz diferença alguma para mim Leon. Meus sentimentos por você continuam o mesmo... Mas, eu preciso saber de verdade o que você sente por mim, e não aquilo que você achava melhor responder na frente da minha mãe.

- Você sabe meus sentimentos por você Elizabeth...

- Não eu não sei Leon... — respondi me aproximando dele, apenas um passo percorrendo apenas uma pequena distância, sabendo que ele sentia-se acuado naquele momento se eu me aproximasse demais, como um animal ferido, ele iria embora buscando um lugar tranquilo para lamber suas feridas. — Mas, eu quero ouvir de você, eu quero que você diga olhando em meus olhos que realmente não sente nada por mim.

PERIGOSAS ACHERON

- Eu não...

Os olhos dele se tornaram mais amplos selvagens o negro quase devorando o azul em suas pupilas, ele parecia nervoso e enraivecido e meu coração disparou em meu peito porque naquele momento eu sabia que não seria minha reação se ele realmente dissesse que não sentia nada por mim...

Abaixando a cabeça, como se tivesse perdido uma batalha interna, Leon encarou um longo momento a ponta resplandecente de seus sapatos, os ombros caindo, enquanto ele permanecia parado em minha frente uma das mãos apertando com força o terno encharcado entre os dedos.

- Vá embora Elizabeth... Por favor – respondeu ele num suspiro cansado.

- Não posso, não enquanto você não me responder essa pergunta Leon.

Ao nosso redor a chuva pareceu diminuir um pouco transformando-se em quase uma neblina enquanto o vento enchia meus ouvidos com seu lamento, a paisagem tão árida quanto meu coração.

- Você não consegue me responder Leon... Não consegue ser sincero comigo e mesmo assim se irrita quando eu falo a respeito dos meus

sentimentos.

- Elizabeth...

- Não é a minha vez de terminar falar. Você não pode escolher o que é verdade ou mentira em meus sentimentos Leon... Eu também não queria me sentir dessa forma, eu não imaginava que essa historia terminaria desse jeito eu jamais me imaginei me apaixonando por você... Mas foi exatamente isso que aconteceu. Eu te amo, e dessa vez isso é uma certeza.

Assim que as palavras deixaram meus lábios pude sentir o peso delas a forma como aquelas carregaram consigo um pedaço de mim junto. Então era assim que era o amor, aquela existência sem forma ou padrão sem começo definido que parecia ter se enraizado em meu peito. Uma parte de mim queria quase que desesperadamente que aquele sentimento fosse correspondido, agora que eu havia aprendido o que era o amor, desejava desesperadamente que ele não fosse morrer ao seu rejeitado. Em silêncio rezei implorando com todas as minhas forças para ter mais uma chance com Leon, se eu pudesse então tudo faria sentido, mas enquanto continuava ali parada a sua frente com apenas a chuva ao nosso redor nos conectando

PERIGOSAS NACIONAIS

notei a expressão dele se transformar lentamente. Primeiro houve confusão, descredito como se ele simplesmente não pudesse acreditar em minhas palavras, se esse fosse o caso então eu iria repeti-las infinitamente até o momento em que elas se tornassem reais para ele, mas então seu rosto assumiu uma expressão estranha horror marcando cada uma de suas expressões. E foi nesse momento que o mundo desabou embaixo dos meus pés.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Dezoito

A voz dele me alcançou primeiro. Antes de qualquer coisa, ele estava ali. A consciência daquele pequeno detalhe me citou de volta a realidade. Uma gota de chuva atingiu minhas pálpebras, obrigando elas a se levantarem, acima da minha cabeça o céu estendia-se como um tapete infinito as nuvens dançando como turbilhões, em variadas cores enquanto se prepararam para se derramar ainda mais sobre nós.

- Elizabeth... Você está me ouvindo, ei me responda Elizabeth!

Senti que meus olhos se abriam com dificuldade, por um momento tudo o que eu podia enxergar estava embaçado diante de mim, então senti calor ao meu redor, que deslizava lentamente por meus braços e pernas, enquanto o rosto de Leon entrava em foco. Sua expressão estava conturbada, medo deixando seus olhos azuis completamente abertos.

Ainda não tinha entendido por completo o que tinha acontecido, então enquanto tentava me mexer,
PERIGOSAS ACHERON

a dor se espalhou por minha perna subindo por minha coxa, me imobilizando completamente no lugar.

- O que aconteceu? – perguntei forçando a voz a sair para fora, minhas cordas vocais soando de maneira estranha até mesmo para meus ouvidos.

- Você caiu, todo o barranco da colina desabou completamente. Meu Deus, eu pensei que...

As palavras de Leon foram levadas junto com o vento, enquanto minha mente divagava por um momento. A explicação dele parecia completamente lógica o chão molhado abaixo dos meus pés por causa da chuva provavelmente deveria ter cedido. Eu sabia que aquilo era algo possível de acontecer mas jamais imaginara que literalmente estaria no meio de uma situação como essa, enquanto declarava meus sentimentos para outra pessoa. Parecia algum tipo de piada cósmica de extremo mal gosto.

- Você consegue levantar? –perguntou Leon os braços dele sobre minha cabeça me seguravam com extremo cuidado, e somente naquele momento eu percebi que meu corpo estava repousado sobre seu colo. Definitivamente eu deveria ter batido a cabeça muito forte se não tinha sido capaz de

perceber toda aquela movimentação. Uma parte de mim deveria estar se sentindo completamente amedrontada, mas com exceção do frio que continuava se infiltrando por minha pele, e a dor constante em minha perna, havia uma serenidade que parecia ter tomado conta de mim.

Acima da minha cabeça a chuva finalmente havia cessado, e agora o céu exibia uma cor tempestuosa mas que não tinha mais uma aparência ameaçadora, olhando para ele eu finalmente percebi que lentamente as coisas poderiam ser concertadas. A tempestade finalmente havia passado.

Erguendo minha mão deixei que a palma úmida e suja de lama tocasse a bochecha de Leon, ele estava pálido os lábios comprimidos um contra os outros, e quando toquei seu rosto pude sentir o tremor percorre-lo por inteiro.

- Você não foi embora... – eu disse deixando que um sorriso fraco brincasse em meus lábios.

- Você queria que eu te deixasse aqui fora desse jeito... Você não tem ideia de como eu fiquei assustado você.

- Eu estou bem Leon...

- Provavelmente deve ter batido a cabeça, e não

quero assusta-la mas acho que sua perna está machucada.

- Eu já disse que estou bem – respondi enquanto meu sorriso de ampliava. Eu não queria que ele continuasse se preocupando comigo, porque podia ver que ele também estava machucado. Havia um forte arranhão em sua testa, e sua mão continuava agarrada a minha, ambas completamente sujas de lama. Eu tinha certeza que ele havia mergulhado no exato momento em que percebera o barranco cedendo sob meus pés. E pela forma como ele continuava me apertando em seus braços, e procurando em minha expressão algum sinal de desconforto eu sabia exatamente porque ele estava agindo daquela maneira, e meu coração se agitou em meu peito como um pequeno pássaro espreguiçando suas asas querendo voar para longe.

- Você é tão teimosa, por que não me ouviu? – continuou Leon, o rosto voltado em minha direção os olhos azuis extremamente brilhantes. Ele parecia completamente nervoso embora o jeito que me segurasse fosse cálido e carinhoso, deixando que minha cabeça repousasse sobre seu colo.

- Leon – pedi quase num sussurro embora naquele momento eu não tivesse muita certeza se

ele realmente estava me ouvindo.

- O que vou fazer com você Elizabeth? – perguntou ele enquanto a ponta de seu dedão, deslizava gentilmente por minha bochecha.

- Bem primeiro eu vou deixar que você fica bravo comigo, depois nós vamos dar um jeito de sair desse lugar e por fim eu vou esperar quanto tempo for preciso pra você finalmente dizer em voz alta que me ama...

Epílogo

Ele não disse que me amava.

Nem mesmo depois que finalmente fomos resgatados pelos bombeiros em frente ao olhar chocado de metade de todos os convidados de minha mãe em sua festa de ação de graças que ficou rapidamente conhecida como a festa do ano. Na verdade Leon preferiu me passar um sermão, por minha teimosia, e falta de senso crítico me dizendo o quanto desnecessário tinha sido meu comportamento em ir atrás dele debaixo da chuva e como isso tinha colocado nos dois em perigo.

No final das contas, o caminho todo que fizemos em direção ao hospital foi pontilhado por nossas vozes agudas e uma retórica repleta de ironia de ambos os lados. E mesmo assim, nem por um momento eu duvidei dos sentimentos dele por mim.

Aparentemente o amor, não era demonstrado somente em palavras, mas em ações também e nesse ponto Leon definitivamente não era capaz de esconder o que realmente sentia. Era um

PERIGOSAS ACHERON

sentimento que estava presente em todos os momentos, mesmo naqueles que particularmente não pareciam promissores. Ele estava nos pequenos gestos do dia-a-dia, na conversa cotidiana e suas preocupações, e embora as vezes eu tivesse a impressão que ele inundaria meu peito rompendo todas as barreiras possíveis as vezes ele simplesmente não passava de uma brisa calma num dia tranquilo.

Diante do espelho ajeitei pela última vez o chapéu negro de formatura sobre minha cabeça, embora o resultado continuasse tão drástico e horrendo, me virando de costas para sair do banheiro decidi tentar não ligar para minha aparência, me dando por vencida, definitivamente ninguém iria ficar com uma boa aparência com aquela indumentária.

Meus passos foram lentos enquanto eu me movimentava para fora do cômodo, esbarrando em algumas outras garotas da minha sala que exibiam em seus rostos sorrisos tão nervosos quanto o meu, a tala de gesso em minha perna transformou todo aquele processo em algo ainda mais demorado, fazendo com que a ansiedade percorresse meu sangue deixando as borboletas em meu estômago

ainda mais agitadas.

Era estranho pensar que eu havia me preparado durante os últimos quatro anos para aquele momento, e mesmo agora ainda sentia um nervosismo como se eu não estivesse pronta. O pensamento trouxe um pequeno sorriso em meus lábios. Acho que no fundo nós realmente nunca nos sentíamos prontos para as grandes mudanças da vida.

Olhando para a ponta da tala de gesso que se sobressaía debaixo da minha beca lembrei do momento em que aquilo havia acontecido. A sensação da chuva tocando minha pele junto com os lábios de Leon ainda estava muito vivida em minhas memórias, tantos acontecimentos haviam transcorrido no último mês, que as vezes eu tinha essa estranha sensação de que muito tempo havia se passado, embora isso não passasse de uma percepção de minha parte.

E mesmo assim eu sabia que aquelas transformações era apenas o começo de algo completamente novo que se descortinava a minha frente, e eu ainda não era capaz de compreender por completo e quando eu pensava a respeito não me referia ao fato de que agora eu estava me

formando, e novos desafios relacionados a vida a adulta estavam a minha frente.

De certa forma toda minha vida parecia ter se transformado do dia para a noite, e as vezes eu achava que simplesmente não seria capaz de lidar com todas aquelas mudanças bruscas. Uma parte de mim sentia falta daquela inexistência anterior da ausência de preocupações, de como tudo parecia ser mais fácil e esquematizado. Sem emoções sem percalços, ou desvios. Era um tipo de imagem tentadora, os últimos dias principalmente não tinham sido nada fáceis de lidar com as constantes ligações de meus pais que continuavam nem um pouco satisfeitos com meu comportamento, ou meu relacionamento com Leon, que por enquanto ainda não tinha chegado na fase de ser nomeado, mas a verdade era que desde o acidente onde eu quebrara minha perna, e ele torcera o pulso tentando me salvar, contra todas as expectativas e prognósticos, nós havíamos permanecidos juntos.

De certa forma não fora uma escolha consciente, depois de permanecermos no hospital no mesmo quarto, assim que conseguimos a alta médica contrariando os desejos de minha mãe Brenda havia nos levados de volta para casa, e a

partir daí nós continuamos a nos ver todos os dias.

Nossos encontros eram preenchidos com beijos abraços apertados e conversas, milhares de diálogos que muitas vezes não eram nem um pouco agradáveis, mas eu começava a compreender que extremamente necessários entre nós.

Eu e Leon éramos duas pessoas que não sabiam lidar muito bem com sentimentos de uma maneira geral, e por acaso haviam se apaixonado e agora estávamos tentando fazer aquilo entre nós dois funcionar; com certeza tínhamos um longo caminho pela frente mas por enquanto cada esforço estava valendo a pena, e eu me sentia orgulhosa e feliz de mim mesma... Como se um calor agradável se espalhasse por meu peito um sentimento que eu jamais havia experimentado.

A cada dia eu estava aprendendo mais a respeito sobre Leon, e sobre mim mesma... E pouco a pouco nós trilhávamos um caminho juntos buscando um pequeno pedaço de futuro.

Leon havia deixado os dias de programa para trás, embora isso tivesse sido uma escolha sua eu não tinha escondido minha felicidade, eu queria estar ao seu lado construindo algo sério por isso havia me disposto a ajuda-lo a estudar e no

próximo semestre ele prestaria vestibular para uma faculdade comunitária. Aos poucos nós estávamos moldando as escolhas de nosso futuro.

Caminhando pelo corredor até alcançar a parte de trás do palco, onde uma pequena multidão de estudantes se exprimiam de maneira animada, deixei que minhas mãos, se fechassem sobre os apoios das minhas muletas, dois objetos que eu não via a hora de me livrar, mas que infelizmente segundo o médico só poderia acontecer na semana seguinte. O que praticamente arruinaria minha foto de formatura completamente, mas eu não tinha planejado quebrar minha perna, ou me apaixonar. Na verdade, o único plano que eu tinha feito havia sido perder minha virgindade com um completo estranho, e olha onde isso havia me levado...

Definitivamente a vida não seguida um roteiro.

E eu estava lentamente aprendendo a lidar com isso.

Não era fácil eu pensei definitivamente enquanto me sentava numa das cadeiras da fileira da frente colocadas sobre o palco do anfiteatro da faculdade quando as cortinas finalmente se abriram. Mas o que realmente era fácil na vida?

Com um sorriso nos lábios eu ouvi um por um

PERIGOSAS NACIONAIS

o nome dos meus colegas serem chamados para receberem o diploma das mãos do nosso coordenador cada um deles seguidos por um estrondoso aplauso, até que foi a minha vez.

Sentindo um ardor nos cantos dos olhos e uma emoção desconhecida, se espalhar por meu peito me levantei sem jeito tentando conter o tremor, em minha perna boa enquanto caminhava desajeitadamente com minhas muletas para pegar meu diploma.

Foi nesse momento que nossos olhos se encontraram. Como da primeira vez, por um único instante o mundo pareceu diminuir seu ritmo e nos dois ficamos suspensos naquela pequena fração de segundo que era apenas nossa.

Viver não era fácil, amar também não, mas enquanto eu olhava para Leon, meu sorriso espelhando exatamente a expressão que ele exibia naquele momento eu percebi que ambos valiam a pena. Mesmo com todos seus imprevistos e eu estava feliz que eu me apaixonara por ele.

Completamente por acaso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON